



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo

Ângela de Fátima Faria Pimenta

**Liga Operária Cataguazense: uma associação de operários no interior da  
Mata Mineira (1906-1923)**

São Gonçalo  
2011

Ângela de Fátima Faria Pimenta

**Liga Operária Cataguazense: uma associação de operários no interior da Mata Mineira  
(1906-1923)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em História Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território.

Orientador: Prof. Dr. Gelsom Rozentino de Almeida

São Gonçalo

2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

P644 Pimenta, Ângela de Fátima Faria.  
TESE Liga Operária Cataguazense: Uma associação de operários no interior da  
Mata Mineira (1906-1923) / Ângela de Fátima Faria Pimenta. – 2011.  
127f.

Orientador : Prof<sup>o</sup> Dr. Gelsom Rozentino de Almeida.  
Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade do Estado do  
Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Classe trabalhadora - Cataguases (MG) - História – Teses. 2.  
Cataguases (MG) - História – Teses. 3. Trabalhadores – Condições sociais -  
Cataguases (MG) – Teses. I. Almeida, Gelsom Rozentino de. II. Universidade  
do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

CDU 323.33(815.1)(091)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
tese/dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

Data

Ângela de Fátima Faria Pimenta

**Liga Operária Cataguazense: uma associação de operários no interior da Mata Mineira  
(1906-1923)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em História Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território.

Aprovada em 19 de dezembro de 2011.

Orientador: Prof. Dr. Gelsom Rozentino de Almeida  
Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo - UERJ

Banca Examinadora: \_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Sydenham Lourenço Neto  
Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo - UERJ

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Ricardo Figueiredo de Castro  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

## **AGRADECIMENTOS**

Ao começar esse trabalho as incertezas começaram a ser minha principal companhia. Produzir conhecimento e enveredar num campo novo, ainda não analisado pela história da cidade, resgatar as experiências dessa associação operária que pontuou a vida de operários em um determinado período da história, analisar as fontes, passou a ser um peso pela responsabilidade do que seria produzido. Enfim, o resultado de meses de cansaço, insônia e o prazer do trabalho realizado, trazem novas possibilidades.

Para começar gostaria de agradecer a minha família e em especial minha filha, Jeane, que me ajudou a dar os primeiros passos para que esse sonho se realizasse e pela paciência em hospedar em sua casa durante o período das disciplinas.

Ao meu orientador, Gelsom Rozentino por acreditar na realização desse trabalho. Também agradeço sua contribuição.

A Secretaria de Educação de Minas Gerais por possibilitar a realização desse estudo ao permitir minha ausência na sala de aula.

Por fim, a todos que acreditaram nessa pesquisa.

## RESUMO

PIMENTA, Ângela de Fátima Faria. *Liga Operária Cataguazense: uma associação de operários no interior da Mata Mineira (1906-1923)*. 2011. 127 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2011.

A presente dissertação é um estudo sobre a formação do operariado, através da criação de uma Liga Operária em Cataguases, cidade do interior da Zona da Mata Mineira entre os anos 1906 a 1923. O principal objetivo é investigar o funcionamento dessa associação, o papel na mobilização operária cataguasense, os espaços sociais construídos e a maneira como os trabalhadores atuaram como parte integrante da mesma. Privilegiamos como fonte primária, para obtenção dos dados, o jornal Cataguazes, que durante todo o processo de atuação da Liga Operária se fez presente através das informações por ela cedidas. Das fontes secundárias foram importantes as teses e dissertações, obras de historiadores que foram fundamentais como aporte teórico, entre outras. A conclusão do trabalho aponta que, na formação do operariado em Cataguases, a participação da Liga foi imprescindível nesse processo. Para tanto, foi necessário refletir sobre as relações estabelecidas entre o proletariado de Cataguases e a Liga Operária, vivências estas experimentadas nos momentos de agregação e comemorações, ampliadas tanto no interior da associação, quanto nos locais de trabalho e no cotidiano operário.

Palavras-chave: Liga Operária Cataguazense . Classe operária. Imprensa.

## RÉSUMÉ

Cette thèse est une étude sur la formation de la classe ouvrière, à travers la création d'une Ligue des travailleurs dans les Cataguases, ville minière dans la zone forestière entre les années 1906 à 1923. L'objectif principal est d'étudier le fonctionnement de l'association, travaillant rôle dans la mobilisation des cataguasense espaces sociaux construits et comment les employés ont agi comme une partie intégrante. Privilège comme une source primaire pour l'obtention des données, le Cataguazes journal, que pendant tout le processus de fonctionnement de la Ligue des travailleurs a été présent à travers les informations qu'il transférés. Les sources secondaires sont importants thèses et des dissertations, des travaux d'historiens qui ont été critiques et théoriques, entre autres. L'achèvement des travaux indique que l'éducation des travailleurs dans Cataguases, la participation de la Ligue a été essentiel dans ce processus. Ainsi, il était nécessaire de réfléchir sur les relations entre le prolétariat et les travailleurs Cataguases Ligue, les expériences qu'ils ont vécu dans des moments de reconnaissance et de célébration, élargi à la fois au sein de l'association, et le lieu de travail et dans travailleur quotidienne.

Mots-clés: Ouvriers ligue cataguazense. Classe ouvrière. La presse.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 - Localização geográfica de Cataguases.....	21
Mapa 2 - Estrada de Ferro Leopoldina.....	23
Quadro 1 - Relação do peso em quilos dos gêneros exportados pelas estações no ano de 1905.....	30
Quadro 2 - Relação de indústrias por anos, 1904 -1920.....	32
Quadro 3 - Diretoria Liga Operária Cataguazense.....	48
Gráfico 1 - Relação de preços dos produtos básicos durante a Primeira Guerra Mundial.....	101

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
1	<b>O DESPERTAR DO PROLETARIADO NA ZONA DA MATA MINEIRA: CATAGUASES</b> .....	19
1.1	<b>Formação da classe operária em Cataguases</b> .....	19
1.2	<b>Tendências ideológicas no fazer-se do operariado cataguasense</b> .....	33
2	<b>LIGA OPERÁRIA CATAGUAZENSE: IMPRENSA, ORGANIZAÇÃO, AÇÃO</b> .....	41
2.1	<b>A Liga Operária Cataguazense e o jornal Cataguazes</b> .....	41
2.1.1	<b><u>O Cataguazes</u></b> .....	60
2.2	<b>Critérios de associação e práticas</b> .....	68
2.3	<b>A Liga Operária e seus 1º de Maio</b> .....	71
2.4	<b>Espaços festivos na trajetória da Liga</b> .....	81
2.5	<b>A intelectualidade em cena</b> .....	84
2.6	<b>Mulher: a conquista de um espaço</b> .....	86
3	<b>O DESAPARECIMENTO DA SIMPATIA COMPREENSIVA COM O MOVIMENTO OPERÁRIO</b> .....	93
3.1	<b>A participação da Liga em Congressos e Conferências</b> .....	93
3.2	<b>A greve de 1920</b> .....	99
4	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	107
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	110
	<b>ANEXO A - Estação inicial da Estrada de Ferro Cataguazes - s/d</b> .....	116
	<b>ANEXO B - Fábrica de Fiação e Tecelagem Cataguazes - 1906</b> .....	117
	<b>ANEXO C - Respectivamente interior e fachada da Fábrica de Tecidos União Industrial - 1913</b> .....	118
	<b>ANEXO D - Engenho Central de Cataguases - 1907</b> .....	119
	<b>ANEXO E - Estabelecimento Industrial Nogueira &amp; Companhia - 1914</b> .....	120
	<b>ANEXO F - Fábrica de Gelo e Laticínios - 1914</b> .....	121
	<b>ANEXO G - ANEXO G: Interior da Fábrica de Fiação e Tecelagem Cataguazes - Década de 10, Século XX</b> .....	122
	<b>ANEXO H - Companhia Força e Luz: Cataguazes-Leopoldina - 1908</b> .....	123
	<b>ANEXO I - Fábrica de calçados José Schettini - 1913</b> .....	124
	<b>ANEXO J - Casa Fenelon - Década de 10, Século XX</b> .....	125
	<b>ANEXO L - Respectivamente fachada e interior do Cine Theatro Recreio - Década de 10, Século XX</b> .....	126
	<b>ANEXO M - Programação da festa realizada pela Liga Operária Cataguazense</b> .....	127

## INTRODUÇÃO

### Classe, consciência de classe e organização operária: algumas considerações

“... A classe operária surgiu como o sol numa hora determinada. Ela estava presente no seu próprio fazer-se”.<sup>1</sup>

A literatura sobre a classe trabalhadora, tanto na Europa quanto no Brasil, sempre foi acompanhada de amplos debates teóricos e metodológicos. Isso certamente reflete, em grande medida, o caráter militante de muitos trabalhos, vários deles realizados fora das universidades.<sup>2</sup> Conceitos como "consciência de classe" e as próprias definições do termo "classe" sempre estiveram no centro das discussões entre historiadores. Ressaltamos a importância da utilização desses conceitos, que a partir de Eric Hobsbawm e Edward Thompson ganharam uma nova dimensão, mais criativa e dinâmica, passando a ser tratados como fenômenos históricos perceptíveis e compreensíveis através da análise de conjunturas reais.

Eric Hobsbawm, um dos principais estudiosos da classe trabalhadora, afirma que uma classe, em sua acepção plena, só vem a existir no momento histórico em que as classes começam a adquirir consciência de si próprias como tal.<sup>3</sup> De acordo com esse historiador

A história de qualquer classe não pode ser escrita se a isolarmos de outras classes, dos Estados, instituições e ideais que fornecem sua estrutura, de sua herança histórica e, obviamente, das transformações das economias que requerem o trabalho assalariado industrial e que, portanto, criaram e transformaram as classes que o executaram.<sup>4</sup>

Também afirma que “a consciência de classe é um fenômeno da era industrial moderna – embora admita a presença de conflitos de classe em outras épocas”.<sup>5</sup> Muitas

---

<sup>1</sup> THOMPSON, E. P. A formação da Classe Operária Inglesa. Vol.1, A árvore da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p.9.

<sup>2</sup> HOBBSAWM, E. J. Mundos do Trabalho: novos estudos sobre a história da classe operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p.18.

<sup>3</sup> Ibid., p. 35.

<sup>4</sup> Ibid., p. 13-23, 29-36.

<sup>5</sup> Ibid., p.37.

análises de Hobsbawm sobre a consciência de classe estão pautadas nas definições de Lênin<sup>6</sup>, entre as quais: "consciência sindical", um nível mais baixo de consciência – referente às lutas e organizações dos trabalhadores por questões mais imediatas – e "consciência socialista", que seria o mais elevado nível de consciência entre os trabalhadores. Mas ambos os níveis de consciência implicariam a existência de organizações formais portadoras da ideologia da classe – como os sindicatos e partidos – sem a qual a organização consistiria apenas num complexo de hábitos e práticas informais.

As teorias de Thompson a respeito da formação das classes, assim como suas formulações conceituais referentes à consciência e à cultura, nos dão margem para que a investigação histórica se atenha principalmente ao ponto de vista dos sujeitos da história. Por classe, entende como um fenômeno histórico cuja ocorrência pode ser demonstrada nas relações humanas:

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais.<sup>7</sup>

Dessa maneira, os procedimentos teórico-metodológicos de Hobsbawm e Thompson, embora empregados na interpretação acerca de contextos e processos históricos específicos da Inglaterra, acabam também servindo como instrumentos de investigação para trabalhos historiográficos referentes a outras situações e a outros sujeitos. Entendidos como propostas metodológicas, ampliam as possibilidades de compreensão sobre a formação dos trabalhadores como classe. Esse processo, que é visto como resultado das lutas por interesses, presentes no cotidiano dos trabalhadores, pode ser bastante amplos. Dessa forma, tida como resultado dessas lutas, a consciência não tem um modelo único e definido. Esse tipo de abordagem amplia as possibilidades de investigação acerca da organização dos trabalhadores, bem como o conceito de política, que passa a ser entendido principalmente como luta por interesses em comum.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> LENIN, V. Que Fazer? São Paulo: Hucitec, 1986.

<sup>7</sup> THOMPSON, Edward. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.9-10.

<sup>8</sup> Ibid. p.10.

De maneira semelhante ao modelo europeu, o estudo sobre classe trabalhadora no Brasil também é marcado pelo debate metodológico, teórico e conceitual. Classe, consciência de classe, movimento operário e cultura estão no centro das discussões. Edgar Carone, um dos primeiros historiadores do movimento operário no Brasil, contrapõe a maturidade teórica dos trabalhadores europeus ao estágio imaturo dos trabalhadores brasileiros. Para esse historiador, os trabalhadores só teriam progredido, mesmo de forma limitada, após 1880, com o aparecimento da imprensa e das primeiras organizações operárias. Mesmo assim, para Carone, não teria havido avanços substanciais dos aspectos ideológicos e organizatórios os quais, em seu estado de amadurecimento pleno, acarretariam a formação de um partido, o "pivô central"<sup>9</sup>.

Boris Fausto, ao falar sobre as "Correntes organizatórias e seu Campo de Incidência" no movimento operário brasileiro, discorre sobre as características ideológicas dos socialistas e das tendências anarquistas no Brasil, utilizando o referencial marxista perpassado pela teleologia, que não dá conta das diferentes realidades. Ao discutir sobre a atuação dos primeiros sindicatos e partidos operários e sobre as características da imprensa operária, Fausto procura, a todo instante, demonstrar as limitações e debilidades dessas primeiras experiências organizatórias. Essa debilidade seria decorrente das condições objetivas da sociedade, onde "o peso restrito da classe operária" tornava inviável o surgimento de um núcleo dirigente inspirado no marxismo revolucionário e que pudesse conceber o proletariado como classe universal, "capaz de liderar as camadas dominadas na transformação revolucionária da classe".<sup>10</sup>

Outro historiador do movimento operário brasileiro, Sheldon Maram, trata sobre as primeiras experiências organizatórias dos trabalhadores desde o final do século XIX. Condições de vida do trabalhador, imigração e conflitos étnicos, atuação dos partidos socialistas e operários, como o Partido Socialista Brasileiro (1902)<sup>11</sup>, influência dos denominados anarcossindicalistas, congressos operários, movimentos grevistas e repressão policial e seus efeitos na dinâmica de organização sindical dos trabalhadores estão entre os pontos centrais abordados por Sheldon Maram. E, de maneira semelhante a Edgar Carone e Boris Fausto, Maram também se debruça sobre as limitações e debilidade do movimento

---

<sup>9</sup> CARONE, Edgar. *Classes sociais e Movimento Operário*. São Paulo: Ática, 1989, p.29.

<sup>10</sup> FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social. (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Difel. 1986, p.104.

<sup>11</sup> MARAM, S. L. *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979, p.103.

operário brasileiro. Falta de disciplina e desorganização, atribuídas às lideranças sindicais, são apontadas por esse historiador como as principais causas do fracasso do movimento operário no início do século XX.

Por outro lado, alguns historiadores suscitaram questionamentos às abordagens tradicionais a respeito da classe trabalhadora, propondo novos enfoques teóricos e metodológicos. Parte importante desse debate pode ser notado nas observações feitas por Michel Hall e Paulo Sérgio Pinheiro, que teceram críticas em relação à historiografia tradicional sobre o operariado:

Os autores avaliam se determinadas políticas são "corretas" ou mais frequentemente "incorretas" do ponto de vista de uma teoria. Há geralmente um carregado tráfico das palavras "ciência" e "científico". Os autores estão sempre prontos, habitualmente com uma nota de descrédito, horror ou desgosto, para constatar que a classe operária na América Latina falhou em levar a cabo a revolução proletária, portanto "traindo sua missão histórica". A classe operária, em tais interpretações, é em consequência classificada - ao menos tacitamente - como patológica: fraca, apática, imatura, desorganizada, sofrendo de uma aguda falsa consciência e daí por diante.<sup>12</sup>

As críticas de Hall e Pinheiro tinham como alvo principal historiadores como Boris Fausto e Sheldon Maram que enxergando a classe operária como imatura, desorganizada e sem forças para oferecer um projeto antagônico ao das classes dominantes,<sup>13</sup> veem o movimento e a organização dos trabalhadores no início do século como desprovido de qualquer indício de consciência de classe, e, muitas vezes como mera aparição espasmódica da plebe revoltada ou movimento de caráter pré-político. Isso devido à ausência de um partido revolucionário que, na visão desses historiadores, seria a única forma de organização a representar e levar adiante os interesses dos trabalhadores. Ideia essa refutada também por Paoli, ao afirmar que o operariado brasileiro não é nem nunca foi atrasado e irracional, embora possa ser conservador. Em suma, que os dominados existem e têm voz própria e até mesmo, longe de serem alienados e passivos.<sup>14</sup>

Para Cláudio Batalha,

A noção de classe social, conceito central na história do trabalho, sem deixar de estar presente, não reina mais absoluta. Mostrando-se cada vez mais sensível a outros recortes além do de classe, tais como gênero, raça etnia, a história do trabalho nos últimos anos ao invés de contrapor esses diversos recortes, tenta integrá-los. Os temas tratados pela história do trabalho já não privilegiam esse ou aquele aspecto, tendem a

---

<sup>12</sup> HALL, Michel M.& PINHEIRO, Paulo S.. Alargando a História da Classe Operária. *Remate de Males* . n° 5. 1985.

<sup>13</sup> CHAUI, M.& FRANCO, M. S. C. Ideologia e Mobilização Popular. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p.20.

<sup>14</sup> PAOLI, Maria Célia. Os Trabalhadores Urbanos na Fala dos Outros: tempo, espaço e classe na história operária brasileira. In: Cultura e Identidade Operária (coord. José Sérgio Leite Lopes). Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1987. p.54.

ter mais atenção com a diferença e a complexidade da realidade. A história do trabalho tradicional preocupava-se essencialmente com os aspectos que unificavam os trabalhadores; sem abandonar essa dimensão essencial para a compreensão da ação classista, está cada vez mais atenta àquilo que os divide (origens étnicas, diferenças de ganhos e de status social, crenças, etc).<sup>15</sup>

Ao criticar os paradigmas do socialismo reformista durante a Primeira República, faz observações pertinentes acerca do conceito consciência de classe. Nos debates sobre o papel de comunistas e anarquistas junto ao operariado, afirma que “há uma noção explícita de que a classe operária é, necessariamente, revolucionária e que, portanto, sua única forma verdadeira de consciência de classe é a que assume esse papel revolucionário”.<sup>16</sup> Para Batalha é difícil falar sobre o sindicalismo reformista sem vinculá-lo a alguma forma de consciência de classe. E se essa consciência não se enquadra nas formas classificadas como “corretas” pela historiografia “é porque constitui uma outra forma assumida pela consciência de classe do operariado.”<sup>17</sup> Batalha abre outras possibilidades de pensar sobre a consciência no movimento operário da Primeira República, que também devem ser pensadas em relação a outros tipos de organização adotadas entre os trabalhadores.

Gomes afirma que o trabalhador, ao resgatar as primeiras propostas que colocaram publicamente a possibilidade e a legitimidade de se figurar como um ator social e político da República, tenta captar as principais características dessas propostas, muitas vezes articuladas a formas organizacionais efêmeras, apontando os temas que elas sustentaram e os problemas que tiveram de enfrentar.<sup>18</sup>

Em *Caminhos Operários nas Minas Gerais*,<sup>19</sup> Eliana de Freitas Dutra debruça-se sobre o movimento da classe operária de Minas Gerais na Primeira República. A autora reconstrói a história de um segmento das classes trabalhadoras que parecia inexistente na história do sindicalismo brasileiro: a do operariado de Juiz de Fora e Belo Horizonte durante os anos da Primeira República. Em seu estudo sobre as primeiras associações de trabalhadores nas duas principais cidades industriais mineiras, mostra a existência de dois movimentos divergentes: em Juiz de Fora, o sindicalismo com maior capacidade de mobilização e ideologicamente mais heterogêneo, notando-se a presença de grupos anarcossindicalistas. Em

---

<sup>15</sup> BATALHA, Cláudio H. M. Os desafios atuais da História do Trabalho. Anos 90, Porto Alegre, v.13, n.23/24, jan.dez. 2006. p.87-104.

<sup>16</sup> BATALHA, Cláudio H. M. “Uma outra consciência de classe? O sindicalismo reformista na Primeira República”. In: Ciências Sociais Hoje, 1990. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990. p.118.

<sup>17</sup> IBID. p.125.

<sup>18</sup> GOMES, Ângela de Castro. A invenção do Trabalhismo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 3. ed.

<sup>19</sup> DUTRA, Eliana de Freitas. Caminhos Operários nas Minas Gerais. São Paulo: Hucitec, 1988.

Belo Horizonte, o sindicalismo, sob a inspiração da Encíclica *Rerum Novarum*, que mobilizou-se de forma menos agressiva. De acordo com a *Rerum Novarum* o sindicato teria um papel voltado para o aperfeiçoamento moral, espiritual e religioso de seus sócios, como também a luta por melhores condições de trabalho, melhores salários entre outras reivindicações.

Luis Eduardo de Oliveira, em *Os Trabalhadores e a cidade*, preocupou-se com o processo que levaria trabalhadores a se compreenderem como classe social em Juiz de Fora, circunstanciando os aspectos centrais da experiência social desses estratos sociais populacionais despossuídos, como também o caráter das atividades classistas, o conteúdo das reivindicações e as formas de organização adotadas pelos assalariados juizforanos na passagem do século XIX para o XX.<sup>20</sup>

Tentamos apreender, através dessas análises, a classe operária do início do século XX em sua peculiaridade, em seu contexto histórico e com suas experiências, que não podem ser vistas como um modelo definido de classe ou de consciência de classe. Destarte, as discussões levantadas nos permitirão entender novos domínios históricos da classe operária, conseguindo levá-la para além “do quadro estreito da história política e ideológica onde tinha sido confinada”.<sup>21</sup>

### **Cultura e associação de trabalhadores na Zona da Mata Mineira**

Além dos conceitos classe e consciência de classe, há uma preocupação por parte dos historiadores em ressaltar a existência de uma cultura de classe. Para Hobsbawm é impossível localizar os padrões característicos da cultura da classe operária como um todo até o final do século XIX. Esta cultura estaria ligada ao surgimento do capitalismo industrial, quando este tornou-se o modo de vida comum e aceito das classes trabalhadoras.<sup>22</sup> Já o historiador Gareth Stedman afirma que, em consequência do uso do tempo livre surgiu uma cultura operária no início do século XX, no entanto, “não foi uma criação consciente dos trabalhadores ou que estava limitada a eles, mas somente que, por sua mera importância numérica, as preocupações e predileções dos trabalhadores deixaram uma clara marca na

---

<sup>20</sup> OLIVEIRA, Luis Eduardo de. *Os trabalhadores e a cidade: a formação do proletariado de Juiz de fora e suas lutas por direitos (1877-1920)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

<sup>21</sup> HAUPT, Georges. “Por que a História do Movimento Operário?” *Revista Brasileira de História*. n.º. 10, 1986.

<sup>22</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p.263.

forma adotada por essa cultura.”<sup>23</sup> Para Thompson, a cultura de classe assume a forma de sistema articulado a partir da própria atuação e da pressão da classe sobre elementos culturais que, algumas vezes, vão além dos costumes e hábitos em comum e por escolhas. Esse processo é marcado pelo conflito, lutas constantes, por interesses em comum e por escolhas. A cultura é tida como central no processo de formação das classes. No entanto, ela nunca é consensual. Ao contrário, é um campo em conflito. Portanto, qualquer tipo de generalização torna-se vazia se não situada em contextos históricos específicos.<sup>24</sup>

Tratando das modificações da cultura proletária inglesa no início do século XX, Richard Hoggart faz algumas observações em relação ao peso do movimento operário e à cultura dos trabalhadores.<sup>25</sup> De maneira diferente de Eric Hobsbawm, que afirma que a cultura proletária a partir do final do século XIX seria incompreensível sem o movimento operário, Hoggart afirma que, nos estudos sobre os trabalhadores, há uma atribuição exagerada à atividade política na vida das classes proletárias.

No Brasil, Antônio Arnoni Prado em *Libertários no Brasil*<sup>26</sup> e Francisco Foot Hardman em *Nem Pátria Nem Patrão*<sup>27</sup> viram a importância de analisar as experiências dos trabalhadores através de suas manifestações culturais. Hardman ressalta a necessidade de tratar a cultura como inerente ao processo de formação do seu movimento. Entre as manifestações culturais analisadas pelo autor, as atividades de propaganda e outras, ligadas aos círculos sindicais e anarquistas, estão entre as abordagens centrais, bem como as tensões e os conflitos entre as práticas militantes relacionadas à classe de maneira mais ampla. Em *Libertários no Brasil*, obra com artigos de vários autores, destaca-se a produção cultural ligada aos núcleos anarquistas, tendo como questões centrais da obra romances sociais, folhetins, atuação de militantes e intelectuais e suas relações com os trabalhadores.

As tentativas de perceber a experiência da classe trabalhadora através das manifestações culturais privilegiam os núcleos sindicais que apesar de sua importância, não podem ser vistos como única forma de identidade dos trabalhadores. De acordo com Foot Hardman e Victor Leonardi, havia uma extrema riqueza cultural da classe em seu processo de

---

<sup>23</sup> JONES, Gareth Stedman . Lenguajes de classe. Estudios sobre La historia de La classe obrera inglesa.(1832-1932) . Madri;Siglo Veintiuno Editores, 1989. p.9.

<sup>24</sup> THOMPSON, E. P. Costumes em comum. Tradução: Rosaura Eichemberg. São Paulo: Cia das Letras: 1998, p.17.

<sup>25</sup> HOGGART, Richard. As Utilizações da Cultura: Aspectos da vida da classe trabalhadora. Lisboa: Presença. 1973.

<sup>26</sup> PRADO. A. A. (Org.). Libertários no Brasil: memória, lutas e cultura. São Paulo: Brasiliense, 1986.

<sup>27</sup> HARDMAN, Francisco Foot. Nem Pátria, nem patrão: Vida operária e cultura anarquista no Brasil. São Paulo: Brasiliense: 1983.

formação, vinculada “à própria heterogeneidade nacional e regional do proletariado nascente.”<sup>28</sup> Essa cultura também se traduziu em relação aos espaços em que os trabalhadores compartilhavam experiências e construíam sua identidade, que não estavam associadas somente às organizações sindicais.

Para Batalha, a cultura associativa significa um conjunto de propostas e práticas culturais das organizações operárias, expressando uma visão de mundo nos discursos e rituais que regem a vida dessas associações.

Pode-se dizer que a riqueza do ritual é proporcional à solidez da organização, à estabilidade, aos recursos financeiros, à capacidade de manter sede própria, à existência de uma história e uma tradição, confirmada por seus símbolos.<sup>29</sup>

Batalha argumenta ainda que essa cultura associativa forneceu condições necessárias para a formação de uma cultura da classe operária e uma resposta para os trabalhadores, que durante a Primeira República eram excluídos politicamente e socialmente do sistema. O associativismo nesse período, das classes trabalhadoras em geral e da classe operária em particular, vai se caracterizar por uma rede extremamente diversificada e rica de associações como: sociedades recreativas, esportivas dançantes que conviviam com sociedades profissionais, mutualistas, culturais e políticas.<sup>30</sup>

Concomitante a esse associativismo constatamos experiências de greves operárias, além de representações de associações operárias mineiras no Congresso Internacional da Paz, realizado no Rio de Janeiro em 1915<sup>31</sup>, e no 1º, 2º e 3º Congresso Operário Brasileiro de 1906, 1913 e 1920, respectivamente. “Cronistas do Movimento Operário Brasileiro, tais como Hermínio Linhares, Jover Telles, Edgar Rodrigues e Everardo Dias, relatam sem exceção episódios como greves e manifestações públicas, envolvendo a classe operária de Minas Gerais na República Velha,”<sup>32</sup> tendo como suporte associações operárias organizadas no início do século XX.

---

<sup>28</sup> HARDMAN, Francisco Foot & LEONARDI, Victor. História da Indústria e do Trabalho no Brasil. São Paulo: Ática: 1982, p. 254.

<sup>29</sup> BATALHA, Cláudio H. M. Cultura associativa no Rio de Janeiro na Primeira República. In: BATALHA, Cláudio H. M. et al (org.) Culturas de classe. Campinas: Unicamp, 2004. p.100.

<sup>30</sup> BATALHA, Cláudio. Formação da classe operária e projetos de identidades coletivas. In FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília de Almeida N.(org.) O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excludente. v.1, RJ, civilização Brasileira, 2003.

<sup>31</sup> HARDMAN, Francisco Foot & LEONARDI, Victor. História da Indústria e do Trabalho no Brasil. São Paulo: Ática: 1982. p. 20.

<sup>32</sup>HARDMAN, Francisco Foot & LEONARDI, Victor. História da Indústria e do Trabalho no Brasil. São Paulo: Ática: 1982. p. 20.

Não obstante as diferenças teóricas, metodológicas e políticas entre historiadores que discutem a cultura dos trabalhadores, é comum que seja analisada como um conjunto de hábitos, práticas, símbolos, tradições, instituições inventadas ou incorporadas por trabalhadores em diversos contextos históricos. No caso dos trabalhadores de Cataguases, torna-se difícil falar sobre o conjunto dessa cultura como algo homogêneo. A diversidade desses trabalhadores, entre os quais existiam imigrantes europeus e trabalhadores oriundos do meio rural, alguns ex-escravos, sugere uma diversidade e uma multiplicidade de tradições, costumes e formas de sociabilidades que seriam inexplicáveis através de um modelo único.

Partindo dos referidos pressupostos, esse trabalho buscou, no desenvolvimento dos capítulos, elucidar a organização dos operários de Cataguases no início do século XX, tendo como foco principal o *Jornal Cataguases*, editado na época estudada. Para isso fez-se necessário uma discussão introdutória sobre a maneira pela qual alguns estudiosos utilizam conceitos como classe, consciência de classe, cultura e associações de trabalhadores, conceitos estes fundamentais para o referencial teórico e analítico desse trabalho.

O segundo item apresenta uma análise acerca das abordagens historiográficas a respeito da cultura e organização dos trabalhadores na Zona da Mata Mineira. Abordagens essas que privilegiam, na maioria das vezes, as organizações sindicais já cristalizadas pela historiografia (com forte matriz paulista) em detrimento de associações com matrizes variadas, que representam diferentes orientações políticas e ideológicas, organizadas no interior de Minas, no início do século. Este item será baseado em escolhas analíticas, que propiciem uma base de discussão para o nosso tema. Dentre os autores de referência, destacamos: Hobsbawm, Thompson, Stedman, Hoggart, Hall, Maran e outros.

Durante as primeiras décadas do século XX, trabalhadores de diferentes categorias e etnias passaram a se organizar em Cataguases, com o aparecimento de pequenas e médias indústrias associadas ao padrão de urbanização e desenvolvimento econômico da cidade. No caso da Liga Operária Cataguazense, o fator que permitiu a organização dos trabalhadores possibilitou a elaboração de estratégias administrativas, com a adoção de regras sociais e projetos políticos próprios, mobilizando pessoas em torno de objetivos concretos (auxílio funeral, pensões, escolas). A investigação histórica sobre trabalhadores cataguasenses em uma associação operária torna-se interessante quando se interroga como esses sujeitos históricos articulam as relações econômicas, sociais, culturais e políticas, nas quais estavam inseridos,

---

criando um sentido para a sua existência, evidenciando semelhanças com processos de outros locais e, ao mesmo tempo, destacando as singularidades da experiência vivida em Cataguases, no início do século XX.

Sendo assim, o objetivo dessa dissertação é compreender: 1) Como e por que no início do século XX é criada uma associação de trabalhadores no interior da Mata e sob quais tendências ideológicas se define? 2) Quais necessidades, individuais e coletivas, eram atendidas por essa associação? 3) Quais os significados atribuídos pelos associados ou não, e pelos outros setores da sociedade? 4) De que forma esses agentes históricos se relacionam com esses trabalhadores e com quais intenções se identificam?

Nosso estudo limita-se às manifestações da classe operária de Cataguases, acompanhando sua trajetória de 1906 a 1923. O corte cronológico inicial – 1906 – justifica-se por ter sido o início da organização de trabalhadores nas fábricas, bem como a criação de uma associação operária. É importante ressaltar o ano de 1917, decisivo para o desenrolar do movimento operário em todo mundo em decorrência da Revolução Russa, mais ainda porque o Brasil, a partir dessa época, convive com uma conjuntura marcada por greves que assolam o país, como também para Cataguases, onde o número elevado de trabalhadores, apoiados pela Liga Operária Cataguazense reivindica seus direitos junto aos donos das fábricas.

O segundo corte – 1923 – foi estabelecido devido à intensificação da repressão policial, um dos componentes da política de Arthur Bernardes, que governava o país em estado de sítio, surtindo efeitos negativos para as organizações trabalhadoras, interferindo na prática operária. Nesse mesmo ano, percebe-se que em Cataguases, o assunto operário que era abordado pela imprensa oficial é silenciado como toda e qualquer manifestação da Liga Operária Cataguazense.

A maioria dos estudos sobre associações operárias utiliza como fontes os estatutos, os relatórios administrativos, notícias ou convocações publicadas na imprensa, livros de matrícula dos sócios, atas e a legislação elaborada para regulamentar o funcionamento dessas organizações onde atuavam. A utilização desses tipos de documentação não foi possível devido ao seu desaparecimento por razões desconhecidas. Acreditamos que tais registros, por permanecerem nos próprios arquivos da sede da Liga Operária, se perderam com o tempo. Privilegiamos, então, como fonte histórica, a imprensa oficial local e algumas poucas fotografias da época.

No primeiro capítulo, **O despertar do proletariado na Zona da Mata Mineira: Cataguases**, pretendemos abordar o início da industrialização em Cataguases, a composição do operariado (etnia) e bem como correntes ideológicas que possivelmente influenciaram a

formação desse grupo de trabalhadores. Utilizaremos como fonte primária o jornal Cataguazes e fotografias referentes ao contexto estudado. Na discussão historiográfica, as principais contribuições vieram de estudos em história social do trabalho, dentre eles os trabalhos de Cláudio Batalha, Beatriz Loner, Eliana Dutra, Hardman e Leonardi, entre outros.

No segundo capítulo, **Liga Operária Cataguazense: Imprensa, Organização, Ação**, passaremos a uma análise da organização da Liga Operária Cataguazense e à importância do jornal Cataguazes na divulgação de suas atividades. A seguir procuramos identificar os organizadores dessa associação e sua participação na formação desse proletariado. Além da abordagem tocante às principais práticas do cotidiano promovidas pela Liga, procuraremos verificar a maneira como se dava a inserção dos associados como membros da mesma. Enfatizaremos também a participação de mulheres e a sua atuação como membro dessa associação. O Primeiro de Maio também será abordado como uma das principais práticas da Liga. Também neste capítulo a principal fonte utilizada será o jornal Cataguazes.

No terceiro capítulo, **O desaparecimento da “simpatia compreensiva” com o movimento operário**, trataremos da participação da Liga em diversos congressos estaduais e nacionais e os reflexos dos mesmos para a associação e seus membros, entre 1906 e 1920. Veremos também como esta associação deixou de existir e os motivos pelos quais a Liga saiu de cena no contexto da sociedade cataguasense. Obras como a de Eliana Dutra, Boris Fausto, José Sérgio Leite Lopes, Cláudio Batalha, Marcelo Badaró, Cláudia Viscardi, Adhemar Lourenço da Silva Jr., são referências para o estudo da formação da classe operária bem como de greves, congressos e tendências ideológicas no período estudado. Também utilizaremos como fonte primária o jornal Cataguazes, nosso principal referencial nessa pesquisa.

Assim, investigar os diversos espaços em que essa cultura se manifestou, fundados sob lógicas e critérios diferenciados, mas ligados à experiência, e portanto ao “fazer-se” dos trabalhadores, é uma maneira de problematizar aspectos ainda não explorados sobre a classe trabalhadora de Cataguazes.

## 1 O DESPERTAR DO PROLETARIADO NA ZONA DA MATA MINEIRA: CATAGUASES

Corremos o perigo de esquecer que o sujeito e objeto de nossas pesquisas são seres humanos? Não deveríamos correr esse risco, pois são pessoas - não o "trabalho", mas homens e mulheres trabalhadores reais, mesmo que frequentemente ignorantes, míopes e preconceituosos – o que o nosso estudo focaliza. Para muitos de nós o objeto final do nosso trabalho é criar um mundo no qual os trabalhadores possam fazer sua própria vida e sua própria história, ao invés de recebê-las prontas de terceiros, mesmo que dos acadêmicos.<sup>33</sup>

### 1.1 Formação da classe operária em Cataguases

Como pensar a formação do proletariado nos primórdios do século XX? Mais especificamente: como se forma a consciência de classe nos anos iniciais do século XX? Como e por que numa pequena cidade do interior mineiro os operários se organizam no início do século XX?

Antônio Gramsci nos traz uma contribuição original para a compreensão da formação da classe operária sob o capitalismo, ao aplicar o conceito de hegemonia para elucidar as formas de construção da consciência de classe do proletariado. Para Gramsci, as classes sociais não podem ser totalmente compreendidas sem nos remetermos ao conceito de hegemonia. As classes sociais não podem ser apreendidas isoladas uma das outras, sendo esse conceito usado para compreender as relações entre as classes sociais numa sociedade onde estas são hierarquizadas de acordo com seu possível acesso ao domínio dos meios de produção. Pretende dar conta da complexa relação de subordinação da classe operária à burguesia, onde o uso da força por meio desta não é elevado à única explicação para seu papel dominante na sociedade.<sup>34</sup>

A hegemonia, portanto, não é apenas o uso ostensivo e legalizado da força pela burguesia, nem é apenas o domínio ideológico – é a imposição da sua visão do mundo,

---

<sup>33</sup> HOBBSBAWM, E. J. História Operária e Ideologia. In: Mundos do Trabalho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 32.

<sup>34</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. Gramsci: estudo sobre seu pensamento político. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p.68.

valores, crenças, etc., mas “todo processo social vivido, organizado praticamente por significados e valores específicos e dominantes.”<sup>35</sup>

Para Thompson classe e consciência de classe vão se formando juntas na experiência: é uma formação imanente. O período analisado por Thompson é adequado a mudanças sociais e não acontecimentos, observando padrões em suas relações, suas ideias e instituições. A experiência é possível de ser observada nesse processo do fazer-se da classe. A experiência é o vivido, são os acontecimentos, as ações e, ao mesmo tempo, o sentido a elas atribuído.<sup>36</sup> Cataguases vive essa experiência no “fazer-se” do operariado que mesmo ainda imaturo engendra um mosaico de práticas no limiar de sua organização.

O município de Cataguases, situado a sudeste do Estado de Minas Gerais, Zona da Mata Mineira<sup>37</sup>, por lei prov. n.534 de 10 de outubro de 1851, sendo ainda Curato com o nome de Santa Rita de Meia Pataca é elevado a Freguezia. O crescimento e o aumento populacional da zona levaram o arraial de Meia Pataca à categoria de Vila em 1875, com a promulgação da lei n. 2.180 de 25 de novembro deste ano, instalada à 7 de setembro de 1877. Cataguases limita-se com os municípios de Leopoldina, São João Nepomuceno, Rio Novo, Pomba, Ubá, São Paulo de Muriaé e Palma. Compunha-se de nove distritos: Mirahy, Sant’Anna de Cataguases, Porto de Santo Antônio, Itamaraty, Vista Alegre, Cataguarino, Laranjal e Sereno.<sup>38</sup>

Como todos os municípios da Zona da Mata, o de Cataguases tinha como base econômica a agricultura e a pecuária. O café era cultivado em alta escala, sendo também o arroz, o milho, o feijão, a mandioca, a cana de açúcar e o fumo. Havia muitas olarias e diversos engenhos de beneficiamento de café e arroz nos distritos e algumas propriedades agrícolas.<sup>39</sup>

---

<sup>35</sup> WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. p.112.

<sup>36</sup> VENDRAMINE, Célia Regina. A contribuição de E. P. Thompson para apreensão dos saberes produzidos no trabalho. Texto apresentado na I jornada de estudos sobre Produção e Legitimação de saberes no/do Trabalho, realizada na UNISINOS, nos dias 27 e 29 de março de 2006.

<sup>37</sup> Zona da Mata Mineira, formada por 142 municípios, situada na porção sudeste do estado de Minas Gerais, próxima a divisa dos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo.

<sup>38</sup> CAPRI, Roberto. *Minas Gerais e seus municípios: zona da Mata*. São Paulo: Poca Weiss & Comp. 1916. p.198-200.

<sup>39</sup> *Ibid.* p.214.

MAPA 1  
LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE CATAGUAZES



Fonte: [www.asminasgerais.com.br](http://www.asminasgerais.com.br)

O desenvolvimento e a cultura do café foram os responsáveis pela ocupação e povoamento de toda a região. A cidade, colocada no ponto central de uma zona agrícola-cafeeira, favorecida pela Estrada de Ferro Leopoldina, tornou-se o empório do comércio da Zona da Mata e o ponto forçado de exportação e embarque de toda a região circundante, em um raio de 30 quilômetros. Afluíram comerciantes, pequenos industriais e operários de todos os pontos, mormente para os trabalhos de prolongamento da estrada de ferro.<sup>40</sup> Cataguazes, local onde a cultura do café se destacou entre as cidades desta zona e mesmo do Estado, foi perdendo aos poucos a posição que ocupava na produção cafeeira, devido ao cansaço da terra.<sup>41</sup>

Em 1901, a produção cafeeira era de 1.762.0066 quilos e em 1907 de 757.224 quilos anuais. Os números mostram que a cidade começa a perder sua base cafeeira, mas é neste momento que o processo de industrialização começa a tomar um novo ritmo, através da implementação da energia elétrica no município. O jornal Cataguazes relata numa reportagem de comemoração da fundação da Companhia Força e Luz Cataguazes -Leopoldina a sua importância no desenvolvimento industrial da cidade.

<sup>40</sup> SILVA, Arthur Vieira de Resende e. O Município de Cataguazes: esboço histórico. p. 945.

<sup>41</sup> ARRUDA, Alzir. Pioneiros da Indústria Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, p.1, 28 fev. 1954.

A Companhia Força e Luz Cataguazes-Leopoldina é uma sociedade anonyma fundada aos 26 de Fevereiro de 1905, com capital inicial de 400 contos de reis, tendo por sede a cidade de Cataguazes, e, como objetivo de exploração, a electricidade para fins industriaes em suas diversas applicações.”<sup>42</sup>

O fato de Cataguases situar-se próximo à cidade do Rio de Janeiro fez com que um comércio promissor fosse desenvolvido concomitantemente à implantação da rede ferroviária em 1874, quando seu primeiro trecho foi aberto de Porto Novo a Volta Grande, e no ano seguinte os trilhos já chegavam a Santa Izabel (Abaíba) e em 1879, a estrada já atingia Ubá, passando por Cataguases, e tendo um ramal para a cidade de Leopoldina.<sup>43</sup> A estrada de ferro Leopoldina chega a Cataguases em 1875 através da Lei Provincial n. 2.161, que determinava que depois de construída a linha-tronco até Leopoldina, podia a Companhia estender suas linhas férreas até Santa Rita do Meia Pataca.<sup>44</sup>

Segundo Blasenheim<sup>45</sup>, devido às dificuldades topográficas próximo à área urbana de Leopoldina, o engenheiro Antônio Paulo de Mello Barreto, concessionário da Companhia, resolveu mudar o terminal para Santa Rita do Meia Pataca, 12 km para o norte. Em 14/08/1876 foi modificado o contrato de construção (21/08/1872), determinando que do lugar de Boqueirão dos Bagres partiria a estrada, por um lado, até a cidade de Leopoldina, e por outro, até a Vila de Cataguases, antigo arraial de Santa Rita do Meia Pataca, ficando como ponto central de uma enorme zona agrícola, permitindo o aumento da atividade comercial e o escoamento da produção cafeeira do município.<sup>46</sup> Essa mudança gerou sérios conflitos por parte dos moradores da cidade de Leopoldina, por não aceitarem essa decisão e por se sentirem prejudicados, ficando limitados à expansão sócioeconômica. Além do café e do transporte de passageiros, outras mercadorias eram transportadas pela Estrada de Ferro Leopoldina, atendendo às necessidades dos fazendeiros da região. Dessa forma a implantação e a expansão das ferrovias na região sul da Mata Mineira, a partir de 1870, estão relacionadas à expansão das exportações do café. Houve uma confluência de interesses entre as ferrovias e a cultura do café, o que possibilitou, segundo Peter Blasenheim, a ligação de quase todos os

---

<sup>42</sup> LOPES, Daniel da Silva (ger.). Histórico da Companhia Força e Luz Cataguazes Leopoldina. Cataguazes, Cataguazes, 14 jul. 1929. p.1.

<sup>43</sup> Breve História – Companhia Industrial Cataguases. Disponível em: [www.cataguases.com.br](http://www.cataguases.com.br), acessado em 17 de novembro de 2010.

<sup>44</sup> SILVEIRA, J. M. P. Os ramais da estrada de ferro Leopoldina no sul da Zona da Mata, em Minas Gerais. 1872-1898. Revista do Instituto Histórico Geografico Brasileiro. Rio de Janeiro, Jan- Mar, 2002. p.9-36.

<sup>45</sup> BLASENHEIM, P. L. As ferrovias de Minas Gerais no século XIX. In: Locus: Revista de História. Juiz de Fora: ED UFJF. v. 2, 1996.

<sup>46</sup> SILVEIRA, José Mauro Pires. O café e a estrada de ferro Leopoldina: uma confluência de interesses (1874-1898). Revista de Humanas, Vol.9, Nº I, Jan./jun. 2009. I, p. 110-117.



As ferrovias no século XIX foram de grande importância no transporte de mercadorias e passageiros, mas também se apresentavam como investimentos capitalistas, uma vez que eram empresas de capitais, organizadas na forma de sociedades anônimas.<sup>48</sup> Silveira afirma que os incentivos provinciais influenciaram os ricos fazendeiros da região sul da Mata e, confiantes na prosperidade da produção cafeeira entre Porto Novo e Cataguases, investiram na construção da estrada de Ferro Leopoldina a partir de 1872.<sup>49</sup>

Anderson Pires, ao analisar o desenvolvimento ferroviário da região da Zona da Mata, afirma que:

O processo de expansão da cultura cafeeira foi condicionado à melhoria do sistema viário local e que a partir da década de 1870, a expansão da malha ferroviária vai consolidar definitivamente, o processo de incorporação produtiva da Mata.<sup>50</sup>

A partir de então constatamos que a implantação das ferrovias na região da Mata, a partir da década de 1870, está ligada à produção do café. O desenvolvimento da lavoura cafeeira gerou recursos para a implantação de ferrovias que passaram a gozar de privilégios, enquanto meio de transporte de grande capacidade de carga. A ferrovia passou a ser o elo integrador entre as províncias e as capitais. Da capital do país e outras cidades importantes vinham via estrada de ferro, pessoas, correspondências, livros, jornais, viajantes que traziam enriquecimento cultural junto ao crescimento econômico.

Para Blasenheim,<sup>51</sup> a fraca colheita de 1883-1884 foi a primeira indicação que a Leopoldina estava em crise. Em 1886, a companhia teve maior receita na extensão Cataguazes- Ponte Nova e Alto do Muriaé do que em outra seção da ferrovia, sinal de que a produção do café estava em decadência na região Sul da Mata.

Segundo Dilma de Paula<sup>52</sup>, a grande produção de café na região da Mata contribuiu durante alguns anos para um relativo equilíbrio financeiro da Leopoldina. Em 1890, a situação

---

<sup>48</sup> SILVEIRA, José Mauro Pires. Os ramais da Estrada de ferro Leopoldina no sul da Zona da Mata de Minas Gerais -1872 a 1898. R. IHGB, rio de Janeiro, v.163n.414, jan/mar.2002. p. 14.

<sup>49</sup> Ibid., p. 12.

<sup>50</sup> PIRES, Anderson. "Tendências da Produção agroexportadora da Zona da Mata de Minas Gerais. 1870/1930". In: Locus, revista de História, Juiz de Fora, 1997, vol.3, n. 2, p.145.

<sup>51</sup> BLASENHEIM. Peter Louis. As ferrovias de Minas Gerais no século XIX. In: Locus: Revista de História, Juiz de Fora, vol.2, n. 2, p.106.

<sup>52</sup> PAULA, Dilma Andrade de. Passado, trilha e esquecimento: a trajetória da Estrada de Ferro Leopoldina. R IHGB, Rio de Janeiro, jan/mar, 2002. p. 43.

financeira dessa empresa é agravada pela conjuntura desfavorável do café. Diante dessas dificuldades a antiga Leopoldina passa a fazer parte, em 1897, da The Leopoldina Railway Company LTD.<sup>53</sup>, que em 1898 passou a funcionar no Brasil.

Para Silveira,

A partir do momento em que o café deixou de render altos lucros para os acionistas da Estrada de Ferro Leopoldina, ocorreu uma série de dificuldades para a empresa. Embora, não só de café vivesse essa ferrovia, a baixa produtividade desse produto na região, somada a outros problemas operacionais e financeiros, obrigou os seus acionistas a pedir sua liquidação. Em 1897, a antiga E. F. Leopoldina passou a fazer parte da The Leopoldina Railway Company LTD., uma empresa organizada em Londres e autorizada a funcionar, no ano de 1898, no Brasil.<sup>54</sup>

Junto às atividades da Leopoldina Railway Company LTD, em 1895 foi concedido pelo governo de Minas Gerais, ao Sr. Carlos de Andrade que se associou ao Sr. Cristiano Dias Lopes, através de um contrato em causa pública, a construção da Estrada de Ferro Cataguases (**Anexo A**) que partiria de Cataguases até a povoação de Santo Antônio do Muriaé (hoje Mirai). Esse empreendimento não teve êxito, sendo constituída uma sociedade anônima com pessoas residentes no Rio de Janeiro, cujo presidente era o visconde de Assis Martins. Essa sociedade também desistiu da construção da estrada de ferro. Com dificuldades de dar prosseguimento a esse empreendimento, essa concessão foi vendida ao Banco Constructor de Cataguazes, fundado pelo coronel João Duarte Ferreira, a que em 1892 foi concedido o direito de construção da Ferrovia. O percurso total era de 49 quilômetros, compreendidos 36 km até Mirai e 13 km até Santana de Cataguases. A obra da ferrovia teve como engenheiro o Dr. Jacinto Adolfo de Aguiar Pantoja que a concluiu em duas etapas: da primeira Estação (Cataguazes) à estação João Pinheiro, em Sant’Ana de Cataguases em 14 de abril de 1895 e a de Sereno a Santo Antônio de Muriaé em 31 de dezembro de 1895.

Em 10 de outubro de 1902, o Banco Constructor vendeu a Estrada de Ferro Cataguazes ao Banco da República do Brasil, transação aprovada pelo Decreto Estadual nº 1.562, de 27 de dezembro de 1902. O Banco da República do Brasil, por sua vez, vendeu a Estrada de Ferro Cataguazes à Leopoldina Railway Limited, quando passou a se chamar “Ramal de Mirai”.

Em Sereno funcionava a chave que dividia os sub-ramais da Estrada. Ao mesmo tempo eram inauguradas todas as paradas e estações do trecho na seguinte forma: Estação

---

<sup>53</sup> Atualmente, as antigas linhas da **EFL** pertencem à privatizada Ferrovia Centro Atlântica (FCA), mas apenas uma pequena fração das linhas originais ainda opera.

<sup>54</sup> SILVEIRA, José Mauro Pires. O café e a estrada de ferro Leopoldina: uma confluência de interesses (1874-1898). Revista de Humanas, v.9, N. 1, jan./jun. 2009. p.116.

inicial no Distrito sede Cataguases, a Parada de São Diniz, Estação de Sereno onde a linha bifurcava. Seguindo a vertente do Cágado, a Estação de Costa Sena e a seguir a estação de João Pinheiro em Sant'Ana. Na vertente do Meia-Pataca vinha a seguir a Parada de Joaquim Vieira, na sequência Estação da Glória, Parada de João Resende, Parada da Aldeia, Parada de Santa Tereza e Estação de Mirahy. O projeto inicial era primeiro chegar a Mirahy, mas foi alterada, priorizando-se o trecho que ia para Sant'Ana. A ferrovia, batizada de "Estrada de Ferro Cataguazes", tinha como projeto chegar ao Distrito de Laranjal, o que não foi realizado. Esta ferrovia funcionou até 1965 quando foi desativada.<sup>55</sup>

A construção dessa ferrovia fez-se necessária pelo grande volume de mercadorias exportadas e importadas através das estações de João Pinheiro, Antonio Vieira, Sereno, Costa Senna, Mirai, entre outros, sobretudo no escoamento de café e passageiros. Acreditamos que essa ampliação e diversificação de outras culturas como o plantio da cana-de-açúcar, feijão, milho, arroz e a pecuária foi uma prática protecionista para garantir os prejuízos causados com a queda do café. A produção de café, apesar de decadente, ainda predominou por algum tempo na economia do município.

Com o desenvolvimento comercial tornou-se necessário o início de empreendimentos financeiros através da instalação do Banco Constructor do Brasil (1890) e do Banco Cataguazes (1893), que possibilitaram transformar parte deste capital em iniciativas mercantis e industriais. Segundo Gorender,<sup>56</sup> foi por "via do mecanismo bancário e comercial, principalmente, que o capital acumulado na cafeicultura se transferiu para a indústria". Prado Júnior<sup>57</sup> confirma que a acumulação capitalista neste período origina-se basicamente da agricultura, sendo favorecido pelo aumento de trabalhadores assalariados que passam a mobilizar mais capitais, favorecendo o aumento do mercado consumidor interno.

O processo de industrialização de Cataguases data do início do século XX, quando imigrantes europeus e de outras regiões de Minas e do país se deslocaram para a Zona da Mata Mineira integrando-se a comerciantes e cafeicultores da região. O início da industrialização coincidiu com a saída de pessoas da zona rural e localidades vizinhas para os centros urbanos. Essas pessoas somadas a imigrantes portugueses, italianos e espanhóis formaram a mão de obra básica dessas indústrias.

---

<sup>55</sup> COSTA, Levy Simões da. *Cataguases Centenária*. 1977. p.263.

<sup>56</sup> GORENDER, J. *A burguesia brasileira*. São Paulo: editora Brasiliense, 3. ed., 2. reimpr., jun., 1998.

<sup>57</sup> PRADO JUNIOR, C. Síntese da evolução econômica do Império. In: *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 34. ed., 1986, p.192-204.

Mesmo a indústria produzindo a possibilidade de avanço para a região, ainda despertava dúvidas no imaginário popular, acostumado ao tradicionalismo agrícola.

Segundo Salles Gomes:

“[...] o projeto de uma tecelagem foi recebido com ceticismo, argumentando-se que ficariam na dependência da importação de fios e tecelões. Os filhos do Dr. Murgel, médico austríaco que viera para Cataguases no período áureo, enfrentaram o desafio apoiados a fundo pelo chefe político, Joaquim Gomes de Araújo Porto, que se esforçava em estimular atividades novas, enquanto o café não reconquistasse a grandeza perdida. A idéia foi ampliada e fundou-se através da venda de ações uma companhia de fiação e tecelagem.”<sup>58</sup>

Salles Gomes destaca a importância da implantação de indústrias na cidade enquanto o café não se recuperasse da crise pela qual passava. Novos investimentos eram feitos para superar o problema. A criação de uma fábrica têxtil apontava como uma possível solução. Em 29 de março é publicada no Diário Oficial de Minas Gerais<sup>59</sup> a Ata de Instalação da Companhia Fiação e Tecelagem de Cataguazes, cuja cerimônia aconteceu em 26 de fevereiro de 1905, no Paço Municipal, com a presença dos acionistas e do presidente Coronel Joaquim Gomes de Araújo Porto, que convidou para secretários o major Maurício Eugênio Murgel e Dr Norberto Custódio Ferreira. Após a leitura do estatuto foi declarada constituída como sociedade anônima e em agosto do mesmo ano é iniciada a construção do edifício onde funcionaria a fábrica. O Cataguazes de 1906<sup>60</sup> anunciava em suas páginas o início da construção das instalações de uma nova fábrica, que empregaria o maior número de operários da cidade: a Fábrica de Fiação e Tecidos “Cataguases” (**Anexo B**). Em março de 1906, o Cataguazes registrava:

Fábrica de Tecidos  
Já começara a chegar os teares encomendados na Europa para a fábrica montada nesta cidade pela Companhia Fiação e Tecelagem.

Em uma entrevista concedida pelo Sr. Manoel Peixoto, encarregado da gerência comercial da Fábrica de Fiação e Tecidos de Cataguases, em julho de 1929 ao jornal Cataguazes, foi feito um relatório sobre o histórico da fábrica, desde a sua fundação até a data da entrevista:

---

<sup>58</sup> GOMES, P. S. Salles. *Humberto Mauro*: Cataguases Cinearte. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 61.

<sup>59</sup> Diário Oficial. Seção 1, 29 mar. 1905, p.20.

<sup>60</sup> Redactor. Companhia Fiação e Tecelagem de Cataguazes. Cataguazes, Cataguazes, 20 ago. 1906, p.2.

A Fábrica de Fiação e Tecidos “Cataguazes” foi fundada em 1905 por uma sociedade anonyma constituída por pessoas de alto conceito no nosso meio social e commercial. Foi installada com 20 teares apenas.

Em 1911 foi o estabelecimento adquirido pelo Sr. Manoel Ignácio Peixoto, que o ampliou, aumentando o seu aparelhamento, contando então a fábrica 50 teares e fiação respectiva.

Em 1912, o Sr. Manoel Ignácio Peixoto organizou a sociedade com todos os seus filhos, ficando assim constituída a firma M. Ignacio Peixoto & Filhos.

Foi então augmentada a capacidade para 70 teares e, em 1914, já possuía a fábrica 100 teares.

Com o fallecimento do Sr. Manoel Ignácio Peixoto em 1917, entrou a firma em liquidação, tendo sido organizada em 1921, a sociedade Irmãos Peixoto & Cia, com o capital de 650:000\$000. Constituem a sociedade os irmãos José, Manoel, Altamiro e João Peixoto e seus cunhados Anthero Ribeiro (sócio comanditário) Licínio Garcia e também o sr. Dr. Hermano Gomes, sócio commanditario.[...] <sup>61</sup>

Costa<sup>62</sup> afirma que as primeiras tecelãs empregadas na fábrica eram moças e senhoras da alta sociedade por não existir ainda profissionais qualificadas para suprir a mão de obra na fabricação. A falta de experiência dos operários demandava a busca de trabalhadores em outras cidades para qualifica-los nos primeiros anos da fábrica. Essa utilização de operários capacitados oriundos de outras cidades é confirmada na notícia abaixo:

[...] Já estão em movimento cerca de 20 teares, e disse-nos o Sr. Peixoto que os outros entrariam também em execução, logo que chegasse a turma de operários que esperava.

[...] ante-hontem, à tarde, desembarcou nesta cidade, grande número de operários, vindos de Petrópolis; é de supor-se portanto, que o movimento da fábrica, será esta semana, augmentado consideravelmente.[...] <sup>63</sup>

No ano de 1908 era inaugurado o sistema de eletrificação urbano, o que permitiu apoio logístico para a instalação de novas indústrias. A instalação da energia elétrica deu um novo impulso à atividade industrial em Cataguazes. Em 1910 começa a circular o sistema de bondes puxados por burros que funcionou até 1914, quando todo acervo foi vendido à Dotal Brasil, por se achar insolvente. A empresa que se denominava “Sociedade Carris Urbanos de Cataguazes” teve sua atividade paralisada em março de 1918, mesmo sob protesto de um grande número de pessoas da cidade que se beneficiava desse transporte urbano.<sup>64</sup> Em 1911 é

---

<sup>61</sup> LOPES, Daniel da Silva (ger.). Uma visita à Fábrica de Fiação e Tecidos “Cataguazes”. Cataguazes, Cataguazes, jul., 1929, p.1, 21.

<sup>62</sup> COSTA, Levy Simões da. Cataguazes Centenária. 1977, p. 297.

<sup>63</sup> Redactor. Fábrica de Tecidos. Cataguazes, Cataguazes, 1912, p.2.

<sup>64</sup> COSTA, Levy Simões da. Cataguazes Centenária. 1977 p.268.

inaugurada a Fábrica de Tecidos União Industrial (**Anexo C**), pertencente a Osório de Matos Lima, que produzia toalhas felpudas em suas 25 máquinas acionadas à eletricidade.<sup>65</sup>

Também funcionava na cidade o Engenho Central de Cataguases (**Anexo D**), em operação desde 1890, pertencente a João Duarte Ferreira, que beneficiava e rebeneficiava arroz e café. Em 1913, João Duarte instalaria na cidade uma serraria.

No decorrer da década de 1900, várias fábricas vão surgindo: a Nogueira e companhia, de 1906 (**Anexo E**), fábrica de massas, biscoitos e balas; a fábrica de baús de Francisco Faraco, em atividade desde 1904; a fábrica de meias, cujo proprietário era o senhor José Fernandes Suczas; a fábrica de gelo e laticínios Silva Rama & Macio (**Anexo F**), que desde 1909 atuava no município. Além dessas havia a produção dos mais variados artigos, como: sabão, vassouras, fósforos, bebidas e cigarros, massas, calçados, etc.

Entre 1901 e 1905 a Câmara municipal isentou de impostos os moinhos de fubá e qualquer indústria que viesse a ser instalada no município, reduzindo também os impostos dos engenhos de café e cana-de-açúcar<sup>66</sup>; como também ficaram isentas, durante dez anos, as sociedades com sede no município para a fabricação de fiação, tecelagem e tinturaria.<sup>67</sup> Essa medida incentivaria o desenvolvimento das várias fábricas que surgiam no município, bem como a possibilidade de novos empregos para a cidade.

Cataguases em 1906 exportava café, milho, feijão, arroz, açúcar, aguardente, toucinho, fumo e madeiras. De acordo com o quadro abaixo, publicado no Cataguazes de 1906, é possível verificar a relação dos produtos exportados em 1905 por Cataguases e seus distritos. Percebe-se que um grande volume de produtos era produzido na cidade e seus distritos, o que dinamizava o comércio e a indústria. O crescimento do comércio local vinculado ao crescente movimento de exportação permitiu a transformação da nascente cidade com o aparecimento de pequenas fábricas que iriam dar um novo impulso industrial à cidade.

---

<sup>65</sup> Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho. 100 anos de luz: Companhia Força e Luz Cataguases-Leopoldina. Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho. 2006.

<sup>66</sup> SILVA, Arthur Vieira de Resende e. O Município de Cataguases: Esboço histórico. Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, n. 13, 1909, p. 641-1028.

<sup>67</sup> Ibid., p. 641-1028.

**QUADRO 1**  
**RELAÇÃO DO PEZO EM KILOS DOS GENEROS EXPORTADOS PELAS ESTAÇÕES**  
**ABAIXO NO ANNO DE 1905**

ESTAÇÕES	Milho	Arroz	Feijão	Aguardente	Assucar	Toucinho	Fumo	Madeiras
<b>Campo Limpo</b>	48.574	15.857	6.372	70.110	370	48	372	56.021
<b>Vista Alegre</b>	48.588	27.235	1.941	5.700	1.030	122	670	149.500
<b>Aracaty</b>	21.107	9.296	180	34.950		125	110	60.000
<b>Cataguazes</b>	11.009	35.949	29.906	37.848	94.709	20.991	1.415	48.850
<b>Barão de Camargos</b>	23.935	1.625	1.312	4.000			198	36.960
<b>Sinimbu</b>	30.061	812	125	26.100			90	36.300
<b>D. Euzébia</b>	5.773	1.014	1.843	1.220	1.450		52.05	3.900

Cataguazes, 31 de dezembro de 1905. – O official da Secretaria Arthur Vieira de Rezende e Silva

Silva<sup>68</sup> afirma que Cataguazes e seus distritos contribuíram para a produção cafeeira em Minas Gerais no ano de 1906 com 8% da produção do Estado, exportando 10.827.451 quilogramas. O mesmo autor relata que em 1907 eram produzidas na cidade de Cataguazes massas alimentícias, tecidos, meias, colchas, chapéus, almofadas, sapatos, cerâmicas, seda e móveis.<sup>69</sup>

Em Cataguazes, os pioneiros das indústrias eram cidadãos das elites locais e regionais ou imigrantes que enriqueceram com o comércio e passaram a investir seu capital no setor manufatureiro, no início do século XX. Essas indústrias absorviam um grande contingente de mão de obra que, oriunda das fazendas e sítios, ia ocupando novas moradias na periferia da cidade. O movimento de trabalhadores espelhava a influência dos pensamentos dos grandes centros, dotando a cidade de um certo ar cosmopolita. Os setores têxtil, de alimentação e de bebidas são os que empregavam o maior número de trabalhadores.

Ao se analisar as fichas de registro dos funcionários<sup>70</sup> da Fábrica de Fiação e Tecidos Cataguazes, entre 1910 e 1920 e algumas fotos do mesmo período, constatamos que grande parte da mão de obra variava de 10 a 19 anos (**Anexo G**), sem qualificação profissional, sendo que grande parte era composta por mulheres e crianças, havendo também a

<sup>68</sup> SILVA, Arthur Vieira de Resende e. O Município de Cataguazes: Esboço histórico. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, n. 13, 1909, p. 641-1028.

<sup>69</sup> Ibid, p. 641-1028.

<sup>70</sup> Parte integrante do acervo do CDH- Centro de Documentação Histórico em Cataguazes.

participação de alguns imigrantes. Tendo como referência esses dados, e sem documentação acerca das outras, acreditamos que em outras fábricas de menor porte a situação dos trabalhadores era semelhante. A mão-de-obra masculina era utilizada na estrada de ferro, na companhia de energia, empregados do comércio e vários outros prestadores de serviços.

Além das indústrias maiores como a Fábrica de Fiação e Tecelagem, a Companhia Força e Luz Cataguazes-Leopoldina (**Anexo H**) e a Estrada de Ferro Leopoldina, havia uma grande diversidade de pequenas manufaturas na cidade que empregavam grande parte da população de Cataguases, contribuindo para a formação do proletariado, nativos ou imigrantes que chegavam ao município nos primeiros anos do século XX.

De acordo com o quadro abaixo constatamos que a mão de obra estava distribuída basicamente em vários setores de indústria, como: têxtil, alimentação, bebida, vestuário, móveis, cigarros e vassoura, quase todas transformadoras de produtos agropecuários e produtos de bens leves de produção. Há uma predominância nesse período, em Cataguases de pequenas empresas e nitidamente dispersas. O que predomina basicamente são as pequenas empresas com menos de 50 operários. Quanto ao tipo de indústria (de transformação de produtos agropecuários), a distribuição da mão de obra pelas fábricas (têxtil e alimentícia) concentra um número maior de pessoal, sendo forte a presença de mão de obra feminina e menor no ramo têxtil, uma característica predominante nos outros estados como São Paulo e Rio de Janeiro. À exceção da Fábrica de Fósforos (120 operários), o setor têxtil absorve um número maior de operários. A produtividade da indústria têxtil é de 67.000 metros/dia de tecidos. Consideramos que há possibilidade de a produtividade ter sido forçada pela exploração da forma de trabalho. Algumas medidas previdenciárias foram publicadas de modo disperso entre o início do período republicano até a década de 1930. Era o bosquejo da chamada previdência social no Brasil, ou seja, o Estado passou a se preocupar com algumas questões trabalhistas que até então cabiam à iniciativa privada, através das sociedades mutualistas, montepios ou seguradoras. Alguns decretos foram criados pelo Estado republicano beneficiando alguns setores, como em 1890 o decreto nº 221, que instituiu aposentadorias aos empregados da Estrada de Ferro Central do Brasil e o nº 942-A; que criou montepios para os empregados da Fazenda. Outras medidas foram estabelecidas como a lei 127; de 1892, sobre aposentadoria e pensão dos operários da Marinha na Capital Federal; o

decreto nº 9.284, de 1911, que estabeleceu a Caixa de aposentadoria e Pensões dos Operários da Casa da Moeda; e a lei nº 3.724, de 1919, acerca de acidentes de trabalho.<sup>71</sup>

Na época, mais precisamente entre 1900 e 1911, vários movimentos grevistas ocorreram em todo o país reivindicando, principalmente: jornada de trabalho de oito horas, regulamentação do trabalho de menores e mulheres, pagamento dos salários em dia, melhores condições de trabalho, etc. É importante ressaltar que, no início do século, não havia leis que regulamentassem o trabalho industrial, sendo o próprio proprietário dos meios de produção, o patrão, quem determinava as relações trabalhistas. A única garantia de subsistência para os trabalhadores eram as caixas beneficentes e associações de auxílio criadas pelas associações.

QUADRO 2  
RELAÇÃO DE INDÚSTRIAS POR ANOS, 1904-1920<sup>72</sup>

ANO	INDÚSTRIA	PROPRIETÁRIO(S)	NÚMERO DE TEARES/MÁQUINAS	NÚMERO DE OPERÁRIOS	PRODUÇÃO
1904	Fábrica de Bahus	Francisco Faraco	-	8	30 bahus/dia
1905	Companhia Força e Luz Cataguases Leopoldina	José Monteiro Ribeiro Junqueira, Norberto Custodio Ferreira	-	39	-
1906	Companhia Fiação e Tecelagem de Cataguases <sup>73</sup>	M. Ignacio Peixoto & Filhos	70	100	67.000 m
	Fabrica de macarrão, biscoitos e bala	Nogueira & Comp.	6	20	25.000 k de massas, 3.000 k de biscoito, 3.000k de balas
	Fábrica de gelo e laticínios	Silva Rama & Macio	6	-	1800 lt de leite p/exp., 30k de manteiga
1911	Fábrica de Tecidos União Industrial	Osório de Mattos Lima	25	35	1.000 dz
1912	Mechanica Cataguazense	Lopes, Irmão e Guedes	-	22	-
1913	Fabrica de Vassouras	Srs. Moreira & Settimio	-	15	15dz/dia
	Fabrica de Phosphoros Estrella	Joaquim de Souza Carvalho	30	120	-
	Fabrica de Tecidos Cataguases Industrial	Silveira, Ramos & Comp.	-	35	-
1914	Fabrica de gravatas, chapeos e bonets	J. Araujo	-	-	-
	Fábrica de Cigarros	Alfredo de Mello	-	-	-
1920	Fabrica de ladrilhos	Muniz & Rubino	-	-	-

<sup>71</sup> DUARTE, Renata Garcia Campos. “Uma outra consciência de classe”: a alternativa política ideológica da sociedade operária italiana de beneficiência e mútuo socorro em Belo Horizonte. p.75.

<sup>72</sup> Dados retirados do Jornal Cataguases (1906-1920).

<sup>73</sup> Fábrica inaugurada em 1 de agosto de 1906, com 8 teares, tendo como diretores os Srs. coronel Araujo Porto e Mauricio Murgel

Este quadro de vulnerabilidade e insegurança no qual os trabalhadores estavam inseridos contribuiu para uma construção de relações entre seus pares, fazendo com que buscassem alternativas para as dificuldades enfrentadas pelos mesmos. Nesse contexto, de ausência de leis que regulamentassem o regime de trabalho assalariado, tornou-se possível o início de uma organização operária que envolveu relações de solidariedade baseadas numa experiência coletiva dos operários de Cataguases.

## 1.2 Tendências ideológicas no “fazer-se” do operariado cataguasense

Em 28 de Setembro de 1864 teve lugar uma grande reunião pública internacional de operários no St. Martin's Hall de Londres; nela foi fundada a Associação Internacional dos Trabalhadores (mais tarde conhecida como Primeira Internacional) e eleito um Comitê provisório, que contava Karl Marx entre os seus membros. Marx foi depois eleito para a comissão designada a 5 de Outubro, na primeira sessão do Comitê, para redigir os documentos programáticos da Associação. A 20 de Outubro a comissão encarregou Marx de rever o documento por ela preparado durante a doença de Marx e redigido no espírito das ideias de Mazzini e Owen. Em lugar desse documento, Marx escreveu de fato dois textos inteiramente novos — a Mensagem inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores e os Estatutos Provisórios da Associação —, que foram aprovados na sessão da comissão de 27 de Outubro. Em 1º de Novembro de 1864 a Mensagem e os Estatutos foram ratificados por unanimidade pelo Comitê provisório, que se constituiu em órgão dirigente da Associação. Este órgão, que entrou na história como Conselho Geral da Internacional, foi predominantemente denominado Conselho Central até finais de 1866. Karl Marx foi de fato o dirigente do Conselho Geral. Foi o seu verdadeiro organizador, o seu chefe, o autor de numerosas mensagens, declarações, resoluções e outros documentos do Conselho. Na Mensagem Inaugural, primeiro documento programático, Marx conduz as massas operárias à ideia da necessidade de tomar o poder político, de fundar um Partido proletário independente e de assegurar a união fraterna entre os operários dos diferentes países. Publicada pela primeira vez em 1864, a Mensagem Inaugural foi muitas vezes reeditada ao longo de toda a história da Primeira Internacional, que deixou de existir em 1876. O momento central da 1ª. AIT ocorreu com a Comuna de Paris em 1871 e sua violenta repressão.<sup>74</sup>

---

<sup>74</sup> ABENDROTH, Wolfgang, *A história social do movimento trabalhista europeu*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1977.

A AIT passou a reunir e congregar trabalhadores da Europa e EUA, a partir de indivíduos e organizações operárias, como também possuía o papel de levar a organização dos trabalhadores aos mais remotos países e lugares.

Grande parte dos estudos sobre a organização da classe operária tem se voltado para discussão entre mutualistas e o processo de formação da classe trabalhadora. Thompson, neste caso, é uma referência obrigatória. Em seu livro *Formação da Classe Operária Inglesa*, Thompson afirma que as associações mutualistas teriam uma grande influência na formação de uma consciência de classe operária e que foram fundamentais para reforçar os elos de solidariedade mútua.<sup>75</sup>

Segundo Viscardi, as associações mutualistas constituídas como espaços de relações solidárias entre os trabalhadores contribuíram para o fortalecimento da cultura associativa. Ao mesmo tempo as mutualistas eram *locus* de reforço de hegemonia das classes mais elevadas.<sup>76</sup>

Batalha nos permite compreender ainda mais o que denominou por “cultura associativa”,<sup>77</sup> no que diz respeito ao hábito de se associar e aos signos culturais desenvolvidos pelos trabalhadores em suas instituições, tanto em relação às configurações administrativas (composição da diretoria, reuniões periódicas da associação), como também a organização financeira e burocrática (estatutos e balanços) e quanto às práticas simbólicas que se traduziam através dos festejos, dos estandartes, das bandeiras, diplomas entre outras formas de construção e consolidação de uma identidade entre os trabalhadores.<sup>78</sup>

Ao escrever sobre as “Correntes ideológicas e estratégias sindicais”, Cláudio Batalha afirma que, de 1889 a 1930, prolifera no Brasil uma série de grupos socialistas de duração efêmera, quase sempre de abrangência municipal. Professavam um socialismo eclético, marcado pelo forte viés cientificista e positivista, característico da II Internacional, com uma proximidade simbólica à matriz de Karl Marx. A maioria desses partidos defendia um programa de reformas com o objetivo de concretizá-lo por meio de pressões e eleições de seus representantes. Fora os Congressos Socialistas de 1892 e 1902, jamais alcançaram uma

<sup>75</sup> THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987, v.2., p.32.

<sup>76</sup> VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. As relações públicas e privadas: mutualismo e filantropia no Brasil. *Anais do XXIX Encontro da Associação Portuguesa de História Econômica e Social*. Porto: 2009.

<sup>77</sup> BATALHA, Cláudio. Cultura Associativa no Rio de Janeiro na Primeira República. In: BATALHA, Cláudio; TEIXEIRA, Fernando; FORTES, Alexandre. (org.). *Culturas de Classe*. Campinas: Unicamp, 2004. p.99.

<sup>78</sup> HOBBSBAMW, Eric. As transformações dos rituais dos Operários. In: *Mundos do Trabalho: Novos Estudos sobre História Operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. Cap. 5.

unidade duradoura e uma organização única.<sup>79</sup> Batalha destaca ainda a difusão do anarquismo a partir de 1890, tendo por base grupos de propaganda com a publicação de periódicos, atuando na educação dos trabalhadores e participando de associações diversas no meio operário.

Para Batalha persiste uma aparente unanimidade da historiografia em destacar o papel desempenhado pelo anarquismo antes de 1920, unanimidade que predomina na caracterização do período seguinte como a consolidação do Partido Comunista no meio sindical. Para o autor muitos trabalhos sobre as manifestações da classe operária permanecem cristalizados nesse quadro teórico.<sup>80</sup> Segundo o autor, outras correntes ideológicas de menor expressão como o positivismo e o cooperativismo estão presentes na organização do movimento operário nas primeiras décadas do século XX.

Mais atuante do que o positivismo ou o cooperativismo no meio operário destaca-se a corrente católica que buscava diminuir a influência anarquista, socialista e a ação sindical no meio operário. Com base na doutrina social da Igreja Católica, expressa na Encíclica *Rerum Novarum*, lançada pelo papa Leão XIII, em 1891,<sup>81</sup> negava a luta de classes e defendia a convivência pacífica entre capital e trabalho. Incentivava os católicos a se organizarem sem estar ligados a partidos e sindicatos de esquerda.<sup>82</sup>

Outra corrente no cenário operário foi o sindicalismo revolucionário, sendo mais influente por suas lutas sociais, pelos vários jornais publicados e pelo esforço consistente e sistemático de suas concepções. Mesmo sendo hegemônico, enfrentou a concorrência do sindicalismo reformista, também chamado de sindicalismo “amarelo”. A presença desta corrente sindical foi mais forte no distrito Federal, em particular entre os portuários e no setor de transportes. Em Minas Gerais uma experiência de sindicalismo reformista foi a Federação Operária Mineira, com sede em Juiz de Fora, na primeira metade da década de 1920, que defendia uma postura mais agressiva da classe operária na busca por seus direitos morais e materiais.<sup>83</sup>

---

<sup>79</sup> BATALHA, Cláudio H. de Moraes. *O Movimento Operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. p.21-22.

<sup>80</sup> BATALHA, Cláudio H. de Moraes. Uma outra consciência de classe? O sindicalismo Reformista na Primeira República. Trabalho apresentado no GT “Classe Operária e sindicalismo”. p. 117- 127.

<sup>81</sup> BATALHA, Cláudio H. de Moraes. *O Movimento Operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. p.27.

<sup>82</sup> GIANOTTI, Vito. *História das lutas dos trabalhadores no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.68.

<sup>83</sup> BATALHA, Cláudio H. de Moraes. *O Movimento Operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. p.34.

Segundo Beatriz Loner, as diferentes formas de associação “correspondem às necessidades sentidas pelos trabalhadores e todas favoreceram laços de conagração e de igualdade entre seus membros, dentro do espaço associativo, propiciando o necessário convívio aplainador de diferenças”, sem se descartar, no entanto, o conflito entre diferentes identidades e sociabilidades com a identidade de classe.<sup>84</sup> A autora, ao analisar a formação da classe operária no Rio Grande e Pelotas, mostra a articulação entre os elementos que dividem os trabalhadores, tais como etnias e qualificação profissional, e as experiências comuns, resultando num processo de identificação, permitindo-nos uma comparação, mesmo se tratando de experiências em estados tão díspares. Loner estuda as organizações operárias criadas ou voltadas para as classes trabalhadoras: as greves, as manifestações de classe; a recepção, influência e resignificação dos discursos doutrinários pela classe operária e a relação dos elementos que compõem essa classe. Afirma que:

Não apenas o discurso, as práticas, ou sua inserção de uma forma determinada na produção podiam caracterizá-la como trabalhador, mas também as organizações e instrumentos que criou em sua defesa. Nesse sentido, guardam um papel fundamental suas associações de classe, de resistência e de mutualidade. Mas todo o conjunto associativo, a rede organizativa de associações com base operária dos mais diversos tipos (mutualista, beneficentes, classistas, recreativas e culturais) compreende formas de representação e configuração de classe, sendo elementos importantes no desenvolvimento e congregação de seus elementos e no estabelecimento de distinções com outros grupos e outros setores sociais. Na sua organização e mobilização interferiam também ideologias e doutrinas vinculadas a propostas que elegiam a classe operária como agente fundamental na estratégia para a transformação social. De maneira geral, essas propostas orientaram a ação dos militantes operários e conformaram inclusive, suas formas organizativas.<sup>85</sup>

Como sugerem Foot Hardman e Victor Leonardi, havia uma riqueza cultural da classe em processo de formação, vinculada “à própria heterogeneidade nacional e regional do proletariado nascente.”<sup>86</sup> Essa riqueza pode ser percebida através dos vários espaços onde os trabalhadores manifestavam sua cultura, compartilhavam experiências e expressavam a construção de diferentes identidades entre as classes constituídas.

Acreditamos que a participação da Liga Operária, como em outros centros industriais,

---

<sup>84</sup> LONER, Beatriz Ana. *Construção de Classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. Editora Universitária: Unitrabalho. 2001. p. 132.

<sup>85</sup> *Ibidem*. p.20.

<sup>86</sup> HARDMAN, Francisco Foot & LEONARDI, Victor. *História da Indústria e do Trabalho no Brasil*. São Paulo: Ática, 1982. p 254.

“concentra sua atuação na via educativa, feita através da propaganda escrita e oral — jornais, livros, folhetos, revistas, conferências, comícios, além de festas, piqueniques, peças teatrais — no sentido de disseminar o ideal libertário de emancipação social, o esclarecimento da exploração capitalista, e também através da propaganda dos meios que os trabalhadores podem por em ação: greve, boicote, sabotagem, atos de protesto para se chegar à greve geral revolucionária e expropriadora e à nova sociedade, livre e igualitária.”<sup>87</sup>

Para Eliana Dutra, embora o anarquismo, ao que parece, não tenha constituído a principal tendência de orientação do movimento operário mineiro, a sua presença foi relevante na constituição de núcleos organizatórios em zonas estrategicamente importantes como o Sul e a Mata. Afirma ainda que “nas cidades do sul de Minas, servidas pela Rede Ferroviária Sul-Mineira, os sindicatos de resistência predominaram. Outras associações como a Liga Operária Cataguazense, de Cataguases; a associação Operária de Divinópolis; o clube dos Broqueiros, de Nova Lima; o clube dos trabalhadores de Superfície, de Nova Lima; o círculo Italiano Unido de Itutinga; a Sociedade Italiana Filhos do Trabalho, de São João Del Rei e a Liga Operária de Uberlândia, tiveram também na sua organização a influência de princípios anarcossindicalista<sup>88</sup>. De acordo com pesquisas feitas no jornal Cataguazes constatamos que havia uma influência maior do mutualismo, pelas atividades constatadas como: custear enterros, construir biblioteca, caixa de pequenos depósitos e empréstimos, cooperativa operária com objetivo de baratear a vida do trabalhador, pensões às viúvas, caracterizando dessa forma uma mutual. Assim como os anarcossindicalistas, as associações com congêneres mutualistas visavam a instrução e educação moral dos seus sócios e a recreação, não havendo colorido político, religioso e filosófico de nenhuma espécie.”<sup>89</sup>

Eliana Dutra<sup>90</sup> menciona ainda que, no caso mineiro, esses sindicatos mutualistas não faziam restrições quanto à religião, ideologia e padrão sócioeconômico do associado, o que se enquadra melhor no caso da Liga Operária Cataguazense. Segundo Dutra<sup>91</sup>, a influência do anarcossindicalismo se relaciona com a presença dos imigrantes, oriundos principalmente da Itália e Espanha, onde a ideologia anarquista deitou raízes em maior profundidade. A presença do elemento estrangeiro terá papel de relativa importância na

---

<sup>87</sup> SFERRA, Giuseppina. *Anarquismo e Anarcossindicalismo*. São Paulo: Editora Ática, 1987. p.21.

<sup>88</sup> DUTRA, Eliana de Freitas. *Caminhos Operários nas Minas Gerais*. São Paulo: Hucitec, 1988.p. 77.

<sup>89</sup> Ibid. p. 115.

<sup>90</sup> Ibid. p. 72.

<sup>91</sup> Ibid. p. 78.

experiência de organização da classe operária da cidade. Em Cataguases, portugueses, espanhóis e italianos se fizeram presentes no processo de organização de trabalhadores.

Tendo Cataguases um variado número de pequenas fábricas e uma diversidade de trabalhadores no início do século XX, é natural que se organizassem em associações que nesse período sofreram influências de correntes variadas. Nesse período é vivenciada uma singular experiência associativa de trabalhadores que se organizam através de uma Liga Operária Cataguazense, cujo núcleo inicial, composto basicamente de ferroviários, foi se diluindo com a adesão da categoria que mais crescia na cidade: a dos tecelões. Nesse contexto tentaremos perceber a relação entre o operariado emergente e a criação da Liga Operária Cataguazense, bem como a experiência associativa desses trabalhadores através das atividades promovidas pela mesma.

De acordo com um levantamento realizado com as fontes disponíveis <sup>92</sup> constatamos a possibilidade de outras tendências ideológicas presentes na Liga, além das concepções libertárias. Acreditamos que a experiência associativa vivida em Cataguases incorporou práticas de outras organizações, imprimindo um caráter singular a essa sociedade como: ideias socialistas, mutualistas, além da presença do anarcossindicalismo. Para Cláudio Batalha <sup>93</sup> há uma combinação complexa, por vezes contraditória, entre as práticas de resistência e de previdência no interior do movimento operário.

É possível identificar simultaneidades nas práticas referentes à Liga como: conferências de cunho socialista e a criação da Caixa de Socorros, o que caracteriza uma prática mutualista, evidenciando tendências diferenciadas. Temos como exemplo a divulgação no Cataguazes da participação da Caixa de Socorros da Liga:

[...] Conforme preceituam os arts. 24 letra A e 26 : 1º dos Estatutos foi pago, a título de beneficência , à exma. Sra. D. Marcellina Paratela de Macedo, a importância de rs. 58\$000 retirada da Caixa de Socorros, por haver falecido nesta cidade, há dias, seu esposo Sr. João de Macedo. [...] <sup>94</sup>  
 [...] por conta da Caixa de Socorros foram feitas todas as despesas do enterramento do finado consócio Horácio Barbosa , e destinou a viúva do mesmo uma pequena pensão mensal.[...] <sup>95</sup>

---

<sup>92</sup> Entre as fontes utilizadas estão o Jornal Cataguases entre 1906 a 1923.

<sup>93</sup> BATALHA, Cláudio H. M. Sociedades de Trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária. Cad. AEL, v.6, n.10/11. 1999. p.47.

<sup>94</sup> Directoria. Liga Operária Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 31 jul. 1910, p. 3.

<sup>95</sup> Directoria. Liga Operária Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 18 dez.1910, p.3.

Como prática da Liga a existência de uma Caixa de Socorros, destinada às despesas de enterro de consócios e pensão às viúvas, nos leva pensar que uma associação de influência anarcossindicalista subscrevia posições contrárias aos socorros, mas os mantinham, caracterizando mais de uma matriz ideológica na Liga. Como podemos verificar, Boris Fausto assinala que

“nos planos dos princípios, o anarcossindicalismo brasileiro definia o sindicato como órgão de luta, que recusa funções assistenciais (em contraposição às associações mutualistas), aberto aos operários de todas as tendências políticas. A verdadeira força do sindicato repousa na solidariedade e não nos recursos materiais.”<sup>96</sup>

Para Foot e Leonardi, a presença do proletariado nas primeiras décadas do século XX se caracteriza pela organização em mutualistas, em ligas que realizam greves, editam jornais, mas não se deve perder de vista a extrema fragilidade deste movimento pelo tamanho reduzido dessa nova classe que se encontrava em uma condição embrionária.<sup>97</sup> Acreditamos que a classe operária de Cataguases em estado embrionário e em contato com outros centros urbanos, através da grande imprensa, participação em congressos operários, conferências permitiu que houvesse influências ideológicas diversas apropriadas pela Liga Operária Cataguazense.

Exemplo de uma das tendências ideológicas é o destaque dado pela Liga à conferência proferida por Waldomiro Padilha em 1913, que percorria o Brasil em propaganda do socialismo e em defesa dos operários. Convidado pela Liga Operária Cataguazense, o conferencista “pregou união, amor ao trabalho, à família, à escola, contra o jogo e o álcool”.<sup>98</sup> Essa e outras conferências corroboraram a presença da concepção ideológica socialista, pregada aos consócios dessa associação a convite dos líderes da mesma.

Para Batalha,

Se a cultura associativa não pode ser reduzida as culturas anarquista, socialista, reformista ou outra essas concepções influenciam os contornos assumidos pela cultura associativa. Esse processo é particularmente claro no que diz respeito à concepção de organização de diferentes correntes, no que diz respeito ao tipo de

---

<sup>96</sup> FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social* (1890-1920). R. Janeiro: Difel. 1986, p.105.

<sup>97</sup> HARDMAN, Francisco Foot & LEONARDI, Victor. *História da Indústria e do Trabalho no Brasil*. São Paulo: Ática, 1982. p.126.

<sup>98</sup> Directoria. Conferencias. Cataguazes, Cataguazes, 13 de jul. de 1913. p.1.

atuação das associações e seu grau de formalização institucional, que exerce um inegável impacto na conformação da cultura associativa.<sup>99</sup>

A trajetória da Liga Operária Cataguazense possui especificidades na sua organização que oferecem elementos para a compreensão da organização e das experiências de luta do operariado de Cataguases. As particularidades da Liga Operária Cataguazense evidenciam uma experiência diferenciada de outras organizações operárias já estudadas pela historiografia. A análise da presença de uma organização de trabalhadores e sua ação na sociedade, com a participação da elite local, permite-nos perceber nuances de sua prática, aspectos relativos às diferentes tendências ideológicas nela envolvidos, quanto possibilita deslindar os limites da ação da liderança operária, além de poder revelar sua organização interna enquanto associação.

Sendo assim constatamos que como os anarquistas, outras tendências ideológicas desempenharam um papel essencial ao propor a nível de discurso e de organização, a participação política dos trabalhadores da Mata. Esta experiência rica de significados demarca o esforço de construção de uma identidade social para o operário de Cataguases, em formação no início do século XX.

---

<sup>99</sup> BATALHA, Cláudio. Cultura associativa no Rio de Janeiro na Primeira República. In: \_\_\_\_\_, et al. (org.) Culturas de classe. Campinas: Unicamp, 2004. p. 99.

## 2 LIGA OPERÁRIA CATAGUAZENSE: IMPRENSA, ORGANIZAÇÃO, AÇÃO

### 2.1 A Liga Operária Cataguazense e o jornal Cataguazes

No teatro do passado que é a nossa memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante. Às vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo, que no próprio passado, quando vai em busca do tempo perdido, quer “suspender” o voo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. O espaço serve para isso. (G. Bachelard, A poética do espaço)

Constituída em 1904, a Liga Operária Cataguazense passaria a realizar suas atividades na cidade, mas só em 4 de março de 1906 encontramos referência a uma das primeiras ações da Liga, o que evidencia o ano de sua criação a partir da notícia:

Externato Baptista  
Estão reabertas as aulas deste estabelecimento de ensino primário e secundário, fundado há dois annos nesta cidade pela “Liga Operária Cataguazense” e sob a direção do professor Baptista de Araújo, nosso companheiro de imprensa e apreciado collaborador desta folha.  
Recommendamos com empenho essa casa de educação à mocidade estudiosa que já tanto deve em cultura e aproveitamento ao provector educador.<sup>100</sup>

Ainda para corroborar o ano da criação da Liga encontramos uma entrevista concedida pelo Sr. Fenelon Barbosa, presidente da Liga, em 1917 intitulada *O Triunfo da Solidariedade: Liga Operária*, que ressalta a criação da mesma com seus 14 anos de existência.

Para ser bem avaliado o desenvolvimento da nossa sociedade disse-nos o Sr. Fenelon, é bastante fazer um ligeiro histórico da sua vida desde janeiro de 1915 até esta data, que é justamente a phase de verdadeiro progresso que tem tido a liga nos seus 14 annos de existência.<sup>101</sup>

Em 3 de junho de 1906, o jornal Cataguazes noticia sobre uma das primeiras reuniões realizadas pela Liga: “ De ordem do sr. presidente convido a todos sócios desta

<sup>100</sup> SOUZA, Heitor de (redactor). Externato Baptista. Cataguazes, Cataguazes, 4 mar. 1906, p.2.

<sup>101</sup> BARBOSA, Fenelon. *O triunfo da solidariedade, Liga Operária*: o seu futuro escrito no seu passado. Cataguazes, Cataguazes, 11 mar. 1917. p.2.

sociedade a reunirem-se em casa do thesoureiro, a rua Major Vieira n.93, no dia 6 ás 7 horas da noite , afim de tratar-se do interesses desta associação. Alves, secretário.”<sup>102</sup> De acordo com a notícia,essa organização ainda não tinha uma sede própria e, por isso , realizou sua atividade na casa do tesoureiro., não citado pelo jornal. A Liga Operária foi criada pelo Sr. Manoel Correia de Paiva, que realizava na cidade serviços como: pintura de paredes, consertos de mobílias, assentamentos de vidros, etc.<sup>103</sup> Em 3 de dezembro 1910 foi eliminado do quadro dos associados da Liga após uma assembleia geral, não sendo notificado o motivo.<sup>104</sup> Acreditamos que o não cumprimento do Art. 6 , letra a , que se refere ao pagamento das mensalidades da associação, pois não o fazendo o sócio era excluído. Por falta de documentos que comprovem essa exclusão deduzimos essa possibilidade, pois era vista como uma grave falta pela Liga. Em 1914 a Liga lavra em ata o seu falecimento:

Liga Operária Cataguazense

Em reunião de hontem na sede social foi lavrado em acta um voto de profundo pezar pelo falecimento do ex-consocio fundador da Liga, O Snr Manoel Corrêa de Paiva, tendo o Snr. Presidente suspendido a sessão em prova de gratidão pelos serviços prestados pelo mesmo à Liga.

Cataguazes, 1 de outubro de 1914.

O Secretário,

Domingos B. P. Alcantara.

Essa associação teve vida longa, pois sendo criada em 1904 teve suas atividades noticiadas até o ano de 1923. Em 1923<sup>105</sup>, a última referência à Liga no jornal, quando pela terceira vez essa associação tentava se organizar novamente. Nos anos de 1907 e 1908 o jornal Cataguazes não relata nada sobre essa associação. Acreditamos que alguma medida repressiva do governo silenciou a associação. Em setembro de 1907, presente nas festividades da Exposição Regional da cidade, mesmo com suas atividades paralisadas, José Schettini deu voz à Liga ao se fazer representar através de um discurso em nome da classe operária. Era uma oportunidade, em meio a discursos de pessoas ilustres da região, de lembrar que só por um tempo a Liga Operária Cataguazense se manteria ausente.

---

<sup>102</sup> ALVES. Liga Operária Cataguazense. Cataguazes. Cataguazes, 3 jun. 1906. p.4.

<sup>103</sup> PRIMO, J. Manoel Correia de Paiva. Cataguazes, Cataguazes, 28 fev. 1914. p.3.

<sup>104</sup> Directoria. Liga Operária Cataguazense. Cataguazes. Cataguazes, 18 dez. 1910. p. 3.

<sup>105</sup> LOPES, Daniel da Silva (redactor). Liga Operaria Cataguazense, 1923. p.2.

Em outubro de 1909, o Cataguazes publicava:

Liga Operária

Vae ressurgir a Liga Operária que já funcionou nesta cidade e que tão bons serviços prestou à classe de que é representante.

Hoje devem reunir-se às 7 horas da noite, em casa do Sr. Manoel Corrêa de Paiva, os sócios dessa sympathica agremiação para combinarem as medidas e providencias convenientes à sua restauração.

Fazemos votos que ella ressurja cheia de vigor e venha collaborar no engrandecimento de Cataguazes.<sup>106</sup>

Em dezembro de 1909 foi feita uma convocação para a realização de uma assembleia geral para discussão e aprovação dos Estatutos. Pedia-se o comparecimento de todos os sócios à antiga sede da Liga, localizada na Rua Coronel vieira, nº 86.<sup>107</sup>

Em dezembro deste mesmo ano é feita uma reunião quando irá proceder a eleição da directoria definitiva, pois até então esteve como presidente, em caráter provisório, o Sr. Antonio Soares, bem como a aprovação de novos sócios. Lê-se abaixo a seguinte notícia:

Conforme foi anunciado, realizou-se no dia 15 do corrente, a terceira reunião dos sócios da “Liga Operária Cataguazense” para se proceder a eleição da directoria definitiva. Tendo comparecido grande números de sócios o Presidente provisório Sr. Antonio Soares, declarou que achando-se na casa número legal de associados , que declarava aberta a sessão , e que ia proceder a eleição para a directoria definitiva. Correndo em ordem os trabalhos da eleição e apuradas as cédulas verificou-se eleitos os seguintes sócios que foram na mesma hora empossados nos seus respectivos cargos para que foram eleitos . Foi o seguinte o resultado da eleição: Para presidente, José Schettini; Vice-presidente, Achilles Guimarães; 1º Secretário, João Cypriano; 2º secretário, Clarindo Santos; Thezoureiro, Manoel Corrêa de Paiva; Fiscal, Benectido Ventura da Silva; Orador, Antonio Soares. Foram propostos pelo Snr. Presidente eleito para servirem no Conselho de Syndicância, e aprovado pela meza os seguintes sócios: Nicolao Alves Ferreira, Bebiano José Pimenta, Rodolpho Felix dos Santos, Eduardo Del Pelouso e Aurélio Jacinto Pereira .

Cataguases, 26 de novembro de 1909

O 1º secretário, João Cypriano.<sup>108</sup>

Em 1906, a Liga funcionava na Rua Major Vieira n. 93; no ano de 1909, a Liga Operária Cataguazense realizou suas atividades na Rua Cel. Vieira, n.86; em 1911 na Rua da Estação, n. 42 e em 1915 começa a construção de sua sede, no governo de José Schettini. A ideia da construção de uma sede para a Liga é uma preocupação desde 1912, quando o assunto é discutido em assembleia com os associados. Na tentativa de obter um terreno para a

<sup>106</sup>Directoria. Liga Operária. Cataguazes, Cataguazes, 24 out. 1909. p.3.

<sup>107</sup> CYPRIANO, João. Liga Operária Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 05 dez. 1909. p.3.

<sup>108</sup> CYPRIANO, João. Liga Operária Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 01 dez. 1909. p.3.

construção do prédio da associação, em 1912 foi feita uma petição à Prefeitura da cidade, que negou o pedido, como podemos constatar no expediente oficial abaixo:

Expediente da Secretaria Municipal

Mez de Julho de 1912

Petição da Liga Operária Cataguazense, requerendo uma posse “gratuita”, na Rua dos Passos, em frente a rua Monsenhor Araújo, para edificar um prédio para a sociedade. O terreno requerido não pode ser concedido, reserva-o a Câmara para serviço próprio.<sup>109</sup>

Com a eleição em 1915 da nova diretoria, foi deliberado o início da construção do prédio da associação em 7 de fevereiro de 1915, na Rua Dr. Murgel. Durante o período da obra os trabalhos da Liga foram realizados temporariamente no Largo de Santa Rita, na casa do 2º Fiscal, antiga Cadeia Velha.<sup>110</sup> Para angariar fundos para a construção do novo prédio foram realizadas várias festividades com intuito de dar andamento e agilizar a obra da sede da Liga como: quermesses, peças de teatro, jogos, leilões, entre outras. Em março de 1915 é noticiada pela Tribuna Popular a seguinte comunicação:

Liga Operaria

Realizou-se no dia 25 do corrente no Theatro desta cidade o beneficio em favor da Liga Operaria Cataguazense.

Graças a sympathia que esta associação gosa e a generosidade do povo houve grande concorrência.

A Directoria da Liga por nosso intermédio agradece à Empresa do Theatro e a sympathica e applaudida troupe Taveira & Silva e a todos aquellos que prestaram seu concurso para a obra de beneficência em favor da Sociedade.<sup>111</sup>

Constatamos pelos anúncios do jornal que a associação tinha interesse em concluir a obra em um curto espaço de tempo, não poupando esforços para que isso acontecesse.<sup>112</sup>

A Liga passava a funcionar a partir de maio de 1915 na Rua Dr. Murgel s/n, com 120 sócios. Na semana seguinte o Cataguazes relata a inauguração da sede da Liga:

Liga Operaria Cataguazense

Conforme fora anunciado teve lugar hontem a inauguração do novo prédio da Liga. A Sessão Magna foi presidida pelo Sr. Cel. Agente Executivo. Sendo dada a palavra o Sr. Professor Eurico Rabello dissertou sobre o lemma - Operariado, o que com brilhantes palavras recebia de instante Liga em instante prolongadas palmas.

Em seguida teve lugar a entrega dos retratos dos Srs. Presidente e Vice Presidente, pelos seus companheiros como prova de gratidão pelos serviços feitos. Fallaram os Srs. Major Soares, Cel. Paulino Fernandes, Professor Alcântara, José Schettini e

---

<sup>109</sup> Redactor. Expediente da Secretaria Municipal. Cataguazes, Cataguazes, 14 jul. 1912. p.2.

<sup>110</sup> ALCANTARA, Domingos. Liga Operária Cataguazense. Tribuna Popular, Cataguazes, 04 fev. 1915. p.2.

<sup>111</sup> Directoria. Liga Operária. Tribuna Popular, Cataguazes, 07 mar. 1915. p. 2.

<sup>112</sup> Directoria. Liga Operária Cataguazense. Tribuna Popular, Cataguazes, 11 abri. 1915. p. 3.

finalmente o Revm. Sr. Vigario Padre João Chrysostomo que demonstrou com eloquência vibrante as virtudes da união do operariado.

O Sr. Cel. Agente Executivo agradecendo o comparecimento de tão seletto auditório encerrou a Sessão Magna. Compareceram ao acto os Srs. Cel. Virgilio V. Rezende José Vidigal, Antonio Silveira Tindó, Dr. Pio Ventania, Alzir Arruda, Arrequito Costa, Gorgonio Ferreira, Leopoldo F. Santos, Dr. Sandoval Soares de Azevedo, Promotor de Justiça, Dr. Freire de Carvalho, Centro Operário Beneficente, com o seu pavilhão e grande numero de senhoritas, João Aral e outros.<sup>113</sup>

De acordo com a notícia acima, a inauguração contou com a participação de vários representantes influentes da sociedade cataguasense. Primou-se pela realização de uma grande festa onde se faz homenagens aos presidentes e vice-presidente da Liga. Todo esse investimento na elite intelectual e econômica por parte da associação leva-nos a acreditar que se fazia com o objetivo edificar e reforçar o “capital simbólico”, conceito este utilizado por Bourdieu.<sup>114</sup> É possível afirmar que Bourdieu tem uma concepção relacional e sistemática do social. A estrutura social é vista como um sistema hierarquizado de poder e privilégio, determinado pelas relações materiais e/ou econômicas (salário, renda), como pelas relações simbólicas (status) e/ou culturais (escolarização) entre os indivíduos. Por recursos ou poderes Bourdieu entende o capital econômico (renda, salários, imóveis), o capital cultural (saberes e conhecimentos reconhecidos por diplomas ou títulos), o capital social (relações que podem ser revestidas em capital ou que podem ser capitalizadas) e por fim o capital simbólico (o que vulgarmente chamamos de prestígio e/ou honra).<sup>115</sup> Desse modo, o capital simbólico permite que um indivíduo desfrute de uma posição de proeminência frente a uma sociedade e tal importância é reforçada pelos distintivos que reafirmam a posse desse capital (como as patentes, os títulos acadêmicos e religiosos). De acordo com Viscardi essa relação das associações mutualistas com as elites econômicas e intelectuais se fez necessária pela troca de benefícios e apoio político.<sup>116</sup>

Em 1919, a associação deixa de realizar suas atividades na Rua Dr. Murgel, onde foi construída sua sede, e passa a funcionar na Rua Duque de Caxias, nº 28. De acordo com as pesquisas realizadas no Cataguazes, em janeiro de 1919 a cidade foi acometida por uma grande enchente, quando ruas ficaram submersas, dezenas de casas danificadas, estradas

---

<sup>113</sup> Directoria. Liga Operária Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 9 mai. 1915. p.1.

<sup>114</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989. p. 150.

<sup>115</sup> Idem. p.134.

<sup>116</sup> VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro & JESUS, Ronaldo Pereira de. A experiência mutualista e formação da classe trabalhadora no Brasil. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). *As esquerdas no Brasil*. V. 1: A formação das tradições (1889-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p.33.

intransitáveis e pontes destruídas. Isso nos leva a pensar que a sede da Liga, afetada por essa enchente, é obrigada a mudar de endereço.

De acordo com as notícias sobre as eleições da diretoria da Liga, durante o período pesquisado, constatamos que seus integrantes eram pessoas influentes na cidade, havendo pouca variação do núcleo dirigente da associação durante todo o seu período de atuação. De acordo com o quadro abaixo podemos confirmar que o Sr. José Schettini permaneceu como presidente da Liga de 1909 a 1912; Antônio Soares por dois mandatos e Felon Barbosa dois anos como presidente (1916-1917) e um ano como vice-presidente (1912). O Secretário e professor Domingos Alcântara atuou como secretário da Liga por vários mandatos. Os mesmos alternavam em outros cargos como vice-presidente, oradores, etc. Essa permanência do quadro da diretoria seria falta de interesse dos associados pelas questões administrativas? Talvez sim. Mas também pode ser considerado que grande parte dos associados não tivesse experiência em lidar com questões burocráticas, como fazer atas de reuniões, balancetes, etc., ou haver alguma restrição estatutária que impedisse sócios de exercer cargo de diretoria como, por exemplo, ser analfabeto. Provavelmente, as escolhas dos diretores se pautavam também nos bons contatos e a disponibilidade para se reunirem mensalmente. Entretanto, é sempre reafirmada a necessidade da diretoria se reportar a uma assembleia geral para legitimar suas ações.

Também é necessário pensar que o núcleo dirigente da associação devesse ter um forte controle sobre ela. Constatamos através do quadro abaixo a presença de um quadro dirigente pluriclassista, no qual atuavam membros da elite e trabalhadores com profissões variadas. José Schettini que foi presidente da Liga por cinco vezes e orador durante dois mandatos. De origem italiana, era um empresário, dono de uma fábrica de calçados (**Anexo I**). Atuou de forma intensa na liderança da Liga. Em 1907 e 1908 a Liga Operária permaneceu na obscuridade. Na Exposição Regional de Cataguases de 1907, Schettini, aproveitando-se do momento oportuno, pronunciou-se em nome da classe operária em um discurso que leva a crer que a Liga estava apenas passando por um período de latência. Em 1909, ele assume a liderança da Liga e dá prosseguimento às atividades da associação proporcionando várias mudanças como: a construção de uma nova sede para a Liga, o aumento considerável de sócios, inauguração da corporação musical, transferência da escola noturna para a sede social e redução a dívida da associação pela metade. Era notória sua participação em eventos importantes da cidade, permitindo uma aproximação da Liga com vários setores da sociedade cataguasense. Como empresário possibilitou, junto à classe operária, modificações que

permitiram o fortalecimento e a credibilidade da associação perante a sociedade e aos trabalhadores que a compunham.

Fenelon Barbosa, nascido em Santana de Cataguases, em 1888, foi exemplo de *self made man*, preocupado com as causas políticas, ingressa no jornalismo, militando na imprensa de Cataguases.<sup>117</sup> No Cataguazes, foi redator durante o ano de 1912, fundador e dirigente do jornal “A Nota” e proprietário de uma Loja Lotérica (**Anexo J**) que vendia também livros e jornais na cidade. Fenelon Barbosa participou das lutas políticas travadas na cidade durante a Primeira Guerra Mundial. Sempre ligado ao jornalismo, foi diretor do jornal “A Folha”, como também do jornal “A Reação”, órgão que no final da década de 20 se alinhava com a candidatura de Vargas, colocando-se em oposição à política municipal. Presidente da Liga em 1916 e 1917, atuando como vice-presidente de Schettini em 1912, Fenelon Barbosa teve uma importância muito grande para a Liga ao introduzir melhoramentos para classe trabalhadora, como: criação de uma Caixa de Pequenos Depósitos e Empréstimos, organização de uma Biblioteca, a criação de Corpo de Operárias e conferências para os trabalhadores. Durante seu mandato conseguiu aumentar o número de sócios de 46 matrículas para 120 matrículas em 1917, final do seu segundo mandato como presidente da Liga.

Outro importante componente do quadro da direção da Liga foi o professor Domingos B. P. Alcântara, que atuou como 1º secretário e 2º secretário por vários mandatos. Em 1919, como podemos constatar no quadro abaixo, Domingos Alcântara esteve como único membro na direção da Liga. Na pesquisa feita no Cataguazes, não constatamos nenhum outro membro na direção. Mesmo após a eleição de um grupo formado exclusivamente por operários sua presença foi marcada como 1º secretário (1920). Com Schettini e Fenelon formou o “triumvirato” que lutava pela causa operária em Cataguases.

Alguns trabalhadores com condições sociais mais simples como Adão Teixeira da Silva, que atuou como presidente, tesoureiro e fiscal, era maquinista e João de Paula Batista, pedreiro, foi secretário e orador. Para oradores eram escolhidas pessoas como advogados, jornalistas, professores, médicos, que elaboravam seus discursos no sentido de dignificar a história de luta e esforço da associação para manter em funcionamento uma organização tão útil aos trabalhadores.

---

<sup>117</sup> Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho. *Os 100 do século em Cataguases*. Cataguases: Cia força e Luz Cataguases – Leopoldina, 2000. p.40.

**QUADRO 3**  
**DIRETORIA**

ANO	PRESIDENTE	VICE PRESIDENTE	1º SECRETÁRIO	2º SECRETÁRIO	TESOUREIRO	1º FISCAL	2º FISCAL	ORADOR
1906	-	-	Alves	-	-	-	-	-
1907	-	-	-	-	-	-	-	-
1908	-	-	-	-	-	-	-	-
1909	José Schettini	Achilles Guimarães	João Cypriano	Clarindo Santos	Manoel Correa de Paiva	Benedicto V. da Silva	-	Maj. Antonio Soares
1910	José Schettini	-	João Cypriano	-	-	-	-	Maj. Antonio Soares
1911	José Schettini	Augusto Salles	Domingos B. P. Alcântara	João Baptista	Francisco C. Baptista	Piragiba Azedias	Nicolau Alves Ferreira	Maj. Antonio Soares
1912	José Schettini	Fenelon Barbosa	Domingos B. P. Alcântara	João Paula Baptista	Francisco C. Baptista	Piragiba Azedias	Frutuoso Villela Dias	Maj. Antonio Soares
1913	Maj. Antonio Soares	-	Domingos B. P. Alcântara	-	-	-	-	-
1914	Maj. Antonio Soares	Cap. Marcos de P. Rodrigues	Domingos B. P. Alcântara	Ruy Miranda	Francisco C. Baptista	Januário S. Magalhães	Adão F. da Silva	-
1915	José Schettini	Cap. Marcos de P. Rodrigues	Maj. Antonio Soares	Domingos B. P. Alcântara	Gorgonio M. Ferreira	Januário S. Magalhães	Benjamim Mascotti	Maj. Antonio Soares
1916	Fenelon Barbosa	Candido Louro	Gorgonio M. Ferreira	Domingos B. P. Alcântara	Marcollino Rama	Luiz Pombo	Januario Magalhães	José Schettini
1917	Fenelon Barbosa	Fritz Waise	José Monteiro Alves	Domingos B. P. Alcântara	Adão Teixeira da Silva	Alberto Lopes Guedes	Manoel Moraes	José Schettini
1918	Adão Teixeira da Silva	José Fernandes Tatto	João da Cruz Ribeiro	Domingos B. P. Alcântara	Frederico Waise	Elizario Costa	Alpheu Torres	Eduardo Silva
1919	-	-	Domingos B. P. Alcântara	-	-	-	-	-
1920	Adão Teixeira da Silva	Eugenio Guedes	Domingos B. P. Alcântara	João da Cruz Ribeiro	Luiz F. Pombo	Augusto Rossini	Arnoud Coimbra	José F. Tatto
1921	-	-	-	-	-	-	-	-
1922	-	-	-	-	-	-	-	-
1923	Raymundo de Paula Baptista	Eugenio Veillard	Rebeldino Medeiros	Antonio Fernandes	Adão Teixeira da Silva	Sebastião Garcia	Arnoud Coimbra	João de Paula Baptista

De maneira geral, os cargos que compunham a Liga eram: presidente, vice-presidente, 1º secretário, 2º secretário, tesoureiro, 1º fiscal, 2º fiscal e orador. Durante o período analisado, a Liga elegia sua diretoria em assembleia geral, de acordo com o artigo 21§ 1º dos Estatutos<sup>118</sup>, convocando os associados através de anúncios no jornal Cataguazes. A eleição da diretoria sempre era feita anualmente e a posse quase sempre no dia 1º de maio, ou quando as festividades do dia do trabalhador às vezes eram transferidas para semana posterior em virtude de algum problema. Por exemplo, no ano de 1915 a eleição aconteceu em janeiro

<sup>118</sup> CYPRIANO, João. Liga Operaria Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 3 abri. 1910. p.3.

e a posse em fevereiro. Acreditamos que em 1915, a necessidade de iniciar a construção da nova sede da Liga fez com que a eleição fosse antecipada.

Desde a fundação, havia uma preocupação por parte dos associados de elaborarem ou reformarem os estatutos que regiam a Liga. Resultados eram apresentados em assembleias gerais aos associados convocados pelo jornal. Acreditamos que os estatutos tinham uma função vital para a associação, pois apresentavam regras que orientavam as relações entre a diretoria e associados. Sem acesso ao livro de atas e aos estatutos restou-nos a possibilidade de verificar algumas das cláusulas através das notícias dos jornais como:

Os artigos 24 letra A e 26 § 1º referiam-se ao pagamento de pensão às viúvas dos associados;<sup>119</sup>

O artigo 6 letras A, B e C referiam-se à pena aplicada aos sócios que incidissem na inadimplência. Essa punição poderia ser levada ao extremo, ocasionando a eliminação do associado.<sup>120</sup>

Os direitos dos associados estavam assegurados no artigo 4 § 1º. Dentre esses direitos estava o de votar e ser votado.<sup>121</sup>

O artigo 21 § 1º dos estatutos abordava a eleição da diretoria, para que a escolha dos novos representantes da associação, que iriam regê-la por um período anual acontecesse, deveria estar presente na sede da Liga número legal de sócios. Todo o processo de votação e apuração era acompanhado pela Assembleia Geral.<sup>122</sup>

Artigo 29 e § 12 do artigo 28 referiam-se, respectivamente, à participação nas sessões solenes de comemoração ao dia do trabalho e tomada de posse da diretoria.<sup>123</sup>

Artigo 3 do cap. 1º, incisos 4º e 5º referiam-se à fundação de uma biblioteca, fundação de escolas de ensino primário e secundário, profissional e industrial.<sup>124</sup>

Capítulo 3, referente à criação do corpo de operárias.<sup>125</sup>

Esses fragmentos do Estatuto, pesquisado em anos diferenciados no Cataguazes, registram de certo modo como a diretoria conduzia a associação.

<sup>119</sup> Directoria. Liga Operaria Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 31 jul. 1910. p.3.

<sup>120</sup> ALCANTARA, Domingos. Liga Operaria Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 14 jul. 1912. p.2.

<sup>121</sup> ALCANTARA, Domingos. Liga Operaria Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 14 out. 1914. p.3.

<sup>122</sup> CYPRIANO, João. Liga Operaria Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 3 abri. 1910. p.3.

<sup>123</sup> ALCANTARA, Domingos. Liga Operaria Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 03 abr. 1916. p.3.

<sup>124</sup> Redactores diversos. Columna Operária. Cataguazes, Cataguazes, 07 jan. 1917. p.2.

<sup>125</sup> Redactores diversos. Columna Operária. Cataguazes, Cataguazes, 07 jan. 1917. p.2.

Entre tantas atividades realizadas pela Liga a festa do trabalho era um momento significativo para a cidade e para o operariado. Numa espécie de ritual toda programação era cuidadosamente organizada pela Associação. A ordem de celebração desse dia era submetida a um esquema de espaços vinculados às atuações do operariado e de toda a população da cidade. Na madrugada desse dia a cidade era despertada ao som de bandas musicais e ao estrugir de foguetes. Acompanhada por um grande número de operários e pessoas do povo, a banda percorria as ruas da cidade em um cortejo, que se aproximava de uma procissão. Em duas alas eram organizados os operários e ao centro representantes da Liga, presidida de seu estandarte e representantes de instituições da cidade. O ato solene de posse da diretoria se compunha de vários discursos, por oradores oficiais, representantes da Igreja Católica e oradores famosos da cidade, evidenciando a importância da Liga Operária não só na vida dos trabalhadores, mas de pessoas que de alguma forma simpatizavam com ela. Poesias eram declamadas e hinos entoados pelos alunos da escola noturna criada pela Liga. A diretoria empossada desfilava cercada pela banda de música, que ao passar pelas residências das pessoas ilustres lhes rendiam homenagens. À noite era oferecido um espetáculo de gala no Cine-Theatro Recreio Cataguazense (**Anexo L**)<sup>126</sup> e franqueada a entrada de todos os sócios. Nesse ritual misturavam-se elite e proletariado, em um momento de celebração edificada pela supressão das distinções sociais.

A Liga preocupava-se em manter uma relação “harmoniosa” com vários setores da sociedade. Sua presença nos mais variados eventos torna-se, sobretudo, numa troca de vantagens e benefícios entre associação, poder público, chefes locais e sociedade. Nas solenidades da Liga, a presença da elite intelectual, bem como membros da política e do clero era uma constante. Nas realizações das quermesses em benefício da associação envolvia-se toda a sociedade como é relatado pelo jornal:

Liga Operária Cataguazense  
Agradecimentos

Reafirmando a Liga Operária no dia 7 e 8 do corrente, a kermesse annual em benefício de seus cofres sociaes, a qual obteve um resultado bastante satisfatório, não podíamos deixar de fazer publico o nosso sincero agradecimento, às exmas famílias, ao commercio, aos associados, emfim ao povo cataguazense, pelo modo como coadjuvaram a nossa idéia, abrilhantando-a extraordinariamente.<sup>127</sup>

---

<sup>126</sup> Grande parte da posse da diretoria da Liga Operária Cataguazense era feita no Cine-Theatro Recreio, situado na Praça Rui Barbosa, de estilo romano, considerado, naquela época, um dos melhores teatros mineiros.

<sup>127</sup> ALCANTARA, Domingos. Liga Operaria Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 15 set. 1912. p.3.

Nas conferências realizadas pela Liga o convite era estendido a toda a população de Cataguases.

Abrem-se hoje os salões da Liga Operária para uma conferencia que será realizada pelo Sr. Bellini Passos.  
Não havendo convites especiaes, a directoria daquella associação pede, por intermédio, o comparecimento de todos associados e do público em geral.<sup>128</sup>

A programação das atividades da Liga podia variar consideravelmente, desde uma simples reunião na sede associativa para ouvir discursos, como uma série de outras opções que incluíam quermesses, bailes familiares, convescotes, leilões, bailes de carnaval, etc. A presença nessas ocasiões de representantes de outras associações, autoridades locais e de outras localidades legitimava o prestígio da Liga.

Além das festas, muitas excursões eram realizadas pela Liga a várias cidades, em visita a outras associações operárias, como forma de estreitamento de laços de solidariedade entre o proletariado. É frequente no Jornal Cataguazes relatos acerca de excursões dessa associação para assistir à posse de diretoria, posse de associados em outras localidades, como o distrito de Mirahy, onde a Liga instalara uma sede, como podemos verificar na nota a seguir:

Essa utilíssima associação foi no dia 14 do corrente, incorporada e acompanhada de seu rico estandarte, no arraial de Mirahy empossar 40 associados novos residentes n'aquelle districto.  
A associação foi recebida festivamente pela população do próspero districto de Mirahy, ao espocar de innumerous foguetes e ao som de bellas peças musicaes executadas pela banda local. (...).<sup>129</sup>

Na recepção aos operários de outras cidades, como no caso dos operários de Porto Novo, que ao visitar a cidade, em 1915, são acolhidos com uma programação especial, organizada pela Liga (**Anexo M**). Esse programa é divulgado pelo Cataguazes, que ocupando quase toda folha do jornal mostra a relevância desse encontro de operários.

De acordo com o programa, o Comboio especial da Leopoldina Railway foi recebido pela banda de música Lyra Cataguasense. A programação constou de um grande número de atividades: passeatas, quermesse, partida de futebol etc. As portas da Liga e do Theatro Recreio foram abertas para receber durante o dia esses operários.

---

<sup>128</sup> Directoria. Liga Operária. Cataguazes, Cataguazes, 11 mar. 1917. p.1.

<sup>129</sup> Directoria. Liga Operária. Cataguazes, Cataguazes, 20 ago. 1911. p.2.

Para Dutra, essas visitas e excursões patrocinadas pela Liga estão dentro da linha de estreitamento de laços de solidariedade entre os operários preconizada pelos anarcossindicalistas.<sup>130</sup> Toda essa linha de ação estava de acordo com as determinações da C.O.B e sem estar presa a princípios assistencialistas. Portanto, percebe-se através de suas práticas, posturas ideológicas mescladas: tendências anarcossindicalistas como mutualistas.

Além dos eventos promovidos pela Liga, havia também a participação da sociedade em prol dos cofres da Liga. Isso evidencia o bom relacionamento que a Liga mantinha com a sociedade, que acorria ao seu auxílio num momento de necessidade da associação. Ou mesmo quando lhe eram oferecidos donativos de conferências de pessoas de outros estados que vinham a Cataguases, conforme noticiado pelo Cataguazes, em 1912:

O professor George Baçu, em excursão por este Estado, chegou a esta cidade no dia 24 de agosto ultimo, conforme noticiamos.  
Ao que sabemos s.ex. fez distribuir na cidade, os seguintes donativos:  
A Liga Operária ... 200\$000  
Ao Hospital de Caridade ...100\$000  
A's obras de igreja ... 50\$00 [...]<sup>131</sup>

A Liga Operária Cataguazense conseguia através de seus líderes, como Schettini em 1912 e Fenelon em 1917, reconhecimento e respeito de toda a sociedade, que em todas as situações se fazia presente ao partilhar das variadas realizações da associação.

Outro aspecto dessa produção cultural ligada à emergência social do proletariado cataguasense foram as representações musicais com participação de bandas, elos importantes da vida social do município. A Liga teve duas bandas de música, sendo que a primeira sob a regência de Dyonísio Celestino Brum, desorganizou-se face à indiferença dos componentes, dado este relatado pelo Cataguazes. Em 1917 a Liga, através de um concurso passa a ter outra banda musical: a Banda da Liga, que marcava presença nas celebrações da associação e outras festividades na cidade. Essa banda de música era composta unicamente de operários e aprendizes de música.<sup>132</sup> Nas aulas noturnas da Liga, além de funcionar regularmente aulas de instrução primária e secundária, eram oferecidas aulas de música vocal e instrumental, o que evidencia a preocupação com a música por parte da associação.

---

<sup>130</sup> DUTRA, Eliana de Freitas. *Caminhos Operários nas Minas Gerais*. São Paulo: Hucitec, 1988. p.85.

<sup>131</sup> Redactor. Professor Baçu. Cataguazes, Cataguazes, 01 set. 1912. p.1.

<sup>132</sup> Redactores diversos. Columna Operária. Cataguazes, Cataguazes, 28 out. 1917. p.2.

Também se faz notória a criação de uma Escola Noturna para sócios e seus filhos , em março de 1904, pela Liga, numa época em que o Estado e a burguesia eram negligentes em relação à questão do ensino e da educação de um país iletrado como o Brasil. Essa associação já se preocupava com a educação de seus associados, sendo a primeira escola da cidade, de iniciativa particular, que atendia a população mais pobre, evidenciando a importância da alfabetização dos trabalhadores. O “Externato Batista”, anunciado no jornal Cataguazes oferecia essa possibilidade.

Estão reabertas as aulas deste estabelecimento de ensino primário e secundário, fundado há dois annos nesta cidade, pela popular “Liga Operária Cataguazense” e sob a direção do professor Batista de Araújo, nosso companheiro de imprensa e apreciado colaborador desta folha.

Recommendamos com empenho essa casa de educação à mocidade estudiosa que já tanto deve em cultura e aproveitamento ao provector educador. <sup>133</sup>

O jornal Cataguazes relatava com frequência o número de alunos e a necessidade de estender a data da matrícula para que os interessados tivessem oportunidade de frequentar a escola.<sup>134</sup> É importante ressaltar que a escola noturna sob a responsabilidade da Liga tinha como objetivo atender aos operários que trabalhassem em turnos alternados, não podendo frequentar a escola regular e também prepará-los para o trabalho. Vários alunos ao deixar a escola da Liga saíam empregados, como podemos verificar no Balancete Geral da Thesouraria da Liga Operária, em junho de 1912: “Durante o anno findo a Escola deu 14 allumnos preparados que já se acham empregados nesta cidade e em outros districtos”.<sup>135</sup>

É importante relatar que o ensino não se reduzia às disciplinas básicas necessárias ao aprendizado dos operários. Era oferecido, além das disciplinas do núcleo comum, francês, inglês, geometria, música instrumental e vocal.<sup>136</sup>

De acordo com Isabel Bilhão, entre socialistas e anarquistas havia um ponto de convergência que tendia a aproximá-los: a educação como arma de emancipação operária. Os dois grupos esforçavam-se para demonstrar que a falta de instrução da maioria dos operários produzia dificuldades que se antepunham à melhoria de suas condições de vida.<sup>137</sup>

---

<sup>133</sup> SOUZA, Heitor de (redactor). Externato Baptista. Cataguazes, Cataguazes, 4 mar. 1906. p.2.

<sup>134</sup> ALCANTARA, Domingos. Liga Operária Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 15 jul. 1913. p.2.

<sup>135</sup> ALCANTARA, Domingos. Liga Operária Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 23 jun. 1912. p.2.

<sup>136</sup> ALCANTARA, Domingos. Liga Operária Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 15 jul. 1913. p.2.

<sup>137</sup> BILHÃO, Isabel. *Identidade e Trabalho: análise da construção identitária dos operários Porto-Alegrenses (1896-1920)*. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal do Rio grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

Era preocupação dessa associação a organização de uma biblioteca para os associados, permitindo o acesso á informação e cultura. Em entrevista concedida ao jornal Cataguazes, Fenelon Barbosa evidencia a preocupação com a educação não só de homens como também das mulheres que acabavam de ingressar na Liga.

A Bibliotheca, cujo regulamento já foi aprovado pela Assembléa Geral, já está iniciada, e o bibliothecario, sr. José Alves, tem distribuido circulares solicitando a remessa regular de jornaes e de algumas obras para a mesma.

Com a organização do Corpo de Operarias, tivemos occasião de conhecer o atrazo lastimavel em que se encontravam innumeradas operarias, que são forçadas, pelas condições economicas de suas provas, a abandonar a instrucção como cousa secundaria, em troca de um trabalho exaustivo e mal remunerado.

Felizmente, para a solução do problema da instrucção das mesmas, a Directoria da Liga já está agindo, afim de conseguir que a Camara Municipal converta a escola nocturna sexo masculino para o feminino, justificando esse pedido, com o acto do governo Estadoal, creando aqui mais uma escola nocturna para o sexo masculino.

Esta iniciativa da Liga esta bem patrocinada e esperamos dentro em breve venha a ser realidade.<sup>138</sup>

Os interesses materiais atendidos pela Liga Operária Cataguazense eram possíveis com a arrecadação regular de mensalidades e atividades que pudessem arrecadar fundos para os seus cofres, para assegurar aos associados os benefícios que seriam concedidos. A inadimplência era combatida com rigidez, durante todo o período, conforme analisado. Havia uma ampla divulgação na imprensa sobre a possibilidade de exclusão dos sócios que não estivessem em dia com suas mensalidades.

Em 1911, a Liga estende sua influência ao distrito de Miraf quando empossa 40 associados residentes naquele distrito.

A associação foi recebida festivamente pela população do prospero districto de Mirahy, ao espocar de innúmeros foguetes e ao som de bellas peças musicas executadas pela banda local

Em secção solemne foram empossados os novos sócios sendo, ao terminar, proferido pelo Sr. Álvaro Rezende, um bello discurso análogo ao acto, respondendo-lhe o orador official da sociedade, o Sr. Major Soares de Siqueira. [...] <sup>139</sup>

A filiação de Miraf durou apenas um ano quando em 1912, é realizada uma assembleia geral extraordinária para deliberar sobre o procedimento do Conselho de Mirahy. De acordo com o registro do Cataguazes, o Conselho de Mirahy achava-se incurso no Art. 6 letras b e c dos Estatutos, o que permitia à Liga a dissolução do mesmo. Ainda, de acordo com

---

<sup>138</sup> BARBOSA, Fenelon. O triunfo da solidariedade, Liga Operária: o seu futuro escrito no seu passado. Cataguazes, Cataguazes, 11 mar. 1917. p.2.

<sup>139</sup> Directoria. Liga Operária. Cataguazes, Cataguazes, 20 ago. 1911. p.2.

o jornal, era facultado aos associados que não estivessem de acordo com aquela resolução continuar pertencendo a Liga, sendo necessário oficializar sua decisão dentro de 15 dias.

Em março 1917 é organizado pela Liga o Corpo de Operárias “tuteladas” pelos homens, cuja participação era intermediada pela atuação masculina. Acreditamos que sua atuação ocorria em função das atribuições próprias da participação feminina como: enfeitar a sede para os dias de festas, participar dos bailes, das quermesses, etc. Não encontramos nenhum registro dessas mulheres em nenhum cargo da associação. Havia uma preocupação da Liga com a instrução das mesmas, que por condições econômicas eram forçadas a trabalhar em detrimento do estudo. Para solucionar esse problema, a Liga, junto à Câmara Municipal da cidade, cria uma escola noturna feminina.

Em várias matérias da Liga, publicadas no jornal, percebemos a utilização do termo “humanitária”, que pode indicar o modo como realiza e caracteriza suas finalidades como também para realçar as benesses oferecidas aos seus associados. Em 1912, o jornal Cataguazes escreveu o seguinte artigo:

Esta humanitária associação que tanto progresso tem feito nestes últimos annos, já iniciou na sua Escola Nocturna a classe de desenho, com grande número de alumnos e projecta, para logo que obtenha prédio mais confortável, o ensino do curso médio. Brevemente será inaugurada a aula de música, que já conta com diversos alumnos. Ao que nos consta esta sociedade está organizando para o dia 7 de setembro vindouro uma magnífica festa, que constará de um programma variado.

É importante perceber que o termo humanitária visava também a promover suas atividades bem como defender posicionamentos políticos junto à população culta da sociedade. A utilização desse termo se faz presente também em um artigo do jornal de 1º de setembro de 1912:

#### Kermesse

Realiza-se no dia 7 do corrente, às 5 horas da tarde, no Largo do Comércio, nesta cidade, um magnífico leilão de prendas, em favor dos cofres sociais da humanitária Sociedade Liga Operária Cataguazense.

Esta kermesse certamente revestir-se-há de todo brilhantismo, por ser o seu producto destinado a uma associação que, justamente goza da sympatia geral da população culta e sensata de Cataguazes

A presença dessa associação em eventos sociais, homenagens ou recepção de pessoas, datas comemorativas era constante durante o período analisado. Isso permitia que os associados fossem representados em todas as mobilizações, maiores ou locais, de acordo com os eventos vivenciados.

Notamos que em algumas ocasiões, a Liga Operária Cataguazense lançava mão dos canais políticos para tentar solucionar alguns de seus problemas cotidianos, como no ano de 1917, quando a Liga recorre ao poder público reivindicando uma escola noturna para mulheres. O Cataguazes publicava: “A Liga Operária pretende obter da Câmara transferência da Escola Nocturna do sexo Masculino para o Sexo Feminino”<sup>140</sup>

Em janeiro de 1918, o poder público municipal se fazia presente ao conceder a transferência da Escola Nocturna Masculina para Feminina, transformando em lei Decreto 97, anunciado no Cataguazes

O cel. João Duarte Ferreira, agente Executivo Municipal de Cataguazes, na forma da lei etc.

Usando das atribuições que lhe confere a lei e em cumprimento da autorização constante do art. 26º. Letra A da lei n. 261 de 20 de Dezembro de 1917.

Art. 1º. \_\_ Fica convertida em escola do sexo feminino a actual escola nocturna municipal do sexo masculino dessa cidade.

Art. 2º. \_\_ Revogam-se as disposições ao contrário.

Publica-se e cumpra-se.

Dado e passado no Gabinete do Agente Executivo Municipal de Cataguazes, aos 5 dias do mez de janeiro de 1918.

O Agente Executivo  
João Duarte Ferreira.

Em fevereiro do mesmo ano a escola Nocturna feminina começou a funcionar:

Installa-se amanhã a escola nocturna municipal, a cargo da normalista Maria Tostes do Carmo, e destinada às operárias.

O novo curso funcionará em uma das dependências do Theatro Recreio.<sup>141</sup>

Na greve de 1920 foi solicitado ao agente executivo Cel. João Duarte Ferreira e ao deputado Sr. Astolpho Dutra Nicácio mediar as reivindicações dos trabalhadores com os empregadores, salientando a situação angustiosa que o operariado atravessava e pedindo a esses políticos que empregassem seus prestígios em favor da causa que pleiteavam.

Esse tipo de relação com a política e seus representantes na esfera administrativa do poder público ao solicitar a intervenção de parlamentares municipais para a solução de problemas imediatos revela um tipo de estratégia que teria contribuído de maneira significativa para o bom andamento da associação. Essa prática, em geral, era contrária às ideias anarquistas, contrárias às atitudes que envolvessem algum tipo de negociação com autoridades ou poder público. Defendiam que a classe trabalhadora deveria se organizar em sindicatos e criar cooperativas para proverem de forma autônoma suas necessidades. Quando

---

<sup>140</sup> Redactor. Decreto n. 97. Cataguazes, Cataguazes, 05 jan. 1918. p.3.

<sup>141</sup> Redactor. Escola Nocturna. Cataguazes, Cataguazes, 03 fev. 1918. p.1.

houvesse necessidade usaria o recurso das greves ou outras formas de mobilização. Portanto, reiteramos que na maioria das situações a Liga não se caracteriza como anarcossindicalista. Suas ações se caracterizam mais como uma mutual, sem descartar algumas influências anarcossindicalistas, como analisado anteriormente.

Em maio de 1918, com a posse de Adão Teixeira, um maquinista, notícias sobre a Liga passam a ser escassas no jornal da cidade. Com Felon Barbosa na redação do Cataguazes e presidente da Liga até maio de 1918, havia uma maior interlocução da associação com a sociedade cataguasense. As notícias sobre a Liga são relatos pequenos, parte de outras notícias como: recepção de políticos na cidade, assembleias e convocação da eleição da diretoria.

Em abril de 1919, o Cataguazes relatava:

Em trem especial, os operários da “Liga” viajaram hoje para Porto Novo do Cunha, em retribuição à visita que lhes foi feita em 1916, pelos operários das oficinas da Leopoldina, allí estabelecidos.

Essa visita para a qual a directoria procurou dar todo seu esforço tem a significação de uma grande obra de fraternidade \_\_\_ muito justamente apreciada.

Ainda em outubro de 1919, pequenas notas sobre a participação da Banda da Liga na festa da República Portuguesa e a mudança de endereço da sede da associação.<sup>142</sup>

A partir de 1920, desaparece do jornal o assunto operário que até então era abordado com grande simpatia.<sup>143</sup>

Nas notícias sobre a greve, o jornal comenta sobre o apoio da Liga Operária Cataguazense e da filial de São José de Além Parahyba. Através de discursos essas associações recomendavam aos grevistas serenidade e coesão para evitar qualquer acusação nos seus procedimentos.

Em abril desse ano é noticiada a eleição da diretoria da Liga:

Realizou-se no dia 15 de abril corrente a eleição da nova directoria da Liga Operaria que ficou assim constituída:

Presidente, Adão Teixeira da Silva; Vice-Presidente, Eugenio Guedes; Thesoureiro, Luiz F. Pombo; 1º Secretario, Domingos B. P. Alcantara, 2º, João da Cruz Ribeiro; Orador, José F. Tatto; 1º Fiscal, Augusto Rossini, 2º Fiscal, Arnoud Coimbra; Conselho, Manoel Couto, Antonio J. Maria e Venancio.<sup>144</sup>

---

<sup>142</sup> ALCANTARA, Domingos. Liga Operaria Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 21out. 1919. p. 3,

<sup>143</sup> GOMES, P. S. Salles. *Humberto Mauro*: Cataguases Cinearte. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 63.

<sup>144</sup> Redactores diversos. Liga Operária. Cataguazes, Cataguazes, 25 abri. 1920. p.2.

Após a eleição da diretoria, o Cataguazes deixa de registrar qualquer atividade da Liga na cidade. Consideramos a possibilidade da falta de uma maior aproximação entre a diretoria da Liga e a redação do Cataguazes. Em anos anteriores esse vínculo se dava em razão de Fenelon Barbosa ter sido redator do Cataguazes e membro da Liga Operária Cataguazense, permitindo assim uma maior divulgação das atividades da Liga.

Em 1923, o Cataguazes anuncia o retorno da Liga com um quadro da diretoria totalmente diferenciado dos anteriores:

Liga Operária Cataguazense

Realizou-se no dia 20 do corrente a posse da nova directoria da Liga Operária, com a presença de elevado numero de sócios.

A nova directoria ficou assim constituída:

Presidente Raymundo de Paula Baptista, (carpinteiro); Vice-Presidente, Eugenio Veillard, (mechanico); 1 secretario, Rebeldino Medeiros (carpinteiro); 2 secretario, Antonio Fernandes (ferreiro); thesoureiro, Adão Teixeira da Silva (machinista); 1 fiscal, Sebastião Garcia (carpinteiro), 2 fiscal, Arnoud Coimbra (sapateiro); Orador, João de Paula Baptista, (pedreiro).

Nós que sempre pugnamos pelos reaes interesses dos operários, não podemos, de modo algum, deixar de vir trazer-lhes os nossos applausos e a nossa solidariedade muito cordeaes pela acertada deliberação que tomaram de reorganizar a velha Liga Operária, que tão bons e inestimáveis serviços prestou aos seus associados.

Num paiz como o nosso em que a Idea de associação, para a defeza collectiva dos interesses de uma classe, tem sido tão mal recebida, no próprio seio dos interessados, e que pelo desanimo indesculpável e injustificável do nosso povo, tem falhado uma infinidade de vezes, merece todos louvores os nossos operários pelo levantamento da Liga. Esses nossos parabéns são tão mais entusiasticos quando vemos que da Directoria só fazem parte operários. Dão assim os operários de Cataguazes a sua associação um cunho eminentemente operária.

A Liga Operaria pugnará pelos legítimos interesses dos seus associados defendendo com ardor e entusiasmo, próprios de gente de brio e de honra, os seus legítimos e sagrados direitos, que por ventura venham a ser conspurcados pelos abusos de autoridades.

Aos reorganizadores da Liga Operária Catagazense temos muito prazer de enviar-lhes as nossas congratulações e votos de felicidade.<sup>145</sup>

De acordo com a notícia de 1923, a nova diretoria ficou composta por operários de várias categorias profissionais: carpinteiros, maquinista, pedreiro e mecânico. É interessante perceber a preocupação da associação em afirmar que somente fazia parte do quadro da diretoria operários, o que podemos entender como um indicativo de oposição a um grupo que não era mais aceito como parte integrante dessa associação. Acreditamos que os processos de inclusão e exclusão sofrem modificações no curso dos processos sociais. Acentua-se nesse momento uma tendência de rompimento com um grupo que durante toda a trajetória da Liga Operária se fez presente. A participação de pessoas influentes no quadro da diretoria da Liga não mais interessava à associação, que naquele momento se proclamava eminentemente operária. Isso parece refletir na ausência de informação veiculada pelo jornal sobre essa

<sup>145</sup> LOPES, Daniel da Silva (redactor). Liga Operária Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 1923. p.2.

associação e que nos leva a acreditar que a partir dessa data teve vida efêmera, pois nada mais foi noticiado pela imprensa.

A tensão entre as direções anteriores a 1920 e a atual diretoria era evidente. Podemos detectar através desse fragmento da notícia abaixo:

‘Num paiz como o nosso em que a Idea de associação, para a defeza collectiva dos interesses de uma classe, tem sido tão mal recebida, no próprio seio dos interessados, e que pelo desanimo indesculpável e injustificável do nosso povo, tem falhado uma infinidade de vezes, merece todos louvores os nossos operários pelo levantamento da Liga. Esses nossos parábéssão tão mais entusiasticos quando vemos que da Directoria só fazem parte operários. Dão assim os operários de Cataguazes a sua associação um cunho eminentemente operária.’

O que teria acontecido para que houvesse essa tensão entre as diretorias anteriores, eminentemente formadas por intelectuais, e a formada apenas por operários? Não atendiam mais aos interesses da classe operária? Ou a classe operária havia desenvolvido uma consciência de organização em relação à vida associativa, descartando a tutela dessa elite?

É provável também que essa mudança tenha sido fruto da necessidade que a nova conjuntura apresentava, de uma participação mais atuante dos operários na direção de uma associação que atendesse aos seus interesses naquele momento. Ou seria o alastramento das ideias da Revolução Russa discutida nos quatro cantos do planeta? O que isto poderia significar para o movimento operário numa cidade do interior mineiro? Não acreditamos nessa possibilidade, ainda que houvesse algumas notícias sobre a revolução divulgadas pelo Cataguazes. A crença de uma nova sociedade produzida pela revolução socialista não produziria transformações a ponto de ser um fator de rompimento entre os presidentes precedentes e a nova diretoria constituída. É possível que à medida que o tempo passasse, as informações que circulavam pudessem trazer mudanças na consciência operária, mas ainda era cedo para que pudesse causar transformações em uma classe que começava a tentar andar pelas próprias pernas.

Após 1923, a ausência de informação veiculada pelo jornal sobre a Liga Operária Cataguazense nos leva a acreditar que a partir dessa data a associação dos trabalhadores teve vida efêmera, pois nada mais foi noticiado pela imprensa, única fonte disponível para a pesquisa desse objeto.

### 2.1.1 O Cataguazes

À medida que o historiador do século XX se aproxima do presente, fica cada vez mais dependente de dois tipos de fonte: a imprensa diária ou periódica e os relatórios econômicos e outras pesquisas, compilações estatísticas e outras publicações de governos nacionais instituições internacionais.(...) Nenhuma história das mudanças sociais e econômicas ocorridas neste século poderia ser escrita sem essas fontes.<sup>146</sup>

O jornal condensa relatos sobre acontecimentos dos mais variados que se referem, de modo especial, a um ordenamento material e simbólico da cidade em que é escrito. Além disso, ele não se limita a registrar os acontecimentos locais, pois tende a trazer para os leitores da cidade em que circula notícias de outras localidades, contendo uma noção de espacialidade, que traduzida em linguagem político-administrativa, típica de processos de edificação republicana como o nosso, cresce da esfera municipal à estadual, chegando a abarcar a nação e o plano internacional, sem descuidar de unidades menores como bairros, distritos, becos e lugares mais ermos. Nesse sentido, o jornal é simultaneamente local e universal em suas pretensões de bem informar.<sup>147</sup>

Apesar dos pequenos números de trabalhos na década de 70, o uso do jornal como fonte histórica, visto como inadequado, gerou ácidas polêmicas pelo seu caráter ideológico no ato de noticiar, de seu comprometimento com interesses de proprietários e anunciantes ou “que nem sempre a independência e exatidão dominam o conteúdo editorial, caracterizado como mistura do imparcial e do tendencioso, do certo e do falso”<sup>148</sup>, tornou-se objeto privilegiado da prática historiográfica.<sup>149</sup> A história da formação e do movimento operário, com grande publicação nos círculos acadêmicos brasileiros de 1970 e 1990, teve na imprensa uma de suas fontes privilegiadas.

---

<sup>146</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução Marcos Santarrita. Revisão técnica, Maria Célia Paoli. São Paulo: Cia das Letras, 1995. Prefácio, p. 9.

<sup>147</sup> CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. *O jornal como fonte privilegiada de pesquisa histórica no campo educacional*. Fortaleza: FAGED/UFC, s/n, 2000.

<sup>148</sup> LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 116.

<sup>149</sup> Trabalhos que valeram da imprensa são inúmeros. Ver, por exemplo, Boris Fausto, *Trabalho Urbano e Conflito social(1890-1920)*; F. Hardman, *Foot, Nem Pátria, nem Patrão*, 3ed. Ver .ampl., São Paulo, UNESP, 2002; Marcelo Badaró Matos, *Novos e velhos sindicalismos: Rio de Janeiro (1955-1988)*, Rio de Janeiro, Vício de Leitura, 1998; P. Sérgio Pinheiro e M. Hall, *A Classe Operária no Brasil (1889-1930)*, São Paulo, Alfa-Omega, 1979; Cláudio H. M. Batalha, “A historiografia da classe operária no Brasil: trajetória e tendências”, em Marcos César Freitas (org); *Historiografia brasileira em perspectiva*, São Paulo, Contexto, 1998, PP.145-58. Vários outros estudos utilizaram a imprensa na construção de seu objeto.

Hoje o uso do jornal na pesquisa está cada vez mais generalizado. A utilização desta fonte nos distancia de um tempo em que a imprensa era considerada como fonte suspeita, a ser usada com cautela, pois apresentava problemas de credibilidade. Nestas últimas décadas perdemos definitivamente a inocência e incorporamos a perspectiva de que todo documento, e não só a imprensa, é também monumento, remetendo ao campo de subjetividade e da intencionalidade com o qual devemos lidar.<sup>150</sup> Como propõe Laura Maciel,

Trata-se, em primeiro lugar, de “em nossa prática de pesquisa não [tomar a imprensa] como um espelho ou expressão de realidades passadas e presentes, mas como uma prática constituinte da realidade social, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais.”<sup>151</sup>

O final do século XIX e o início do XX estão marcados por uma grande quantidade de periódicos de duração efêmera e pouca expressão. Os vários jornais que circularam no final do século XIX e início do século XX em Cataguases desapareceram nos primeiros anos do século XX.<sup>152</sup>

Em 28 de janeiro de 1906 surge o jornal Cataguazes como um órgão oficial do município, semanário, que circula até os dias de hoje. Em 1906 teve como redator Evaristo G. Machado e gerente o Sr. Arthur Vieira de Resende e Silva. Como historiador e latinista, Arthur Vieira de Resende pretendia junto ao advogado, jornalista e eminente orador, Heitor de Sousa, fazer da cidade, através das páginas do Cataguazes, um centro da vida intelectual mineira. Para tanto, tiveram como colaboradores Augusto de Lima, Arduíno Bolívar, Belmiro Braga, Navantino Santos e outros que estavam entre os mais prestigiados da vida literária

---

<sup>150</sup> CRUZ, Heloisa de Faria, PEIXOTO. *Projeto História, São Paulo, n.35, dez. 2007. p. 254.*

<sup>151</sup> MACIEL, Laura Antunes. Produzindo Notícias e Histórias: Algumas Questões em torno da Relação Telégrafo e Imprensa – 1880/1920. In FENELON, Déa et ali. *Muitas Memórias, Outras Histórias.* São Paulo : Olho d’água, 2004. p.15.

<sup>152</sup> O primeiro jornal foi a **Gazeta de Cataguazes**, edição semanal, fundado por Ernesto Melo, em 1883. Em 1884 é fundada a **Folha de Minas**, por Francisco Gonçalves Costa sobrinho. **Jornal Cataguasense**, edição semanal, fundado por Lima Deslandes. **Jornal José Bonifácio**, fundado por Francisco Gomes da Silva, edição semanal. O jornal **Eco de Cataguases** é fundado por Paulino Delfim e Osório Duque Estrada, em 1894, desaparecido em 1896, semanal. Também em 1894 é fundado o **Gazeta de Cataguases** pelo Sr. Antônio Cavalcante Sobral. O **Monitor Mineiro**, edição diária, teve duração de um ano. O jornal **O Agricultor**, fundado pelo dr. Astolfo Vieira de Resende, em 1898, edição semanal. O **jornal de Minas**, fundado em 1898, por M. C. Machado Júnior, circulou até 1902, edição semanal. A imprensa oficial foi inaugurada na cidade, quando o jornal **Cataguazes**, começou a ser editado em 1906, sendo o gerente Artur Resende e o redator Heitor de Sousa. Em 1908 é criado o jornal **A Quimera**, órgão do Clube Vintém, Edição semanal. Teve um ano de vida. Em 1918, O Cataguases noticia o aparecimento do Kiriri, jornal literário que se publica às quintas-feiras, e ainda mais outros que circulam nesse período: O Estandarte, Sport, Pátria, (publicados às quintas-feiras) e Nota que era publicado aos sábados e o Cataguazes aos domingos. RIBEIRO FILHO, Joaquim Branco. *Passagem para a modernidade. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002. p. 164-66.*

mineira da época. Todos estes nomes que contribuíram com o jornal foram fundadores da Academia Mineira de Letras, em 1909.<sup>153</sup>

O jornal Cataguazes mantinha naquela época uma periodicidade semanal, possuindo 4 páginas com seis colunas, apresentando textos literários, seção policial, Expediente da Secretaria Municipal, anúncios de propagandas da cidade e de outros grandes centros urbanos, como também notícias do exterior. Mesmo sendo um jornal oficial privilegiava-se com uma “simpatia compreensiva” notícias referentes ao mundo do trabalho.

As páginas do Cataguazes sempre estiveram franqueadas a todos que quisessem publicar artigos sobre temas concernentes ao interesse das classes trabalhadoras. Os colaboradores eram professores das mais diferentes ideologias e credos. A redação do jornal alertava, entretanto, quanto às opiniões de seus colaboradores sobre os diferentes assuntos publicados, que estes não necessariamente seriam a posição do jornal e eram de responsabilidade daqueles que as emitiam.

Eram frequentes as críticas do jornal à Estrada de Ferro Cataguazes-Leopoldina pela precariedade de vagões de passageiros ou o atraso constante dos trens. Outro alvo de críticas do jornal eram os Correios, pelas correspondências diárias que não chegavam aos bairros mais distantes. Percebemos também a propaganda política que por diversas vezes ocupou na primeira página um espaço considerável do candidato à assembleia estadual representante da cidade.<sup>154</sup>

Sua redação e oficina situava-se na Rua Coronel Vieira, nº 53. O jornal, como um instrumento de opinião pública, oferecia notícias internacionais, nacionais e locais, mas com uma tendência nos assuntos imediatos da cidade, apresentando ao leitor acontecimentos que pontuavam o cotidiano dos cataguasense.

Destinado a “servir aos interesses de Cataguases na esfera da publicidade”, logo nos primeiros números já declara a preocupação com o problema do café, assunto que será objeto de especial discussão dos agricultores da cidade.<sup>155</sup> É importante ressaltar que, ao consultar inúmeros exemplares do jornal cataguasense, é possível verificar que o nome correto é “Cataguazes” e não “O Cataguazes”, sendo um erro reproduzido por vários pesquisadores que utilizam esse hebdomadário como referência para citar a imprensa em Cataguases.

---

<sup>153</sup> Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho. Os 100 do século em Cataguases. Cataguases: Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho : Cia Força e Luz Cataguases- Leopoldina, 2000. p.24.

<sup>154</sup> Redactor. Para deputado federal Dr. Astolpho Dutra Nicácio. Cataguazes, Cataguazes, 21 jan. 1912. p.1.

<sup>155</sup> GOMES, P. E. Salles. Humberto Mauro, Cataguases, cinearte. São Paulo.Perspectiva. Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974. p.21.

Notícias sobre o Convênio de Taubaté são constantes, levando os agricultores a uma mobilização e polêmicas em torno do assunto. O jornal Cataguazes divulga em 4 de março de 1906:

#### O CONVÊNIO DE TAUBATÉ

Realizou-se no dia 25 do mez findo, em Taubaté, a conferencia entre os drs. Francisco Salles, Jorge Tybiriçá e Nilo Peçanha, presidentes dos Estados de Minas, S. Paulo e Rio de Janeiro, para a celebração do convenio relativo à valorização do café.[...]

Alenta-nos a mais viva esperança nos resultados práticos dessa conferencia solemníssima, que ficará registrada como um symptoma benigno e efficaz da intervenção dos poderes públicos em prol da lavoura e que é o primeiro passo de solidariedade e de alliança dos Estados na defesa dos interesses communs, solidariedade e alliança tão necessárias a existência da federação e a pratica deste regimen.

Temos convicção inabalável de que as medidas preconizadas nas reuniões preparatórias dos representantes dos estados cafeeiros, combinadas pelos que estudaram larga e proficientemente o assumpto e adoptadas pelos governos mineiro, paulista e fluminense na conferencia de Taubate, terão effectividade próxima e realisabilidade inilludível na e realisabilidade inilludível na disposição inquebrantável em que estão os dirigentes dos Estados interessados no magno problema de não prolongarem essa situação afflictiva de quem tem feito da lavoura de café, manifestação culminante da nossa vida econômica, uma actividade repudiada pelos laboriosos e pelos competentes.[...]

Apesar das dificuldades da produção do café, durante vinte anos o jornal registra semanalmente a situação vivenciada, não só na Zona da Mata, mas o conjunto dos centros cafeicultores do país. Os lavradores de Cataguases participavam ativamente da mobilização e das polêmicas em torno do Convênio de Taubaté, convencidos que seu destino está diretamente vinculado à execução das medidas recomendadas naquela ocasião pelos governos de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Através do jornal criticam a timidez dos governos em debelar a situação. Também é destacado pelo jornal assuntos relacionados ao comércio e à indústria do município. As publicações de caráter geral, doutrinárias ou práticas, políticas, artísticas, literárias e científicas, terão destaques nas suas colunas, quaisquer que sejam as escolas, orientações ou opiniões que elas revistam. É importante ressaltar que mesmo adepto do liberalismo pregado no Brasil dessa época, praticou-se uma adaptação contundente aos interesses imediatos do município.<sup>156</sup>

Não havia uma imprensa operária de oposição à imprensa oficial. Em Cataguases não foi possível constatar a existência de jornais produzidos pelas associações operárias como em diversas partes do país. O interesse em divulgar notícias da Liga pode ser explicado pelo envolvimento de seus redatores e gerentes como oradores e mesmo associados, como no caso

---

<sup>156</sup> GOMES, P. E. Salles. Humberto Mauro, Cataguases, cinearte. São Paulo.Perspectiva. Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974. p. 22.

de Fenelon Barbosa, que foi presidente da Liga, vice-presidente e redator do jornal por vários anos.

Informações sobre greves, festas do trabalho, quermesses e outras atividades realizadas pela Liga eram anunciadas no jornal, como manchetes de primeira página ou avisos de assembleias a serem realizadas em sessões secundárias. Notícias de congressos operários na capital mineira e nos grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo eram divulgadas pelo Cataguazes aos associados. Em 1912, a participação de alguns membros da Liga no Congresso Operário de Belo Horizonte é assunto do Cataguazes:

Em 24 do corrente, à 1 hora da tarde, no salão da sede, haverá uma assembléia Geral para apresentação dos trabalhos dos Delegados no Congresso e Prestação de contas do 2º semestre.

São convidados todos os associados em geral.

Cataguazes, 22 de novembro de 1912.

Domingos B. P. Alcântara. 1º Secretário.<sup>157</sup>

Em 1914, o jornal registra a realização de uma assembleia realizada pela Liga, dando destaque ao Congresso do Rio de Janeiro de 1914:

Em sessão de assembléia geral hontem realizada tratou-se de altos interesses sociais da classe operária, sendo lido o relatório do Congresso Operário do Rio de Janeiro e outros impressos que procuram consolidar todo seu apoio à classe operária. [...]

Cataguazes, 8 de junho de 1914.

Domingos B. P. Alcântara.

1º secretário.

No que se refere à Liga, o jornal Cataguazes noticiou ao longo de sua existência suas ações e reivindicações, sendo um veículo de divulgação e apoio às realizações dessa associação. Desde os primeiros números de sua criação já era reservado à Liga um espaço para que ela pudesse registrar suas assembleias, reuniões e festividades a serem realizadas. As notícias de maior importância apareciam na primeira página e outras menos expressivas na Sessão Livre ou na Columna Operária. As festividades do 1º de maio, organizadas pela Liga a partir de 1910, eram comentadas como notícias de primeira página, mostrando com detalhes toda a programação realizada naquele dia.

1º de Maio

A grande ephemeride do trabalho universal não passará desta vez despercebida entre nós.

A Liga Operária Cataguazense vae festeja-la condignamente.

Para a festa que deve ter o máximo de realce, recebemos delicado convite a que corresponderemos com prazer.<sup>158</sup>

---

<sup>157</sup> ALCANTARA, Domingos. Liga Operária Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 24 nov. 1912. p.2.

Em 1913, o jornal destaca a conferência, a convite da Liga, no Theatro Recreio, de Waldomiro Padilha, que “percorre o Brasil em propaganda do socialismo e em defesa dos operários. O tema foi A família, o dever e a profissão. O conferencista aconselhava ao operariado a sua união, o seu amor ao trabalho, à sua família e à escola, pregando com veemência contra o jogo e o álcool.”<sup>159</sup>

Notícias sobre carestia, greves e insatisfação dos trabalhadores são publicadas com frequência, o que nos leva a pensar na possibilidade da existência desta “simpatia compreensiva” com o assunto ligado ao operariado<sup>160</sup>, ser de interesse do redator do jornal, que é também vice-presidente da Liga, Fenelon Barbosa, que afirmava sua solidariedade incondicional em todos os movimentos de interesse da classe. Todos os acontecimentos concernentes às lutas e conquistas do proletariado são relatados pelo jornal, como forma de noticiar e opinar sobre o que ocorria em outros centros urbanos. Uma dessas notícias é sobre as reivindicações do operariado mineiro, em Belo Horizonte:

Greve Operária

Os operários de Belo Horizonte se declararam, há dias, em greve, reclamando a diminuição das horas de trabalho.

A polícia procurou abafar o movimento, dando-se por isso, graves conflictos na capital mineira.

Damos a seguir, um telegramma daquela capital para a Imprensa do Rio:

“Parece estar resolvida a greve dos operários diante do movimento sympathico dos académicos desta capital que esperam a acção conciliadora dos industriaes, que resolveram também concorrer para a solução da difficil situação, reunindo-se hoje no Gende Hotel, em sessão, sendo discutidas as bases para o bom encaminhamento da pendência.

Os industriaes resolveram e elegeram uma commissão que, presidida pelo coronel Bueno Brandão, presidente do estado, combinará com os representantes das diverssas associações operárias os acordos.

Assim fácil será estabelecido um acordo entre os operários e os patrões, pois aquelles desejam a paz e a ordem, assim como os industriaes.

A população está satisfeita com a boa ordem que reina na capital..

O comércio volta à actividade.”<sup>161</sup>

---

<sup>158</sup> Redactor. 1º de maio. Cataguazes, Cataguazes, 1 mai. 1910. p.1.

<sup>159</sup> Directoria. Conferencia. Cataguazes, Cataguazes, 13 jul. 1913. p.1.

<sup>160</sup> GOMES, P. E. Salles. Humberto Mauro, Cataguazes, cinearte. São Paulo: Perspectiva. Ed. da Universidade de São Paulo, 1974. p . 63.

<sup>161</sup> Redactor. Greve de operários. Cataguazes, Cataguazes, abr. 1912. p.2.

Em agosto de 1912, o jornal volta a comentar a Greve Operária que ocorre agora em Juiz de Fora:

Greve Operária em Juiz de Fóra

Seguindo o exemplo dos seus colegas de Bello Horizonte, os operários de Juiz de Fora se declararam também, agora em greve pacífica, afim de obterem regalias que aquelles passaram há pouco gosar.

Em Bello Horizonte, felizmente o accordo foi feito em poucos dias, e a imprensa não teve a registrar factos deshumanos ou arbitrariedades desta ou daquela parte.

Em Juiz de Fóra, tem dado justamente ao contrário, muito embora a greve ser pacífica, inteiramente pacífica, a ponto de todos os jornaes daquela adeantada cidade, elogiar sobremodo, a attitude assumida pelos operários.

Tem se dado ao contrário, somente por parte da indisciplinada polícia commandada talvez por algum official inepto que, a conquista de mais um galão ou de nome, não trepida em commeter arbitrariedades contra operários indefesos, que calmamente, reclamam um direito que lhes é sagrado.

A polícia de Minas, em Juiz de Fóra, acaba de tirar a vida do pobre operário Juvenal Guimarães e ferir diversos.

Quem se responsabilizará por isto?

Certamente o governo, que responde pelos seus subordinados.

A elle, portanto, cabe dar severa punição ao culpado ou culpados e indemnização à pobre e infeliz família da victima, e isto o exigimos, em nome da classe operária desta cidade.<sup>162</sup>

O Cataguazes também era um meio para dinamizar o comércio e os serviços prestados (através dos anúncios) informando sobre a situação econômica, nacional e mundial. Nas polêmicas frequentes contra a Leopoldina Railway, sempre em atrito com a Prefeitura é dado ênfase às horas excessivas de trabalho dos ferroviários, ao atraso dos expressos, à falta de pagamentos dos impostos à prefeitura, à greve da Leopoldina em Cataguases, quando os grevistas, apoiados por populares conseguem convencer os condutores de voltar a Ubá, seu ponto de partida.<sup>163</sup> Ao começar a greve da Leopoldina Railway em toda a linha há uma preocupação do jornal em relatar não só o que acontece em Minas Gerais como também notícias de outras greves que eclodem no país.

E 1914, é dado destaque especial à Primeira Guerra Mundial. Desde o final de julho do mesmo ano, o jornal já começava a publicar sobre a situação europeia às vésperas da guerra. Em agosto, início da guerra, o jornal comenta sobre as consequências da guerra para o Brasil e comércio da zona da Mata.<sup>164</sup>

Durante a guerra, o Cataguazes, através de reiteradas campanhas pela solidariedade internacional, publica a organização de uma comissão da colônia portuguesa “Pró-Pátria”, que

---

<sup>162</sup> Redactor. Greve operária em Juiz de Fora. Cataguazes, Cataguazes, 25 ago. 1912. p.1.

<sup>163</sup> AZEVEDO, Sandoval Soares de. Greve em Cataguazes. Cataguazes, Cataguazes, 14 mar. 1920. p.3.

<sup>164</sup> PRIMO, J. A repercussão da guerra no Brazil. Cataguazes, Cataguazes, 18 ago. 1914. p.1.

tem como objetivo angariar fundos aos órfãos da guerra, a Cruz Vermelha Portuguesa e em benefício das Mulheres Portuguesas.<sup>165</sup>

#### PRO-PÁTRIA

A comissão “Pró-Patria” da colônia portuguesa de Cataguazes, no desempenho da nobre e humanitária missão que lhe foi confiada por seus compatriotas d’este município, angariou durante o primeiro semestre do corrente anno, a quantia de RS 4:682\$200, provenientes de donativos, festivaes e subscrição mensal a cargo da mesma commissão.[...]

Em março de 1917, em um veemente editorial sobre a Revolução Russa, o jornal de forma poética comenta:

Caberá no século XX a glória eterna de extirpar da flor luminosa da civilização da mancha da realeza mundana?  
[...] Este despertar da Rússia, da catalepsia archi-secular em que trazia mergulhada a alma, é o complemento, através do tempo e do espaço, da Grande Revolução de 89. A Europa, de ora avante, erguendo os olhos, verá atravessar o seu céu o rutilante arco-íris, que as baionetas inconscientes e os thronos funestos impediam de se alongar para o Oriente.[...]<sup>166</sup>

Além dessas notícias o semanário destaca a implantação de novidades, como a implantação da luz elétrica na cidade (Cia Força e Luz Cataguazes-Leopoldina- 1906) e seus benefícios para a indústria e a população, bem como o temor das pessoas de utilizar a eletricidade, telefonia, programação de filmes que passaria na cidade, festas religiosas, etc.

Para Salles Gomes, no que se refere aos operários a leitura do Cataguazes sugere que durante longos anos a cidade manifestou a maior simpatia por suas reivindicações ao mesmo tempo em que viveu no melhor dos mundos possíveis, sem vislumbre de contradição.<sup>167</sup>

A imprensa oficial de Cataguases teve um papel fundamental no sentido de mobilizar e dinamizar a sociedade ao opinar e divulgar sobre o que ocorria na cidade e fora dela, abrindo espaço para que diferentes grupos dela se usufríssem.

Percebemos ao longo da pesquisa, que a imprensa teve um papel significativo no cotidiano da Liga. O jornal assumia funções muito mais amplas do que a mera divulgação dos fatos. Anunciava todas as assembléias da Liga, publicava em primeira página as festividades do 1º de maio bem como a participação da associação em eventos promovidos pela sociedade cataguasense.

---

<sup>165</sup> A comissão. Pro-patria. Cataguazes, Cataguazes, 05 ago. 1917. p.2.

<sup>166</sup> Redactores diversos. A nova Rússia. Cataguazes, Cataguazes, 25 mar. 1917. p.1.

<sup>167</sup> GOMES, Paulo Emílio Salles. Humberto Mauro, Cataguases, cinearte. São Paulo: Perspectiva, 1974. p.61.

## 2.2 Critérios de associação e práticas

No início do século XX, o ritmo de crescimento e desenvolvimento das cidades proporcionou a criação de diferentes espaços de sociabilidade. Nesse período, em Cataguases, uma organização com base na estrutura associativa se constituiu, certamente por ser a forma mais viável e difundida dentro da institucionalidade, de se organizar de acordo com interesses comuns.

Em Cataguases, a Liga Operária Cataguazense sofria variações com relação ao número de sócios. Contatamos que esta instabilidade variava de acordo com o mandato de alguns presidentes da Liga. Em certos anos registrou-se um número expressivo de sócios e em outros uma nítida diminuição. Qual seria o motivo dessa instabilidade no número de sócios?

Acreditamos que o envolvimento de presidentes como Schettini e Fenelon, como também de Domingos Alcântara, secretário por vários mandatos na Liga, proporcionou um aumento considerável de sócios. O triunvirato, assim chamado pela revista da Mata, promovia muitas atividades que envolviam os trabalhadores nas mais diversas situações de participação. Essa dinâmica deveria seduzir um número maior de trabalhadores, que sentiam-se parte importante da associação. A Revista da Mata, em 1917, confirma a importância significativa desses líderes ao relatar uma visita à redação da revista:

Somos muito gratos à Liga Operária desta cidade pela visita, que incorporada, fez à nossa redação, por ocasião da inauguração da Banda Operária. Ao discurso de saudação à “Revista”, proferido pelo sr. José Schettini, respondeu o nosso director. Folgamos igualmente de constatar a animação accentuada que reina entre os associados da Liga, graças sobretudo aos esforços dos srs. Fenelon Barbosa, José Schettini e professor Domingos Alcantara, triunvirato com que a associação poderá contar em qualquer emergência. Registrando com intenso júbilo essa nova phase da Liga Operária, aqui reiteramos o nosso protesto de solidariedade ao valente e esforçado operariado cataguazense, cujo lema é – Deus, Liberdade e Trabalho <sup>168</sup>

Em dezembro de 1909, na terceira reunião após ressurgimento da Liga, o Cataguazes publica o comparecimento de um grande número de sócios na assembleia que procederia a eleição para uma diretoria definitiva. Em 1912, a sociedade contava um número de 149 sócios, o que demonstra uma grande participação dos trabalhadores numa cidade como

---

<sup>168</sup> LANDOES, Alberto. Liga Operária. Revista da Mata, Cataguazes, .v. 1, n. 2, fev. 1917.

Cataguases, de pequeno porte. Em 1915, na inauguração da nova sede da Liga, foram contabilizados 120 associados. Esse aumento de associados acontece durante os anos de 1912 a 1917, período em que Schettini, Fenelon e Domingos Alcântara estão na liderança da Liga.

Embora não tenhamos referências estatutárias que especifiquem os pré-requisitos para ser membro da Liga, podemos perceber que havia membros de várias nacionalidades como sobrenomes Schettini, Peixoto, Waise, Tatto. A presença não somente de portugueses e brasileiros, mas também de italianos é justificada, pois no período estudado, italianos e portugueses predominavam entre a população imigrante.

Nas festas de Primeiro de maio era feita a admissão dos sócios. Nessa solenidade de posse era prestado um juramento e conferidos diplomas aos associados que os requisitassem.<sup>169</sup> Para ser membro da Liga era necessário estar em dia com suas mensalidades como relatado abaixo:

De ordem do nosso presidente venho convidar os associados em atraso, com os cofres sociaes, para virem pagar as suas mensalidades até 31 do corrente, pois que não o fazendo, ficarão incurso no Art.6, letra A, de nossos Estatutos. No próximo mez de abril far-se há nova matrícula de associados contribuintes e assim fica esta declaração de aviso.

Cataguases, 20 de Março de 1914.

O 1º Secretário – Domingos B. P. Alcântara.

Os sócios em dívida com a Liga não podiam participar das atividades como eleições, participação nas Assembleias, caso não fosse efetuado o pagamento, sendo convidados a se desligarem da associação. Assim, através do pagamento das mensalidades, os sócios podiam usufruir das benesses oferecidas pela Liga bem como participar das diversas instâncias (como assembleias), votar e serem votados, assistências oferecidas, recebimento de subsídios, etc.

Através da notícia abaixo, em outubro de 1914, podemos constatar a exigência e o rigor praticado pela Liga em relação ao atraso das mensalidades dos sócios:

Conforme fora anunciado procedeu-se hontem e ante-hontem uma assembléa extraordinária em que tomou parte um grande número de associados e toda a directoria.

O assumpto da mais alta importância, que nesta reunião se tratou foi a restricta revisão do livro de matrícula de associados e pelo exame conspíscuo feito, notando-se o longo atrazo da maioria dos sócios, a assembléa decretou que lhes fosse aplicado o Art. 6, letra b, de acordo com as leis do Estatuto em vigor.

O Secretário,

Domingos B. P. Alcântara.<sup>170</sup>

---

<sup>169</sup> ALCANTARA, Domingos. Liga Operária Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 7 jul. 1912. p.2.

<sup>170</sup> ALCANTARA, Domingos. Liga Operária Cataguazense. Diário de Cataguazes, Cataguazes, 21 out. 1914. p.3.

Outro momento relevante de participação da Liga na vida dos operários é com relação à participação nos enterros dos sócios, como tivemos a oportunidade de observar na notícia abaixo:

Falleceu segunda-feira o Sr. Manoel José de Oliveira Braga, velho operário aqui residente há longos annos e onde deixa uma bella tradição de honradez e trabalho. O corpo do dedicado e humilde trabalhador foi conduzido ao Cemitério local pelos seus companheiros de trabalho e teve a acompanhá-lo, além da banda da “Liga Operária”, os sócios desta agremiação, incorporados e levando o estandarte da associação. [...] <sup>171</sup>

É interessante perceber que, além de auxílios financeiros e de espaços de representatividade, a associação procurava divulgar sua imagem social positiva ao formular laços de afetividade e comprometimento entre seus associados. A Liga conseguia através de sua representatividade nos enterros dos associados, manter uma imagem de uma organização solidária aos operários. Essa prática evidencia uma visão pautada na valorização de relações sociais baseadas em sentimentos cordiais.

Várias festividades eram realizadas pela Liga como forma de arrecadar fundos em benefício da associação. Em julho de 1910, é anunciado no jornal Cataguazes: “O espetáculo realizado quinta feira transacta, pela Companhia de Variedades Italo-Brasileiro, dirigida pelo Sr. Affonso de Oliveira rendeu a quantia de 92\$500 que reverteu em benefício da Caixa de Socorros dessa utilíssima e próspera associação.” <sup>172</sup>

Outra forma de arrecadação era através da realização de várias quermesses, organizadas por uma comissão da Liga. Em setembro de 1911 o jornal publica: “A directoria desta Associação e a comissão organizadora da kermesse realizada em 7 do corrente, nesta cidade, agradecem cordialmente à todos aquelles que concorreram para seu brilhantismo e resultado sactisfatório em favor dos cofres sociais.” <sup>173</sup> Também como forma de arrecadação era cobrado para que os sócios pudessem frequentar a escola da Liga. Através do jornal Cataguazes é anunciado o início das aulas bem como os valores a serem pagos: “As aulas começam a funcionar em 1º do mez próximo; cada associado pagará 2\$000 por mez e 5\$000 o que não for associado. A Escola Nocturna terá aulas desde as 6 até 10 horas da noite.” <sup>174</sup>

---

<sup>171</sup> Redactores. Falecimento. Cataguazes, Cataguazes, 14 jul. 1917. p.3.

<sup>172</sup> Directoria. Liga Operária Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 31 jul. 1910. p. 3.

<sup>173</sup> ALCANTARA, Domingos. Liga Operária Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 17 set. 1912. p. 3.

<sup>174</sup> ALCANTARA, Domingos. Liga Operária Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 15 mai. 1913. p.2.

Acreditamos que a preocupação com a arrecadação de fundos para os cofres da associação tinha em vista a manutenção das despesas oriundas dos auxílios oferecidos aos seus sócios.

É importante mostrar a importância da Assembleia para a Liga Operária Cataguazense. Era considerado o órgão supremo da associação, o *locus* no qual os membros da diretoria eram eleitos, os regulamentos, estatutos, balanços financeiros aprovados, a exclusão ou aprovação de sócios, organizações de festas, como outras decisões que eram realizadas nessas ocasiões. De modo geral, nem sempre essas assembleias eram frequentadas, possivelmente pelo árduo cotidiano do trabalhador. Às vezes, eram feitas duas ou três convocações para que pudessem ser realizadas. E, na ausência desses encontros, a imprensa adquiriu grande importância como órgão de mediação entre a Liga e os sócios. Na impossibilidade de comparecimento aos encontros eram publicadas, no jornal Cataguazes, notas explicativas dos eventos ocorridos. Acreditamos que nem todos os operários tinham acesso às informações do Cataguazes, mas os que tinham as veiculavam, tornando possível a troca de informações dos diferentes acontecimentos promovidos pela Liga. É possível que no interior das fábricas, barbearias e locais de encontro, os operários trocassem impressões e retransmitiam a outros interlocutores, compartilhando notícias de seus interesses.

### 2.3 A Liga Operária e seus 1º de Maio

O 1º de maio possui um significado ímpar para os trabalhadores, pois marcou com seu conteúdo simbólico uma afirmação da classe operária através de um movimento organizado, uma versão ambiciosa com a característica essencial de ser a apresentação pública da classe em si, uma afirmação de poder, uma invasão do espaço social do sistema.<sup>175</sup>

Hobsbawm, descreve esse dia como:

Um desfile anual das cores do exército do operariado — uma ocasião política impensável sem os *slogans*, as reivindicações, os discursos que, mesmo entre os retraídos trabalhadores das minas, cada vez mais vieram a ser feitos por figuras que representavam não o sindicato, mas o movimento como o todo.<sup>176</sup>

---

<sup>175</sup> HOBBSAWM, Eric. *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p.111.

<sup>176</sup> *Ibid.* p. 111

O ritual anual do 1º do Maio constituiu um momento exclusivo do proletariado, ao se tornar uma celebração festiva e ao mesmo tempo de luta em diferentes momentos do movimento operário organizado. No Brasil, as comemorações do Primeiro de Maio iniciam-se em 1891, mas com apresentações pouco constantes durante toda a década. Entre 1901 e 1929, todos os anos o Primeiro de Maio é comemorado, no Rio de Janeiro. Como nas grandes cidades, a Liga Operária a cada ano incrementava na programação do Primeiro de Maio.

As primeiras comemorações do 1º de Maio em Cataguases ocorreram a partir de 1910, ano em que a Liga era presidida por José Schettini. O jornal anuncia na primeira página o convite recebido por essa associação:

1º de Maio

A grande ephemeride do trabalho universal não passará desta vez, despercebida entre nós.

A Liga Operária Cataguazense vae festejal-a condignamente.

Para as festas que devem ter o máximo realce, recebemos delicado convite a que corresponderemos com todo prazer.<sup>177</sup>

Na mesma edição, em outra página do jornal, a Liga anuncia o programa que será realizado no dia do trabalhador:

Liga Operária Cataguazense

Conforme determinam os nossos Estatutos, hoje, 1º de maio será solemnemente empossada a nova directoria eleita para o 2º anno social.

Em seguida à posse, terão logar os festejos em commemoração a festa do trabalho; para esse acto são convidadas todas as classes, sociais e especialmente o operariado, sem distincção de classe.

[...] Os festejos começarão às 6 horas da tarde no salão da sede social da "Liga". O Secretário \_\_João Cypriano<sup>178</sup>

Na semana seguinte o jornal abre um espaço tecendo elogios à festa do trabalho realizada pela Liga:

Revestiram-se de grande brilho as festas com que essa sympática associação commemorou a grande ephemeride do Trabalho universal e solemnemente deu posse a sua nova directoria.

[...] Fizemo-nos representar em todos os festejos e congratulamo-nos com a futura associação pelo êxito que elles tiveram.

A cobertura jornalística permite observar a simpatia com que o jornal refere-se à Associação. Mesmo com uma pequena nota percebe-se a necessidade de salientar a festa do trabalhador organizada pela Liga, tecendo elogios aos organizadores.

<sup>177</sup> Redactor. 1º de maio. Cataguazes, Cataguazes, 1 mai. 1910. p.1.

<sup>178</sup> CYPRIANO, João. Liga Operária Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 1 mai. 1910. p.3.

Em 1911, o jornal anuncia a festa do 1º de Maio como um momento privilegiado, no qual a Liga se apresenta como a responsável pela realização desse grande dia.

Com a maior pompa realizará no dia 1º de Maio do corrente anno a sua festa annual a Liga Operária Cataguazense.

A's 5 horas da tarde incorporada a Associação com ao alumnos do Curso Nocturno, mantido pela mesma Associação, far-se-á passeata cívica pelas principais ruas da cidade.

[...] O recinto achar-se-á ornamentado como de costume, sendo postos ao ar gyrandolas e salvas no início da festa e no acto da posse.

Os festejos serão abrilhantados pela disctinta corporação musical Euterpe Cataguasense.

A directoria convida a todo o operariado para tomar parte na festa, comparecendo a hora marcada \_\_\_5 da tarde \_\_\_ na sede da Associação.

Secretaria da Liga Operária Cataguasense, 27 de abril de 1911.

2º secretário

Domingos B. P. Alcântara.

O 1º de Maio, planejado como acontecimento anual da presença da classe operária, tornou-se uma forma de afirmação e legitimação da Liga à frente do proletariado, salientado pelo ritual da festa. Existe toda uma preocupação em demonstrar a importância da celebração abrilhantada com hinos, passeatas, bandas de música e ornamentação da associação. Os operários percorriam as principais ruas da cidade, parando para saudar a imprensa e políticos ali presentes.

Na semana seguinte o jornal volta a publicar como matéria de primeira página a festa do trabalho que “condignamente e de maneira louvável” foi realizada pela Liga:

[...] é uma associação que organizada com um pequeno número de operários de nossa cidade, tomou grande desenvolvimento e de tal maneira tem agido e prosperado, que hoje continua uma aggreiação digna de respeito,e elogios . Destinada à protecção e instrução de seus associados, Ella vae apresentando resultados bem vantajosos a esta classe que constitui um grande elemento de nossa vida \_\_\_ a classe operária \_\_\_, classe que não podemos abandonar, nem prescindir.<sup>179</sup>

Pelos comentários do jornal é possível constatar uma afinidade declarada do jornal pela associação. É mister lembrar que redatores do jornal, como Felon Barbosa, militam na Liga e são jornalistas que têm interesse em divulgar a associação da qual fazem parte.

Em 1912, o anúncio do 1º de maio ganha novas proporções. O jornal dá um destaque diferenciado nesse ano. A notícia ocupa um grande espaço da primeira página e o título em destaque evidencia certa intencionalidade do redator. Em 1912, Felon Barbosa é redator do jornal Cataguazes e vice-presidente da Liga, contribuindo para uma propaganda mais intensa

---

<sup>179</sup> CRUZ, J. Figueira da Costa (redactor). *Festa do trabalho*. Cataguazes, Cataguazes, 7 mai. 1911. p.1.

para as festividades do dia do trabalhador. No ano de 1912 a imprensa cataguasense deu um destaque especial à associação noticiando todas as atividades da Liga. A Associação, ao organizar neste ano as festividades do 1º de Maio, agrega novos elementos à programação: começa na madrugada do dia 5 de maio com salvas de tiros, saudando o grande dia, terminando à noite com uma peça teatral em homenagem à Liga. O jornal anuncia a mudança da festa para o dia 5 de maio e logo após relata a programação. Em 12 de maio deste mesmo ano o Cataguazes comenta o transcorrer dos festejos propriamente ditos:

#### Festa do Trabalho

Na madrugada desse dia, foi então a população desta cidade despertada pelos seus harmoniosos da incansável” 7 de setembro”, ao estrepitar de foguetes e vivas e mais vivas ao trabalho e a Liga Operária Cataguazense.

[...] A’s seis horas da manhã houve no Largo do Comércio, salva de 21 tiros.

A’ 1 hora da tarde, pelas proximidades do Theatro , era grande a affluência do povo que aguardava a chegada da distincta corporação musical “7 de setembro” que ia abrilhantar o acto da reunião solemne , que effetuar-se-ia a essa hora , no salão do Theatro Recreio Cataguazense.

[...] como ás 4 ½ horas cahia impertinente chuveiro por sobre a cidade , só phoude a passeata ter início às 5 ½ da tarde.

Abriu o grande prestito duas alas de cavalheiros, tendo ao centro três gentis senhoritas que carregavam o quadro com o diploma de sócio benemérito para se entregue ao coronel João Duarte Ferreira; logo após vinha o estandarte da Liga Operária ladeado pela bandeiras portuguesa e italiana, destacando-se ao centro a brasileira.;a directoria incorporada , precedia ao estandarte e a esta a incomparável e melodiosa banda musical “7 de Setembro”.

Este numeroso e surprehendente cortejo, depois de percorrer toda a cidade, foi a casa de residência do exmo. Sr. Dr. Abílio Novaes, onde a directoria da Liga pediu-lhe o obsequio de orar por ocasião da entrega do quadro ao exmo.sr. coronel João Duarte.

[...] Em seguida o exmo. Sr. Coronel João Duarte ,em phrases commovidas agradeceu aquella manifestação, hypothecando mais uma vez o seu apoio a nobre classe do operariado.

[...] Retirou-se em seguida o préstito, que se dirigiu ao Theatro Recreio Cataguazense, afim de assistir o espectáculo de gala em homenagem a Liga Operária. O exmo. Coronel João Duarte mandou franquear a entrada nesse espectáculo, de todos os sócios daquela Associação.

E foi assim que, ma mais estreita solidariedade e fraternidade do operariado cataguazense, terminaram aquelles inesquecíveis festejos.<sup>180</sup>

Nota-se por parte dos organizadores e mesmo do jornal, uma preocupação em evidenciar o entusiasmo pela festa operária. Observa-se o caráter patriótico e o respeito étnico refletido na presença da bandeira brasileira tendo ao lado as bandeiras portuguesa e italiana, representantes dos imigrantes na sociedade cataguasense.

A homenagem ao presidente da Câmara pode indicar tanto a dimensão política da manifestação quanto o fato de que operários e políticos podiam conviver de maneira complementar no ritual público daquele Primeiro de Maio. A presença de políticos nessas comemorações operárias encontrava explicação nas ligações nem sempre claras entre

<sup>180</sup> Directoria. Festa do trabalho. Cataguazes, Cataguazes, 12 mai. 1912. p.1.

associações de trabalhadores e políticos.<sup>181</sup> Em Cataguases era nítida essa ligação com o presidente da Câmara, o coronel João Duarte, sócio benemérito da Liga considerado um dos grandes protetores da classe operária cataguasense. Durante a cerimônia era preparada pela associação uma homenagem, que em passeata pelas ruas da cidade, ao passar pela sua residência era-lhe entregue o diploma de sócio benemérito com discursos apropriados para o momento. Isso servia para mostrar as relações que a associação entretinha com a política, servindo também para demonstrar o caráter ordeiro e pacífico adotado pela mesma.

É importante notar a presença do “elemento feminino” no cortejo, podendo significar um momento ordeiro, familiar e pacífico propício ao convívio familiar. A Liga Operária Cataguazense parece querer mostrar a vitrine de uma jornada onde se entrelaçam política, proletariado e burguesia numa harmonia que parece perfeita. É em grande medida o recurso a uma linguagem ao mesmo tempo ritualizada e simbólica, que se manifesta no discurso e na representação iconográfica.<sup>182</sup>

Para Perrot<sup>183</sup>,

O 1º de Maio é a vontade de mostrar a força do proletariado pela simultaneidade da demonstração (“data fixa..., ao mesmo tempo... no mesmo dia marcado”) reveladora de um certo sentido de encenação e de uso da mídia típico de uma psicologia das multidões em pleno desenvolvimento.

Batalha<sup>184</sup> afirma ainda que essa ritualização não se limita às comemorações mas se estende ao conjunto de práticas do movimento operário, que vão se consolidando à medida em que se efetua a organização do operariado, como também acarreta a ritualização das práticas em diversas instâncias como no caso das assembleias dos militantes, regidas por um cerimonial inspirado nas práticas parlamentares.

Em 1913 e 1914, a Liga é presidida pelo Major Antônio Soares, que comemora o 1º de Maio com contornos nítidos da grande importância desse dia para a classe trabalhadora. Em 1913, a comemoração é feita como nos anos anteriores. Ao amanhecer muitos fogos, discursos sobre a data, passeata acompanhada da banda “Sete de setembro” que percorre as ruas da cidade, terminando na sede da Liga com o discurso do sócio Casimiro Machado.

---

<sup>181</sup> BATALHA, Cláudio H. M. et al (org.) *Culturas de classe*. Campinas: Unicamp, 2004. p.111.

<sup>182</sup> BATALHA, Cláudio H. M. “Nós, filhos da Revolução Francesa”, a imagem da Revolução no Movimento Operário Brasileiro no início do século XX. *Rev. Bras. de História*. São Paulo. v. 10, n° 20, mar91/ago91. p. 242.

<sup>183</sup> PERROT, Michele. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p.130.

<sup>184</sup> BATALHA, Cláudio H. M. “Nós, filhos da Revolução Francesa”, a imagem da Revolução no Movimento Operário Brasileiro no início do século XX. *Rev. Bras. de História*. São Paulo. v. 10, n. 20. mar/ago.1991. p. 233-249.

Também consta no programa uma quermesse em favor dos cofres da Liga. Em 1914, a programação envolve a participação de vários setores da sociedade:

#### Festa do Trabalho

Os operários desta cidade realizaram ante-hontem a festa do trabalho, que deixou de ser no dia 1º porque o mau tempo não permitiu a sahida do prestito.

O prestito formou-se na sede da Liga Operaria de onde sahiu às 11 horas precedido dos Pavilhões Brasileiro, Italiano, Hespanhol, e Portuguez; \_\_\_ estandartes com os nomes de todos os estabelecimentos industriaes; outros dedicados à Imprensa, Magistratura, etc.

Visitaram todos os estabelecimentos industriaes, cujos operários se iam incorporando ao prestito.

Falou na redacção do O Municipio o major Antonio Soares, respondendo o redactor João Cornelio; na fabrica de massas e biscoitos de Nogueira & C., o major Soares, na fabrica de tecidos Cataguazes Industrial, o mesmo, respondendo os proprietários; na fabrica de Manteiga e Lacticios, o professor Alcantara, agradecendo o proprietário; na redacção do O Estandarte, o professor Alcantara, respondendo o director gerente Leopoldo Felix dos Santos que leu um

bom discurso allusivo a festa; na fabrica de tecidos Cataguazes, de M. Ignacio Peixoto & Filhos, falou o major Soares, respondendo em um bello discurso lido o sr. Altamiro Peixoto, sócio da firma agradecendo em nome da administração e dos operários, a visita e enaltecendo a acção do operariado, quando bem orientado; na fabrica de phosphoros Estrella, de Joaquim de Souza Carvalho, foram recebidos pelo proprietário que agradeceu a visita. Nas officinas da Companhia Leopoldina houve muitos vivas ao operariado, sendo offerecido cerveja pelos operários da Leopoldina aos manifestantes. Em frente ao Hotel Villas muitas saudações aos operários; na Mechanica Cataguazense saudações recíprocas, etc.. No centro telephonico falou o professor Alcantara, respondendo o sr. Paulino Fernandes, director secretario da Companhia de Telephones Interestadoaes, agradecendo em vibrante discurso no qual enalteceu a acção do operariado no progresso dos povos. Na sede da Força e Luz e na fabrica de cerveja de João P. Barros, saudações recíprocas. Nesta redacção além dos nossos directores e secretario, e do pessoal de officinas, esperaram o préstito nossos collaboradores Nunes Badaró, coronel Paulino Fernandes e José Mendes, major Mario Lobo, Luiz Rocha, J. Peixoto Ramos, e muitos outros cavalheiros. Falou, saudando-nos em nome dos operários, o professor Alcantara, respondendo-lhe o nosso director, que salientando o papel que desempenha o operariado na vida das nações, elogiou a conducta exemplar do operariado cataguazense, incitando-os a trilhar sempre pelo caminho do dever. Ergueram-se entusiasticos vivas ao operariado e ao Diario de Cataguazes. Na fabrica de tecidos União Industrial de Osorio de Mattos Lima, falou o professor Alcantara, secretario da Liga, respondendo em bello agradecimento a operaria senhorita Felisbina Fórtes, sendo offerecido a comissão dos festejos pelas operarias Floripes de Oliveira e Helena Stievano, bellos bouquets de flores naturaes, visitaram depois os operários da construcção da Ponte Metalica onde houve saudações recíprocas; a fabrica de cerveja J. Godoy & C., etc. etc. etc.

Reinou completa ordem e alegria em toda a festa.

Acompanhou o em todo o trajecto a Lyra Cataguazense sendo queimados muitos foguetes e havendo pela madrugada salva de 21 tiros.

O préstito dissolveu-se na sede da Liga Operaria.<sup>185</sup>

O jornal destacava a visão festiva do dia, enfatizando a participação dos estabelecimentos industriais, imprensa, magistratura e operários que mais parecia um dia festivo do que uma festa operária. Percebe-se na descrição da notícia acima que a realização do 1º de Maio contempla os mais diversos setores e trabalhadores de categorias diferenciadas.

---

<sup>185</sup> PRIMO, J. *Festa do trabalho*. Cataguazes, Cataguazes, 3 mai. 1914. p.2.

Há uma intenção em envolver trabalhadores e industriais e impressionar o público. Estandartes dos pavilhões brasileiros, portugueses, italianos e espanhóis se misturam em meio ao cortejo. No ritual de celebração, operários saem do estabelecimento de trabalho misturando-se aos demais ao aderir ao desfile. Estabelece-se uma ordem de visitas aos estabelecimentos de trabalho onde as saudações entre patrões e operários são recíprocas. Todos se tornam figurantes de um espetáculo que assume um caráter litúrgico, o qual Perrot descreve como “a grande missa da classe operária”,<sup>186</sup> que com o passar do tempo adquire um caráter cada vez mais ritualizado. Do “ritual”, o elemento mais significativo como afirma Hobsbawm é a passeata.

Em 1915, a Liga não festejou o 1º de maio como nos anos antecedentes. Justificou através de um comunicado no Cataguazes:

A directoria desta associação scientifica ao operariado e ao publico que em vista de estar empenhada em concluir o prédio para sua sede social e atendendo a crise assustadora que estamos atravessando resolveu não festejar hoje o grande dia do trabalho, e sim inaugurar amanhã à 1 hora da tarde a sua nova sede com uma grande e solemne sessão cívica para a qual convida todo o operariado e o publico em geral.  
Cataguazes, 1 de Maio de 1915  
A directoria

Na semana seguinte o jornal relata a programação das festividades do 1º de Maio organizado pela Liga:

Liga Operaria Cataguazense  
Conforme fora anunciado teve lugar hontem a inauguração do novo prédio da Liga. A Sessão Magna foi presidida pelo Sr. Cel. Agente Executivo. Sendo dada a palavra o Sr. Professor Eurico Rabello dissertou sobre o lemma - Operariado, o que com brilhantes palavras recebia de instante em instante prolongadas palmas.  
Em seguida teve lugar a entrega dos retratos dos Srs. Presidente e Vice Presidente, pelos seus companheiros como prova de gratidão pelos serviços feitos. Fallaram os Srs. Major Soares, Cel. Paulino Fernandes, Professor Alcantara, José Schettini e finalmente o Revm. Sr. Vigario Padre João Chrysostomo que demonstrou com eloquência vibrante as virtudes da união do operariado.  
O Sr. Cel. Agente Executivo agradecendo o comparecimento de tão seletto auditório encerrou a Sessão Magna. Compareceram ao acto os Srs. Cel. Virgilio V. Rezende José Vidigal, Antonio Silveira Tindó, Dr. Pio Ventania, Alzir Arruda, Arrequinto Costa, Gorgonio Ferreira, Leopoldo F. Santos, Dr. Sandoval Soares de Azevedo, Promotor de Justiça, Dr. Freire de Carvalho, Centro Operário Beneficiente com o seu pavilhão e grande numero de senhoritas, João Aral e outros.

A programação do dia do trabalho se concentrou na inauguração da sede da Liga com discursos de vários oradores da cidade e a participação do padre João Chrysostomo que discursou enaltecendo as virtudes do operariado.

Em 1916, o 1º de Maio revestiu-se de uma ampla programação realizada na sede da Liga, diferente dos anos anteriores. Ornamentada para a realização dos festejos, além da

---

<sup>186</sup> PERROT, Michele. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 138.

posse da diretoria, foram proferidos vários discursos, entre eles, concitando o operariado de Cataguazes a se unir em torno da Liga, empregando para o seu progresso todo o seu trabalho e perseverança. Num ponto do relato da comemoração, chama a atenção a postura anticlerical de um orador no decorrer da solenidade:

[...] Usou a palavra o Sr. Amadeu Julio que leu algumas tiras de Ferri e do padre Guilherme Dias, atacando ferozmente e tenazmente a Igreja Catholica Romana e muito principalmente seus ministros.  
Contra esse facto protestou o Snr. João Leite, fazendo sentir ao digno orador a imprópriedade do lugar e inoportunidade do ataque. [...] <sup>187</sup>

De acordo com os nomes citados nas palavras do Sr. Amadeu Júlio, o padre Guilherme Dias era um defensor dos princípios liberais e Jules Ferry, um maçom anticlerical que fundou a escola francesa laica. Provavelmente sentiu que era o momento adequado para expor suas concepções ideológicas, sendo refutado por um dos integrantes da festa. A Liga em vários momentos defendeu o posicionamento neutro em relação à política e à religião. Essa estratégia coloca em evidência o desejo de se fazer representar como espaço de solidariedade ao bem comum, pois os posicionamentos religiosos provocavam divergências insolúveis.

É pelas páginas do Cataguazes que a programação do 1º de Maio de 1917, organizado pela Liga Operária, se fez conhecida. Logo no início da notícia o jornal relembra os Mártires de Chicago, acrescentando a necessidade da comemoração em memória do operariado vitimado em 1886, nos Estados Unidos, ao reivindicar a jornada laboral de oito horas, caracterizando-se como uma das maiores mobilizações operárias que deu origem ao 1º de Maio:

A festa do trabalho  
Comemorando o dia 1º de Maio – que marca uma hora de lucto e dor para o operariado, victimado em Chicago pela prepotência governamental – os operários de Cataguazes promoveram uma serie de solennidades, altamente sympathicas.

De acordo com o mesmo relato,

Pela manhã, a cidade foi accordada ao som de bellissimas musicas executadas pela banda da Liga Operaria, que fez uma retreta no jardim do Largo do Commercio. Durante todo o dia, a sede da Liga esteve aberta a todos quantos quizeram visital-a. A tarde, ás 6 horas, os operários, sócios da Liga, acompanhados de seu estandarte e da banda de musica e de grande multidão se encaminharam á sede do Centro Operario, á rua cel. Vieira, em uma visita cordialissima.

---

<sup>187</sup> Redactores Diversos. 1º de maio. Cataguazes, Cataguazes, 7 mai. 1916. p. 2.

Regressando á sede da associação, foi aberta a sessão magna pelo sr. Fenelon Barbosa que convidou para presidil-a o secretario desta folha. Emposou-se em seguida a directoria.

Nota-se pelas publicações do jornal poucas variações com relação às festividades, prevalecendo a manutenção de um tipo de celebração semelhante aos anteriores, conservando o programa rotineiro (passeatas acompanhadas de bandas de música, discursos, visitas à sede, posse da directoria, etc), rituais marcados pela combinação de manifestações e festividades o que nos leva a pensar na intenção da associação marcar esse momento como único na vida do trabalhador.

Em 1918, a Liga retoma a organização do 1º de Maio.

Commemorando a data de 1º de maio, os operários de Cataguazes realizaram encantadoras homenagens.

As quatro horas da manhã foi tocada alvorada nas ruas da cidade pela banda de musica da Liga Operaria.

Às duas horas da tarde foi effectuada uma sessão no edificio da Liga. Presidiu-a o dr. Antonio Lobo Filho, como representante da Linha de Tiro, secretariado pelo sr. Arthur Cardoso, representante da Associação dos Empregados do Commercio. Depois da posse da nova directoria, falou o orador official dr. Octavio Tostes que pronunciou um brilhante discurso, allusivo ao momento. Depois de terem fallado vários oradores o dr. Lobo Filho encerrou a sessão com palavras de agradecimento á distincção de que fora alvo com a direcção dos trabalhos naquelle dia.

À tarde, as associações operarias percorreram a cidade, visitando as redacções de vários jornaes, tendo fallado por essa occasião os srs. Joviano Jardim, Fenelon Barbosa, Deoriano Guimarães, Anysio Cardoso, além de outros.

À noite, a banda musical da Liga Operaria fez uma retreta no Jardim do Commercio, realisando-se também uma sessão cinematographica, no Theatro Recreio, em beneficio da Liga Operária, durante a qual fallou, em um dos entreactos, o orador official do Centro Operario dr. Anysio Cardoso.<sup>188</sup>

Percebemos que esse ano a associação seguiu a programação dos anos anteriores com um diferencial, que foi a sessão cinematográfica em prol dos cofres da Liga.

No ano de 1919, o 1º de Maio foi marcado por um silêncio emblemático, tanto em relação à programação da Liga Operária quanto qualquer outra manifestação organizada na cidade. Acreditamos que a forte enchente que abateu sobre a cidade inviabilizou as festividades do dia do trabalhador.

Em 1920, ano marcado pela greve dos trabalhadores de Cataguazes, faz supor que as atenções estavam voltadas para as conquistas demandadas pelos operários. A Liga Operária não se pronunciou como nos anos anteriores sobre a festa do trabalhador, ficando a cargo dos

---

<sup>188</sup> Directoria. Festa de 1º de maio. Cataguazes, Cataguazes, 5 mai. 1918. p.1.

mesmos uma programação de reconhecimento pelas conquistas obtidas com a greve. O Cataguazes em uma breve nota anuncia:

Convescote, promovido pelos operários

Os operários da Fabrica de Tecidos M. Ignacio Peixoto & Filhos promovem para o dia 1º de maio futuro um convescote nos arredores desta cidade, na fazenda Louro.

Para essa – em homenagem aos sócios do importante estabelecimento industrial – tivemos a gentileza de um convite. Querem os operários traduzir a sua gratidão aos dignos industriaes que espontaneamente lhes augmentaram o salário, do mesmo passo que os vem captivando pela gentileza de continuas atenções e deferimentos aos seus pedidos.<sup>189</sup>

Nota-se que a intenção do jornal é noticiar que o 1º de Maio deste ano se traduziu em um momento de gratidão dos operários pelos industriais que atenderam às suas reivindicações. Mais do que isso a possibilidade de uma confraternização vivida por ambos.

É importante salientar que as celebrações dos Primeiro de Maio foram momentos privilegiados na vida do operariado e da sociedade de Cataguazes, pois através deles foi possível a demarcação do papel da Liga enquanto associação que atuou em prol do operariado.

Contudo, mais do que a existência do 1º de Maio, permite-se inferir no imaginário social da época o reconhecimento da força que teve essa associação em todos os âmbitos da sociedade cataguasense. Em 1920 percebe-se uma tímida comemoração dessa data. Em 1923 ressurgue a Liga composta somente de operários na sua direção, não havendo mais nenhum comentário no jornal com relação às festividades do dia do trabalhador.

Pela sua força emblemática, o 1º de Maio, enquanto data universal do proletariado, foi uma data fecunda quanto à diversidade de suas comemorações, envolvendo a classe em torno da sua condição e demandas comuns. Para Hobsbawm tais rituais buscam essencialmente a autoafirmação e definição próprias de uma classe através da “organização de classe”.<sup>190</sup> Inegavelmente a classe constrói-se no processo de suas experiências de luta, organização e comemoração.

---

<sup>189</sup> AZEVEDO, Sandoval Soares (redactor). Convescote promovido pelos operários. Cataguazes, Cataguazes, 25 abri. 1920. p.2.

<sup>190</sup> HOBBSAWM, E. J. Mundos do Trabalho: novos estudos sobre a história da classe operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.115.

## 2.4 Espaços festivos na trajetória da Liga

Além das festas alusivas ao trabalhado, certas datas forneciam oportunidades de celebrações em que a Liga, ao se fazer presente, reafirmava sua capacidade de interação com a sociedade cataguasense. A programação das celebrações podia variar desde uma simples reunião na sede da Liga para ouvir conferências até celebrações extremamente organizadas de cunho religioso ou laico. Para Batalha, certas datas forneciam às sociedades operárias oportunidades para celebrações rituais como: o 1º de Maio; o 14 de Julho, o 15 de novembro, etc. Mas as modalidades de celebração variavam em virtude de diferentes fatores, como a orientação da associação, o público a que se era destinada, a política do lugar, entre outras. As celebrações variavam desde uma simples reunião na sede associativa relacionada às datas como também celebrações de rua envolvendo a população da cidade.<sup>191</sup> Algumas festas extremamente significativas para a cidade, como a comemoração da restauração de Portugal, 1º de dezembro, promovida pela Colônia portuguesa na cidade, a Liga se fazia presente como noticiou o Cataguazes:

Commemoração do 1º de Dezembro

Encantadora a festa promovida pela laboriosa colônia portugueza aqui, domiciliada, para comemorar o natalício da restauração de Portugal. Logo após as primeiras horas da manhã a nossa população foi despertada por uma brilhante salva de 21 tiros . e uma banda , depois de entoar os hymnos portuguez e brasileiro, percorreu as principaes praças e ruas da cidade, tocando alvorada.

A's 6 horas, incorporada a benemérita associação "Liga Operária Cataguazense" na Pça Santa Rita, dirigiu-se até a residência do coronel João Duarte Ferreira, para manifestar-lhe seu reconhecimento pelo muito que tem feito ao nosso município e como um incansável protector dos nossos operários . Lá chegados, usou da palavra o major Antonio Soares , orador oficial da "Liga Operária", e em applaudido discurso disse o motivo da manifestação , termonando dando vivas ao coronel João Duarte e a colônia portugueza.<sup>192</sup>

De acordo com a notícia acima é possível perceber a interação da Liga com a Colônia Portuguesa, cujo propósito estava voltado para o alargamento das relações entre as instituições. É preciso notar que a presença da Liga nestas festas corroborava para o estreitamento de laços com a instituição portuguesa e a política que nessa época era presidida

<sup>191</sup> BATALHA, Cláudio H. M. Cultura associativa no Rio de Janeiro. In: \_\_\_\_\_ et al. (org.). *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004. p.1.

<sup>192</sup> CRUZ, J. Figueira da Costa (redactor). *Commemoração do 1º de Dezembro*. Cataguazes, Cataguazes, 4 dez. 1910. p.1.

pelo coronel João Duarte, de origem portuguesa e atuante político na região. Era necessário que essa associação operária pudesse tramitar pela política e dela receber possíveis benefícios.

Em 1911, outra festa marcava a presença da Liga na cidade, ao recepcionar operários de Porto Novo, relatada no Cataguazes:

Esteve magnífica a recepção dos operários de Porto Novo e Além Parahyba no dia 21 do corrente. E não podia ser de outra forma.

Eram precisamente nove horas da manhã, quando entre demonstrações de viva alegria entrou em nossa estação, o especial formado de nove carros, conduzindo os nossos visitantes em número de 547, os quaes logo após o desembarque, dirigiram-se ao Theatro Recreio Cataguazense onde foram saudados em nome da "Liga Operária" pelo advogado Abelardo Guerra que disse lida numa bella saudação. Ahi, recolhidos os estandartes dos operários, e os das brilhantes sociedades musicas Sete de Setembro e Carlos Gomes de além Parayba e Porto Novo dispersaram-se os nossos hóspedes, que às 11 horas novamente se reuniram e com o povo de Cataguazes percorreram a cidade sendo nessa ocasião saudadas as nossa autoridades.

[...] A' uma da hora realizou-se no Theatro a sessão cívica que a "Liga Operária", de nossa cidade offereceu aos seus irmãos, os operários que vinham nos visitar. Essa sessão foi presidida pelo coronel João Duarte, dando, ao abril-a, a palavra ao orador official dr. Navantino Santos, que em nome dessa corporação saudou num bello discurso os operários que nos distinguiram com sua visita. A esta saudação respondeu num vivo e entusiático discurso o dr. Jair Cunha.[...] <sup>193</sup>

Entre discursos políticos proferidos pela intelectualidade cataguasense, passeatas e diversas outras programações, era uma forma da Liga Operária manifestar sua receptividade aos operários diante da população, que mais uma vez presenciava essa celebração de grande amplitude, demonstrada numa convivência fraternal e respeitável aos operários que visitam a cidade.

Somando-se às festas laicas, a Liga participa através da sua banda na Festa de Sant' Anna, promovida pela igreja local:

Têm-se realizaso com bastante animação as ladainhas e leilões da festa de Sant'a Anna que, na capella desta santa, está sendo promovida por uma commissão de devotos.

Tem abrilhantado o acto a banda da Liga Operária, que já se vae affirmando como um bom elemento do progresso local.

A festa, segundo nos consta, está marcada para o dia 26 do corrente. <sup>194</sup>

Outro momento em que o jornal relata a participação em uma celebração religiosa:

Realizou-se domingo na Villa Domingos Lopes animada festa, pela elevação do Cruzeiro em frente à capella do Rosário.

Houve benção do Cruzeiro pelo reverendo João Chrysostomo, vigário da freguesia, orando eloquentemente, após o acto religioso, o reverendo pe. Mário Couto.

---

<sup>193</sup> CRUZ, J. Figueira da Costa (redactor). *Os Operários*. Cataguazes, Cataguazes, 28 mai. 1911. p.1.

<sup>194</sup> PRIMO, J. *Festa de Sant'Anna*. Cataguazes, Cataguazes, 11 jul. 1914. p.1.

Realizou-se um animado leilão de prendas. Tocou durante os festejos a afinada banda da Liga Operária.<sup>195</sup>

Como em outras festas, a participação da Liga Operária se traduz pela tentativa de ser solidária perante a igreja local. Existe uma relação recíproca entre essas duas instituições, pois na medida em que é necessário se fazem presentes em suas celebrações, reafirmando os laços de uma coexistência harmoniosa.

No carnaval de 1917, “um grupo de sócios da Liga resolveu fazer uma passeata pela cidade com cantigas adequadas no 1º dia de carnaval”<sup>196</sup>, como propósito de marcar os espaços de sociabilidades e lazer, enfatizando sua participação em todos os espaços da vida social da cidade.

Para Ralle, como as organizações operárias não chegaram a instalar divertimentos próprios ou deixar sua marca sobre as diversões tradicionais, é possível que tenham procurado movimentos espontâneos da massa ou celebrações do calendário litúrgico,<sup>197</sup> tentando atingir o maior número de trabalhadores.

Outro momento festivo é a data de 14 de julho, quando o Cataguazes noticia a comemoração pela Liga Operária Cataguazense:

Comemorando a data magna de 14 de julho, a “Liga Operária” realizou, em sua sede social, uma formosa festividade, que deixou gratas recordações, quantos tiveram a satisfação de assistil-a. Durante o dia, effectuou-se uma sessão cívica, fallando, além do Presidente da Liga Operária, o nosso collega da Nota, Sr. Fenelon Barbosa, mas os Sr. Anysio Cardoso e Alzir arruda, cujos discursos receberam applausos vibrantes, A’ noite, dançou-se alegremente na sede da querida sociedade, que tem sabido se impor em Cataguazes pelo seu programma, sabiamente executado pela actual directoria.<sup>198</sup>

Para Batalha, quase todas as correntes ideológicas que atuaram no movimento operário, de 1890 ao início de 1920, anarquistas, socialistas de diversas matizes, positivistas, republicanos sociais, entre outros, veem na Revolução Francesa um paradigma, que

---

<sup>195</sup> A Comissão. Festa. Cataguazes, Cataguazes, 5 nov. 1914. p.1.

<sup>196</sup> Redactor. Carnaval. Cataguazes, Cataguazes, 02 fev.1917. p.2.

<sup>197</sup> RALLE, Michel. A festa militante. In: BATALHA, Claudio H. M; SILVA, Fernando Teixeira da e FORTES, Fernando (org.). Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2004. p. 88.

<sup>198</sup> Directoria. Liga Operária. Cataguazes, Cataguazes, 22 jul.1917. p.3.

representa um momento inaugural na gênese do proletariado. Assim, a Revolução que possibilitou esse nascimento agiu como uma verdadeira “parteira” dos novos tempos.<sup>199</sup>

A comemoração organizada pela Liga seguiu o cerimonial estabelecido para ocasiões desse tipo. Vários discursos foram feitos durante uma sessão cívica e à noite a festa tem o baile como momento de descontração e confraternização entre os associados. O ritual, que desempenha um papel importante na cultura operária nas primeiras décadas do século XX, se manifesta tanto no discurso quanto na prática operária dos associados.

É possível observar em várias matérias registradas no Cataguazes o caráter festivo da Liga. Sua presença constante em todas as manifestações festivas sugere uma prática permeada de um relacionamento harmônico com a sociedade em que convive.

## 2.5 A intelectualidade em cena

É interessante observar que durante toda a sua trajetória de envolvimento com a classe operária, a Liga teve em seu quadro de diretoria membros que não eram operários. Fazia parte da diretoria: jornalista, empresários, professores e alguns poucos representantes da classe operária. José Schettini, que esteve na presidência da Liga por vários mandatos, era um pequeno empresário e comerciante de calçados. Fenelon Barbosa, jornalista e advogado com grande influência na sociedade, foi um assíduo colaborador da Liga, como também os professores Domingos Alcântara e Azedias, que atuaram por longo tempo na associação em cargos relevantes. Parece-nos de singular relevância essa particularidade da Liga Operária Cataguazense: uma associação de operários conduzida por empresários e profissionais liberais. Que razões explicam a presença desse grupo na associação de operários? Como já abordado em outro momento da dissertação, seria a incompetência burocrática do operariado em manter a Liga organizada? Qual o interesse desse grupo em liderar uma associação operária?

Na Liga Operária Cataguazense havia uma nítida aproximação entre a organização, profissionais liberais e políticos da cidade, sendo muito comum a participação dessas pessoas nos mais variados eventos promovidos pela Liga. Essa participação devia ocorrer pela

---

<sup>199</sup> BATALHA, Claudio H. M. “Nós, filhos da Revolução Francesa”, a Imagem da Revolução no Movimento Operário Brasileiro no início do Século XX. Ver. Brasileira de História. São Paulo. v. 10, n. 20, mar./ago.1991. p.235.

simpatia às ideologias e causas operárias, ou quando se tornavam sócios da associação. A ênfase sobre a função dos intelectuais nos mais variados âmbitos da sociedade constitui um dos aspectos originais do pensamento de Gramsci. No seu conceito de intelectual, Gramsci o desenvolve com base em duas críticas. Primeiro critica a concepção que considera a atividade intelectual como autônoma e independente, alheia às atividades das classes sociais. Em segundo lugar é contrário à definição com base no que é inerente aos ofícios considerados intelectuais em contraposição aos de natureza manual.<sup>200</sup> A postura gramsciana levou em consideração a valorização dos agentes sociais que exerceram atividades de natureza intelectual como: o professor, o líder religioso, o militante político, o jornalista, o artista e o cientista, mas voltou sua atenção para uma nova camada de intelectuais que traduzem as necessidades da burguesia industrial. Para Gramsci o intelectual se define pela capacidade de organizar os homens e o mundo que o cerca. Assim, o sindicalista, o militante político, o padre ou o líder camponês também podem ser tratados como intelectuais, pois organizam o tecido social, refletido sobre si mesmos e sobre sua relação com a sociedade.<sup>201</sup>

Do ponto de vista teórico, a abordagem de Gramsci se revela fecunda ao apontar a importância dos intelectuais enquanto agentes sociais, pois nos leva a entender por que grande parte dos membros da Liga tiveram uma função organizativa tanto a nível cultural quanto em outras dimensões da trajetória associativa da Liga.

Observamos que durante o período da gestão desses intelectuais a Liga preocupava-se não só com a educação dos homens como também das operárias ao criar uma escola noturna feminina. Outra aquisição da associação foi a criação de uma biblioteca, disponibilizando livros e jornais, criando condições para que esses trabalhadores tivessem acesso à leitura, afim de promover mudanças favoráveis à própria classe. Além disso, várias conferências são realizadas, quando advogados, jornalistas, professores, literatos, entre outros, são convidados a falar para os operários, conferindo a esses discursos um caráter pedagógico, como podemos observar na conferência do Sr. Emmanuel Mares e Guia, em 1917:

Aquella que sabe ler, escrever e contar, tem na mão uma força que o ignorante não possui. Elle assimila maior número de idéias, desenvolve mais a parte moral de seu ser e exerce a sua vontade sobre objectos mais numerosos e mais diversos. A medida que elle se instrue, o seu trabalho se torna mais regrado, mais útil e mais

---

<sup>200</sup> GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968. p.6-7.

<sup>201</sup> BEIRED, José Luis Bendicho. A função social dos intelectuais. In: AGGI, Alberto (org.). *Gramsci: a vitalidade de um pensamento*. São Paulo: Fundação da UNESP, 1998. p.125.

recompensante. O seu poderio cresce na razão directa do capital intellectual que põe em obra.<sup>202</sup>

Para Gramsci, cabe aos *intelectuais orgânicos*<sup>203</sup> as seguintes tarefas para a concretização de uma nova hegemonia: a) Não se cansar jamais de repetir os mesmos argumentos e variar literariamente a sua forma; a repetição é o meio mais didático e eficaz para agir sobre a mentalidade popular; b) Trabalhar incessantemente para elevar intelectualmente as camadas populares, cada vez mais vastas, para dar personalidade ao amorfo e ao elemento de massa, o que significa trabalhar na criação de elites de intelectuais de um novo tipo, que surjam directamente da massa e que permaneçam em contato com ela para tornarem-se os seus sustentáculos. Esta segunda necessidade, quando satisfeita, é o que realmente modifica o panorama ideológico de uma época.<sup>204</sup>

Durante a pesquisa percebemos que estes foram os objetivos da Liga ao contribuir para a formação dos operários em Cataguases. Além de especialistas na sua profissão, os membros da diretoria da Liga fizeram parte de um organismo vivo e em expansão, permitindo-lhes exercer funções culturais, educativas, organizativas, assegurando com isso o desenvolvimento da associação, permitindo promover a osmose desses intelectuais com o operariado em formação.

## 2.6 Mulher: a conquista de um espaço

Precisa-se na “Cataguazes Industrial”, boas operárias, moças que queiram aprender a trabalhar.<sup>205</sup>

O historiador francês Georges Duby, em 1981, afirmava e ao mesmo tempo indagava sobre as mulheres: “Fala-se muito. Mas o que se sabe delas?”<sup>206</sup> Margareth Rago

---

<sup>202</sup> Redactores diversos. Columna Operária. Cataguazes, Cataguazes, 07 jan. 1917. p.2.

<sup>203</sup> O intelectual orgânico, no sentido gramsciano, é todo aquele que cumpre uma função organizadora na sociedade e é elaborado por uma classe em seu desenvolvimento histórico desde um tecnólogo ou um administrador de empresas até um dirigente sindical ou partidário. (Q 4, §49, p. 474-475).

<sup>204</sup> GRAMSCI, A. *Introdução ao estudo da Filosofia*: a filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. p 110.

<sup>205</sup> PRIMO, J. *Fábrica de tecidos*. Cataguazes, Cataguazes, 28 fev. 1914. p.3.

<sup>206</sup> PERROT, Michele. *Os excluídos da história*: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p.171.

questiona ainda: “Afim, o que sabemos sobre as trabalhadoras dos primórdios da industrialização brasileira?”<sup>207</sup>

Ao se pensar sobre o desenvolvimento industrial do século XIX e início do século XX a figura da mulher faz-se importante, porque não se pode falar da formação da classe operária sem levar em conta a participação das mulheres nesse processo. Além da superioridade numérica em algumas atividades das fábricas, principalmente as têxteis, também tiveram importante participação em ações do movimento operário. Hobsbawm<sup>208</sup>, ao se referir às fábricas de tecidos da Inglaterra e sua preferência por mulheres e crianças afirma que “em 1838 apenas 23% dos trabalhadores eram homens adultos”.

No Brasil e em Minas Gerais isso não foi diferente, como também em Cataguases, grande parte das fábricas, principalmente as têxteis e alimentícias, usavam o trabalho feminino e infantil, em decorrência do aparecimento e expansão de novas fábricas. As mulheres eram as fiandeiras e tecelãs, funções importantes dentro da fábrica, mas que não exigiam qualificação. O seu aprendizado se dava no trabalho. Faziam parte da massa de trabalhadores desqualificados, mas começaram se fazer notar mais nos espaços públicos e nos locais de trabalho.<sup>209</sup> Os homens, ao contrário, se ocupavam de cargos que exigiam mais qualificação, como chefias, contramestres, gerências. Os salários das mulheres eram menores do que os dos homens pois eram determinados pela produção, metragem e qualidade do produto.<sup>210</sup> Moura confirma a presença de mulheres, menores e crianças nas indústrias em que se requer o mínimo de especialização, setores em que a atividade manual desqualificada é presumível, ou que a mecanização já tenha atingido níveis mais expressivos de aproveitamento, caso da indústria têxtil.<sup>211</sup> Além da falta de experiência e salários inferiores, outro fator responsável por essa situação é a tendência em menosprezar as necessidades culturais e materiais do sexo feminino e da criança.<sup>212</sup>

---

<sup>207</sup> RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary. (org). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 579.

<sup>208</sup> HOBBSAWM, E. J. *Da revolução industrial inglesa ao imperialismo*. Rio de Janeiro:Forense-Universitária, 1979. p.64.

<sup>209</sup> BILHÃO, Isabel. Mulheres trabalhadoras: relações entre as identidades de gênero e operária no final do século XIX e início do século XX. ANPHU/SP. USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

<sup>210</sup> GIROLETTI, Domingos. *Fábrica, convento e disciplina*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991. p.37.

<sup>211</sup> MOURA, Esmeralda Blanco B. de. *Mulheres e menores no trabalho industrial: os fatores sexo e idade na dinâmica do capital*. Petrópolis: Vozes, s/d. p. 36.

<sup>212</sup> Idem. p.57.

Rago relata que a vida das operárias nas fábricas criadas no começo de nossa industrialização, foi significativa para o futuro das mulheres no mundo do trabalho, no Brasil. Apesar do espaço público ser definido como essencialmente masculino, do qual as mulheres participavam apenas como coadjuvantes, na condição de auxiliares, assistentes ou outras funções menos importantes, aos poucos foram ocupando todos os espaços de trabalho possíveis.<sup>213</sup>

A fábrica, como outras instituições, produz uma racionalidade e uma ordem próprias da sociedade industrial. Por meio da “disciplina industrial”, essas instituições criam regulamentações que moldam as pessoas de acordo com os interesses sociais. Segundo Perrot:

O século XIX acentua a racionalidade harmoniosa dessa divisão sexual. Cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase predeterminado, até em seus detalhes. Paralelamente, existe um discurso dos ofícios que faz a linguagem do trabalho uma das mais sexuadas possíveis. “Ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos”, declara um delegado, operários da exposição mundial de 1867.<sup>214</sup>

Em Cataguases, a presença da mulher passa a estar em evidência em 1917, quando a Liga cria um espaço feminino, onde a mulher passa a atuar. Em uma conferência proferida pelo Sr. Emmanuel Mares Guia, produzida na sede social da Liga, a 1º de janeiro de 1917, é feita uma homenagem à Mulher Operária, agora como parte integrante dessa associação, de acordo com capítulo terceiro<sup>215</sup> do estatuto da Liga Operária Cataguazense.

#### Columna Operária

Quanto tempo, meus senhores, não se passou desde que a mulher era considerada um ente desprezível! Hoje, a civilização a colocou ao lado do homem, partilhando com elle os seus direitos.

[...] A Liga operária, creando um ramo feminino, teve em vista um fim humanitário e bello.[...]

[...] A Liga vos offerece os salões onde cultivareis o vosso espírito com as leituras sãs, e onde cultivareis a dança, que não é mais que uma gymnastica suave e doce sob o rhythmo da musica, com o qual conservareis o recacho, as formas gracis, as curvas flexuosas, de deusas das fábricas.

Assim senhoritas opiciaes, a vossa entrada hoje na Liga Operária, marca, para esta, o início de uma nova phase rutilante e gloriosa. Trazeis aos companheiros de trabalho, neste cenário de Fe sublime, o resplendor maravilhoso do vosso encanto e dos vossos risos juvenis. Em nome, pois daquelles que tem as mãos virtuosamente callejadas, eu

<sup>213</sup> RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (org). *História das Mulheres no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 603.

<sup>214</sup> PERROT, Michele. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 178.

<sup>215</sup> A notícia referente à criação do corpo de operárias na Liga cita somente o capítulo terceiro, ficando incompleta a informação pela falta do estatuto. *Jornal Cataguazes*, 01/01/1917.

vos dou as boas vindas, transmittindo-vos a alegria que invade aquelles peitos austeros.<sup>216</sup>

É interessante perceber que durante a cerimônia de recepção da mulher como sócia da Liga é proferido um discurso pelo orador, salientando suas qualidades e importância na sociedade. Embora houvesse admissão de mulheres, proposta como sócias no quadro da Liga, notamos que sua participação não correspondia à mesma dos homens. Mesmo tendo acesso a algumas atividades, a participação era reduzida, não existindo nenhum caso em que elas ocupassem funções na diretoria da associação. Sua função está direcionada ao trabalho feminino nas quermesses, nas ornamentações, trabalhos manuais, etc. Acreditamos que as sócias, como qualquer associado, recebiam os estatutos da Liga Operária e gozavam de “certos direitos”, provavelmente direitos estatutários, como votar, participar das assembleias gerais, ser alunas da escola noturna. Na organização e direção os cargos eram ocupados somente por homens, e provavelmente essas escolhas se pautavam nos conhecimentos e experiências que possuíam para a administração, tais como o domínio da escrita, da contabilidade, os bons contatos e a disponibilidade para se reunirem.

A participação das mulheres não se limitava à vida associativa. A dupla jornada de trabalho e a mentalidade dominante de que essa participação era essencialmente masculina não impediram que muitas mulheres deixassem suas atividades nas fábricas, fazendo-se presentes nos momentos em que houve necessidade de reivindicar por seus direitos e fizessem greve. A inserção das mulheres nas lutas sociais também remete à dificuldade de sua incorporação no movimento operário, já que estes eram na prática controlados por homens, que pela sua condição possuíam maiores possibilidade de organização entre si. Por outro lado, as mulheres representavam uma ameaça ao espaço fabril pertencente aos homens, em razão da grande demanda da utilização de sua mão de obra pela burguesia.

No início de fevereiro de 1920 eclode uma greve entre o operariado de Cataguases, tendo a adesão das operárias das fábricas de tecidos Manoel Ignácio Peixoto & Filhos com o apoio da Liga Operária Cataguazense, matéria essa relatada no jornal Cataguazes de 28 de fevereiro de 1920:

As operárias da fábrica de tecidos dessa cidade acham-se em greve desde segunda feira passada a fim de obterem o aumento de 10% sobre a tabela de preços que lhes era pago pelo metro de algodão. Presentes em número elevado de trabalhadores de ambos os sexos a filial da Liga Operária de Além Paraíba em Cataguases, realizou na sede da Villa Domingos Lopes , às 8 horas da noite, do 23 corrente , uma sessão extraordinária para resolver assuntos referentes ao movimento grevista. Consultando

---

<sup>216</sup> Redactores diversos. Columna Operária. Cataguazes, Cataguazes, 07 jan. 1917. p.2.

as operárias se desejavam continuar em greve e como estas unânimes, responderam afirmativamente, o Sr. Firmínio da Luz apresentou uma proposta à Assembléia que a aprovou imediatamente, proposta que ficou estabelecida que fossem distribuídas listas entre o proletariado cataguasense, em geral, a fim de angariar dinheiro para a manutenção das operárias enquanto estivessem em greve.<sup>217</sup>

Certamente as relações de solidariedade geraram vínculos e aproximação entre operários homens e mulheres, levando-os a compartilhar uma condição comum que os motivava a agir em prol de suas conquistas. Inaugurava uma situação até então não vivenciada em Cataguases, em que mulheres operárias passaram a fazer parte de uma experiência onde somente os homens eram protagonistas de tais ações.

O movimento se torna mais significativo quando operárias da torrefação de café do Cel. João Duarte Ferreira se solidarizam com as tecelãs, entrando em greve também.

Gréve

Os operários da fabrica de Tecidos desta cidade desde segunda-feira manifestaram-se em greve pacífica, solidarizando-se com as operarias que haviam solicitado aumento de seus salários sem êxito.

Pela propaganda que fizeram obtiveram a adesão das empregadas da catação de café do cel. João Duarte Ferreira, que pleitearam a mesma medida.<sup>218</sup>

A greve que havia começado com a participação basicamente de homens generalizou-se com a adesão das operárias da indústria têxtil e das mulheres da torrefação de café. Além disso, através da demonstração de apoio ao movimento, as mulheres contribuíram para que a greve ganhasse uma nova dimensão pública ao solidarizar com os homens suas reivindicações.

A agenda de reivindicações dos operários consistia no aumento de 50% do salário e criação de uma tabela fixa para venda de gêneros de primeira necessidade.<sup>219</sup> As operárias da fábrica de tecidos pediam um aumento de 10% sobre a tabela dos preços por metro de algodão produzido.<sup>220</sup> Tendo como interlocutora a Filial da Liga Operaria de Além Parahyba em Cataguases, os grevistas nomearam uma comissão composta dos srs. José Nunes Badaró, José de Queiroz Pereira e Gilberto Teixeira Côrtes, para tentar uma solução com os proprietários da fábrica de tecidos, no sentido de se obter um acordo que viesse pôr fim à questão.<sup>221</sup>

---

<sup>217</sup> AZEVEDO, Sandoval Soares (redactor). Greve. Cataguazes, Cataguazes, 29 fev. 1920. p.2.

<sup>218</sup> AZEVEDO, Sandoval Soares (redactor). Greve. Cataguazes, Cataguazes, 29 fev. 1920. p.2.

<sup>219</sup> AZEVEDO, Sandoval Soares (redactor). Columna Operária .Cataguazes, Cataguazes, 08 fev. 1920. p.2.

<sup>220</sup> AZEVEDO, Sandoval Soares (redactor). Greve. Cataguazes, Cataguazes, 29 fev. 1920. p.2.

<sup>221</sup> AZEVEDO, Sandoval Soares (redactor). A greve. Cataguazes, Cataguazes, 7 mar. 1920. p.2.

Essa comissão, embora não tivessem recebido autorização formal dos proprietários da fábrica para garantir aos operários o aumento de salário pedido, deixou claramente demonstrado que estes seriam atendidos, uma vez que voltassem ao trabalho. Os motivos da greve deixaram de existir quando houve por parte dos proprietários o intuito de satisfazer as aspirações de seus operários, uma vez que esses recomeçassem a trabalhar.<sup>222</sup>

De acordo com o jornal *Cataguazes*, a vitória do movimento trouxe melhorias de ordem material aos operários e às mulheres em greve. A greve, que inicia em 8 de fevereiro de 1920, termina dois meses depois. Declara o jornal *Cataguazes* de 4 de abril de 1920:

A fábrica de tecidos aumenta o salário de seus operários  
A Fabrica de Tecidos, desta cidade, de propriedade da firma M. Ignacio Peixoto & Filhos que já havia anteriormente augmentado o salário de seus operários, acaba de estender igual favor às operarias que alli trabalham, augmentando de 15% o jornal de cada uma.<sup>223</sup>

Ao final do movimento é anunciado um convescote a ser realizado no 1º de maio, que de acordo com o jornal, tinha como objetivo “traduzir gratidão aos industriais pelo deferimento dos seus pedidos.”

A participação da mulher em um movimento como esse rompe com sua condição de invisibilidade pública, o que não é feito sem tensões, já que a decisão de se integrar a uma ação política é entendida como quebra do cotidiano doméstico e dos padrões morais da época. Em se tratando da composição da força de trabalho de uma pequena cidade do interior, como Cataguases, uma greve que perpassa pela integração de mulheres trabalhadoras imprime um caráter eminentemente novo. Ao cruzarem os braços, negando-se a trabalhar, as operárias de Cataguases estavam fazendo política e de forma consciente, estabelecendo uma rede de solidariedade, com listas para angariar dinheiro para sua manutenção, enquanto houvesse greve, o que possibilitou dar sequência ao movimento e assegurar assim suas reivindicações.

A ideologia de gênero, hegemônica nas sociedades patriarcais e capitalistas, associada à dicotomia casa/rua, sendo a casa identificada com o feminino e a rua sob o domínio masculino, num universo de greves e manifestações não é compatível com a presença de mulheres.<sup>224</sup> As mulheres, por sua vez, deveriam participar enquanto filhas, mães

---

<sup>222</sup> AZEVEDO, Sandoval Soares (redactor). A greve. *Cataguazes*, Cataguazes, 7 mar. 1920. p.2.

<sup>223</sup> AZEVEDO, Sandoval Soares (redactor). *A fábrica de tecidos aumenta o salário de seus operários*. *Cataguazes*, Cataguazes, 04 abri. 1920. p.1.

<sup>224</sup> MATOS, Vanessa Cristina Santos. *Gênero e trabalho: um olhar sobre as greves operárias de junho e setembro de 1919*(Bahia-Salvador). 2008. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e feminismo. p.117.

e esposas, nas condições de subordinadas ao homem e não como parte integrante do movimento, o que não deve ser visto de forma generalizada, porque a ausência das mulheres nas lideranças dos movimentos não significou absentismo.<sup>225</sup>

A utilização da força de trabalho feminino nas primeiras décadas no século XX, no Brasil, Minas Gerais e Cataguases propiciou uma oportunidade da mulher deslocar-se do espaço do lar para o fabril sem com isso alterar a sua condição na família, quebrando paradigmas até então impostos pela sociedade. Essa experiência estava se construindo, mesmo com todas as contradições e limites, proporcionando à classe trabalhadora feminina uma identificação dos interesses e demandas junto ao operariado masculino.

Segundo Boris Fausto “mesmo reconhecendo a participação das mulheres em ações do operariado, isso não nos impede de pensar que as figuras femininas deixaram traços anônimos nas ações coletivas, estando quase sempre ausentes do rol dos organizadores”.<sup>226</sup> Essas ações e experiências traduzem a importância da trajetória das mulheres na história, que ao subverter os padrões normativos de uma sociedade reproduzem e/ou legitimam um espaço, que pautado na força, virilidade, autoridade masculina, é também o espaço feminino.

---

<sup>225</sup> RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (org). *História das Mulheres no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997. p.64.

<sup>226</sup> FAUSTO, Boris. Trabalho Urbano e conflito social. (1890-1920). Rio de Janeiro: Difel, 1977. p. 129

### 3 O DESAPARECIMENTO DA “SIMPATIA COMPREENSIVA” COM O MOVIMENTO OPERÁRIO

#### 3.1 A participação da Liga em Congressos e Conferências

Os congressos operários são espaços que buscam definir estratégias de ação conjunta do movimento operário, como também as conferências que se traduzem como espaços de circulação de ideias e objetivo de doutrinar trabalhadores de acordo com os princípios norteadores da associação. Procuramos observar a participação de representantes da Liga Operária Cataguazense e analisar em que medida as políticas definidas pelos Congressos eram implementadas pela associação.

O Primeiro Congresso Operário Brasileiro, ocorrido em 1906, de teor sindicalista-revolucionário, de acordo com Hall e Pinheiro,

Representou um importante avanço para o movimento operário. A organização que surgiu Desse Congresso surgiu a Confederação Operária Brasileira (COB) que segundo esses autores foi a primeira organização operária nacional que permitiu pela primeira vez uma certa coordenação e troca de informações no interior do movimento operário, em nível nacional.<sup>227</sup>

Ainda de acordo com Hall e Pinheiro, várias resoluções do congresso de 1906 são bastante específicas e estão relacionadas às dificuldades enfrentadas pelos operários nesse período: direito de reunião, multa nas fábricas, trabalho por peças, pagamento em dia, etc.<sup>228</sup> Foi decidido também que anualmente ocorreriam os Congressos, mas somente em 1913 (setembro) é que foi organizado o Segundo Congresso Operário, de acordo com a linha ideológica do primeiro (sindicalismo revolucionário).

Em Minas Gerais, no Congresso de 1906, apenas uma associação e um sindicato aderiram: a Junta auxiliadora dos Operários de Nova Lima e o Centro das Classes Operárias

---

<sup>227</sup> PINHEIRO, Paulo Sérgio Pinheiro e HALL, Michel M. *A Classe Operária no Brasil*. Documentos (1889-1930). V..1: O Movimento Operário. São Paulo: Editora alfa Omega, 1979. p. 41.

<sup>228</sup> Ibid. p. 42

de Juiz de Fora. Segundo Eliana Dutra, estas entidades desaparecem logo depois do congresso, dando origem a outros sindicatos.<sup>229</sup>

Em 1907, provavelmente como reflexo do Primeiro Congresso Operário Brasileiro, foi realizado na cidade de Sabará o Primeiro Congresso Operário Mineiro. Diferente do Congresso de 1906, na cidade do Rio de Janeiro, que pregava a ação direta, fazendo valer as reivindicações operárias, esse congresso revelou uma tendência social-democrata do movimento, além de críticas ao anarquismo.<sup>230</sup>

No Congresso Operário de 1912, promovido por Mario Hermes e conhecido como “Congresso dos Pelegos” por tentar criar o sindicalismo estatal, a Liga Operária Cataguazense se faz presente junto a outras associações mineiras. De acordo com Dutra<sup>231</sup>, o “Congresso dos Pelegos”, de 1912, contou com uma presença maciça de sindicatos mineiros (22 sindicatos). Entre eles: União Operária, de Monte Carlos; Operariado, de Lafaiete; Centro Operário, de São João Del-Rei; União Operária de Diamantina; Liga Operária Uberabense, de Uberaba; União Operária, de Miraf; Liga Operária Cataguazense, de Cataguases; Centro dos Operários das Oficinas da Central do Brasil, de Lafaiete; Associação Beneficente Irmãos artistas e a União Operária, ambas de Juiz de Fora; entre outros.

O Cataguazes, ocupando quase toda a página, chama atenção para o Congresso Operário Mineiro, que aconteceria em 1912, em Belo Horizonte.

A's sociedades operárias e aos singulos operários e trabalhadores do Estado de Minas Geraes  
Companheiros  
[...] Estando já iniciado em Minas, e com bons auspícios, o movimento operário, julgamos de absoluta necessidade cuidarmos desde já, da organização das forças operárias do Estado e parece-nos conveniente para tal fim a realização aqui na Capital do Estado , de um Congresso Operário que se deverá reunir o mais promptamente possível , em Agosto ou em Setembro próximo,ao mais tardar.  
Nesse Congresso, que será a “Constuinte” do proletariado mineiro, tratar-se-há de todas as questões que interessam ao operariado: salários, horários, auxílios mútuos,legislação social, meios de resistência e de conquista, política operária, instrução, etc. Nelle assentar-se-hão também as bases da união effectiva de todo o proletariado mineiro n’uma grande e forte “confederação”  
Assim, caros companheiros, ousamos, esperar que esta grande iniciativa será por vós apoiada e que nos dareis todas informações e indicações que julgardes úteis ao melhor resultado do grandioso tentameu.[...]”<sup>232</sup>

<sup>229</sup> DUTRA, Eliana de Freitas. *Caminhos Operários nas Minas Gerais*. São Paulo: Hucitec, 1988. p. 75.

<sup>230</sup> PASSOS, Daniela Oliveira R. A Influência das diversas correntes ideológicas no movimento operário belorizontino no início do século XX. *Revista Anagrama*. Ano. 2. Ed. 1.. Set/Nov?2008. p 11.

<sup>231</sup> DUTRA, Eliana de Freitas. *Caminhos Operários nas Minas Gerais*. São Paulo: Hucitec, 1988 p.76.

<sup>232</sup> ABREU, Antonio Caetano et al. Congresso Operário. Cataguazes, Cataguazes, 23 jun. 1912. p.2.

Nesta mesma página do jornal, onde é divulgado O Congresso Operário, a Liga Operária Cataguazense, faz um relatório de várias de suas realizações, que ainda seriam debatidas no Congresso de 1912: instrução, auxílios mútuos e legislação social. Isso nos faz acreditar que, intencionalmente, essa associação mostrava seu comprometimento com o operário, independente das medidas que seriam votadas no Congresso. O vanguardismo da Liga foi uma de suas singularidades, que à frente de algumas decisões a serem votadas no congresso, esta já as colocava em prática.

Em 16 do corrente, houve uma assemblêa Geral para aprovação do relatório da última gestão.

[...] Todas as suas pensões tem sido pagas às viúvas e orphãos dos associados . Mantem em sua Escola Nocturna 44 alumnos sendo sócios , filhos de sócios e aprendizes de associados.

Durante o anno findo a Escola deu 14 alumnos preparados que já se acham empregados nesta cidade e em outrs districtos. [...] <sup>233</sup>

Em novembro de 1912, a Liga convida seus associados para uma Assembleia Geral, quando serão discutidos os trabalhos dos Delegados no Congresso.<sup>234</sup> Em dezembro do mesmo ano, outra sessão é convocada para dar continuação aos relatos dos trabalhos que foram realizados no Congresso. Segundo o Cataguazes, a Liga se reúne em novembro de 1912:

Em 24 do corrente, à 1 hora da tarde, no salão social da sede, haverá uma Assembléa Geral para apresentação dos trabalhos dos Delegados no Congresso e Prestação de Contas do 2º trimestre

São convidados todos os associados em geral.

Cataguazes, 22de Novembro de 1912.

Domingos B. P. Alcântara – 1º Secretário.

Em dezembro de 1912, uma segunda convocação era feita pela Liga para dar continuidade à assembleia anterior:

Hoje haverá uma sessão de Assembléa Geral, 2ª convocação dos trabalhos feitos no Congresso e prestação de contas do snr. Thesoureiro, que deixou de fazer na sessão passada, com causa justa.

Cataguazes, 4 de Dezembro de 1912.

1º Secretário – domingos B. P. Alcântara.

São convidados todos os associados, em geral, para 1 hora da tarde na sede.

---

<sup>233</sup> Directoria. Liga Operária Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 23 jun. 1912. p.2.

<sup>234</sup> ALCANTARA, Domingos. Liga Operária Cataguazense. Cataguazes, Cataguazes, 24 nov. 1912. p.2.

O Jornal Voz do Trabalhador,<sup>235</sup> órgão da confederação Operária Brasileira, divulga em 1º de outubro de 1913 as resoluções do Segundo Congresso Brasileiro e as associações representadas. A Liga Operária Cataguazense não consta na lista das associações representadas, informadas pela Voz do Trabalhador. Apenas: o Centro Operário Sindicalista; o Sindicato dos Pedreiros; o Sindicato dos Carpinteiros, de Belo Horizonte; a Associação Beneficente Irmãos artistas, de Juiz de Fora e a Liga Operária Machadense, de Machado. Ainda aderiram, sem representação no Congresso, a Liga Operária Uberabense, de Uberaba e o Sindicato dos Pintores, de Belo Horizonte. Mesmo, o Cataguazes registrando as prestações de contas dos delegados, não há registro de sua participação. Não conseguimos explicação para essa ausência da Liga nos anais do Congresso de 1913.

Segundo Eliana Dutra, no Terceiro Congresso Operário, último realizado pela COB, em 1920, participaram quatro associações de Minas Gerais, sendo duas de Juiz de Fora, uma de Cataguases e uma de Elói Mendes. Dutra acredita “que os demais sindicatos não foram contactados pelos libertários ou não foram receptivos aos apelos desses últimos, causando assim a sua ausência nos congressos promovidos pela C.O.B.”<sup>236</sup>

Além da participação ou mesmo da informação sobre os congressos operários realizados no período que pesquisamos, observamos a preocupação da Liga em promover conferências operárias, convidando pessoas de fora para a realização das mesmas. A partir da notícia a seguir constatamos essa preocupação:

Liga Operaria Cataguazense

O presidente desta associação, de acordo com o Orador da mesma, reconhecendo o grande entusiasmo dos seus associados, marcou para domingo 27 do corrente, às 2 horas da tarde, no salão social uma conferencia operaria.

Para esse fim convido todos os associados a comparecerem nesse dia afim de brilhantar o 1º passo do nosso progresso.

É franqueado o ingresso aos amigos do operariado, que quizerem honrar-nos com a sua presença.

O secretario, João Cypriano.<sup>237</sup>

---

<sup>235</sup> Confederação Operária Brasileira. O segundo congresso operário brasileiro. A Voz do Trabalhador, Rio de Janeiro, 1 out. 1913. p.1-4.

<sup>236</sup> DUTRA, Eliana de Freitas. Caminhos Operários nas Minas Gerais. São Paulo: Hucitec, 1988. p. 75.

<sup>237</sup> CYPRIANO, João. *Liga Operária Cataguazense*. Cataguazes, Cataguazes, 27 mar. de 1910.

Em 1913, a Liga Operária, através do Cataguazes, comunica ao operariado a realização de outra conferência feita pelo Sr. Waldomiro Padilha a convite da Liga:

Conforme noticiamos, realizou-se domingo ultimo às 2 horas da tarde, no Theatro Recreio Cataguazense, uma conferencia em prol do operariado, pelo sr. Waldomiro Padilha, que percorre o Brasil em propaganda do socialismo e em defesa dos operários.

A platea e camarotes do Theatro achavam-se repletos de espectadores.

Após a execução de um dobrado pela philarmonica 7 de Setembro foi feita pelo sr. Ruy de Miranda, vice-presidente da Sociedade Liga Operaria, a apresentação do conferencista ao publico cataguazense.

Começou o sr. Waldomiro Padilha a declarar ao publico que não se tratava de ouvir a palavra de um tribuno consumado e nem de um conferencista autorizado mas, sim, de um operário humilde que abraçara com amor a defeza de seus collegas em geral.

E, por espaço de 50 minutos mais ou menos, dissertou Padilha, aconselhando ao operariado a sua união, o seu amor ao trabalho, à sua família e à escola, pregando energicamente contra o jogo e o álcool, citando brilhantes exemplos para bem orientar a seus collegas.

De espaço a espaço, arrancava Padilha do auditório, prolongadas palmas, pelas suas magníficas idéas, e ao terminar foi vivamente applaudido e abraçado pelos membros da Liga Operária.

No dia seguinte houve mais uma conferencia no mesmo local, às 7 horas da noite, á qual compareceu maior numero de espectadores o que prova exuberantemente o êxito da primeira.

O thema desta, foi: A família – o dever e a profissão.

Waldomiro Padilha, durante uma hora mais ou menos, prendeu a attencao do publico, que o applaudio com entusiasmo.

Parece-nos viável o interesse em certos conferencistas e temas específicos, assim como a orientação política e ideológica das conferências realizadas. Do exposto acima observamos a relevância dada a temas relacionados a aspectos morais e éticos.

Em 1917, Emmanuel Mares Guia é convidado para dar uma conferência, produzida na sede da Liga, sobre a Mulher Operária. Embora houvesse uma cultura da importância do papel masculino em detrimento da participação da mulher na vida pública, percebemos um esforço em projetar uma imagem positiva da mulher trabalhadora assalariada e participante ativa junto aos homens no trabalho. Podemos observar nesses fragmentos essa intenção do conferencista:

A mulher é a madresilva. Possuidora da graça e da belleza a sua vida une-se a vida do homem e deste combio surge a dilogia suprema e sublime do sol que propina energia e da aurora que se multicoloriza de encantos.

As operárias da nossa cidade, tem até agora se ocupado unicamente do trabalho.

A mulher, podemos dizel-o, tem maiores responsabilidades que o homem. Se os homens tem a obrigação de se fazer robustos, a mulher cumpre ser bella, sadia e forte, porque o seio guarda, como amphora sagrada, o futuro da humanidade....

É mister serdes fortes senhoritas operárias, e a força, já disse, não se mantêm só com o trabalho, mas também com os divertimentos.<sup>238</sup>

<sup>238</sup> Redactores Diversos. Columna Operária. Cataguazes, Cataguazes, 07 jan. 1917. p.2.

Há sempre também nestas conferências uma intenção de um discurso voltado para o trabalho e a educação:

Permitti que eu vos lance um bravo entusiástico, senhores do trabalho.  
Com isto mostraes que si, sabeis que o trabalho, a terra, as forças naturaes e o capital são magnos agentes da produção, a instrução e a intelligencia não lhes ficam atrás. De facto, as forças do homem augmentam com seu saber.  
Aquelle que sabe ler, escrever e contar, tem na mão uma força que o ignorante não possui. Elle assimila maior número de idéias, desenvolve mais a parte moral de seu ser e exerce a sua vontade sobre os objetos mais numerosos e mais diversos a medida que elle se instrue, o seu poderio cresce em razão directa do capital intellectual que põe em obra.<sup>239</sup>

No discurso permeia a reflexão do conferencista referente à educação do trabalhador, abarcando um conjunto de práticas sociais, especificamente escolares, por meio das quais se daria a formação do cidadão consciente dos seus deveres perante a sociedade. A positividade do trabalho como criadora e produtora do próprio homem seria uma forma pedagógica de produzir consciência, disciplina, obediência com objetivo de tornar o trabalho mais produtivo, útil e nas condições favoráveis de produção de riqueza. Ainda segundo o conferencista:

[...] Quer se trate de um comerciante ou de um agricultor, de um tecelão ou de sábio, o que se requer é que o trabalhador seja, não só hábil e prestes no seu ofício, mas que elle seja guiado pelo conhecimento tecnico dos instrumentos que elle emprega e das cousas que elle executa. Este conhecimento é a instrução, é a intelligencia, é o quarto agente da produção de riqueza.[...]<sup>240</sup>

Observamos que a intenção do orador era reafirmar que a educação e a instrução escolar seria o caminho mais seguro, que conduziria o trabalhador ao processo de mudança de mentalidade frente ao trabalho. Verifica-se a relevância dada à educação e sua dimensão positiva, enquanto possibilidade de realização e criação do homem, tendo como perspectiva a superação do alheamento e da exploração.

Era também uma prática da Liga Operária Cataguazense convidar pessoas da cidade para ministrar conferências como a do Sr. João Trentino Ziller.<sup>241</sup> Nesse caso, a realização

---

<sup>239</sup> Redactores Diversos. Columna Operária. Cataguazes, Cataguazes, 07 jan. 1917. p.2.

<sup>240</sup> Redactores Diversos. Columna Operária. Cataguazes, Cataguazes, 07 jan. 1917. p.2.

<sup>241</sup> Redactores Diversos. Conferencia. Cataguazes, Cataguazes, 22 jul.1917. p.3.

dessa conferência tinha como objetivo arrecadar fundos para a Liga e o Hospital da cidade. Acreditamos que, além da preocupação em reafirmar a ideologia pregada pela associação, havia também a exigência de estar com os cofres da associação em condições de atender às necessidades da mesma.

Acreditamos que a participação em Congressos Operários e a realização de conferências para a classe operária foi uma maneira de sociabilizar e reconhecer esses trabalhadores como sujeitos políticos, bem como de conscientizar a importância da função desta classe.

### 3.2 A greve de 1920

Sobre a ocorrência de greves em Minas Gerais, Eliana Dutra, constata que em quase sua totalidade ocorreram a partir de 1917. Antes desta data há poucos registros de greves em Minas: a greve dos trabalhadores em Nova Lima (fevereiro de 1907); dos operários da construção em Belo Horizonte (maio de 1912) e a greve geral em Juiz de Fora (agosto de 1912). A partir de 1917 há um aumento significativo desses movimentos grevistas. As questões variam: das salariais à diminuição da jornada de trabalho, demissão de mestre, melhor tratamento e readmissão de operários grevistas.<sup>242</sup>

O Cataguases relata movimentos grevistas a partir de 1912. A eles se refere para criticar com indignação os maus tratos como ao que foi submetido o operário Francisco Calvo, sapateiro da fábrica Clark.<sup>243</sup> Em vários números o jornal relata também a greve dos operários da Leopoldina Railway, que inicia em 1919 e culmina em 1920, quando se extrapola para muitas cidades do interior do Rio de Janeiro e Minas Gerais. As greves que se generalizam por todo o país têm como motivo principal a carestia e a conjuntura pós-guerra que caracteriza a fragilidade econômica do país, cujas consequências se abatem sobre a classe trabalhadora. Em 1917 é publicado com veemência um editorial sobre “o protesto do proletariado brasileiro contra a carestia”.

“Prometeu desacorrentado, o proletariado brasileiro fez ouvir nas praças públicas, há dias o seu protesto ameaçador contra a carestia de gêneros de primeira

---

<sup>242</sup> DUTRA, Eliana de Freitas. *Caminhos Operários nas Minas Gerais*. São Paulo: Hucitec, 1988. p 79.

<sup>243</sup> BARBOSA, Felon (editor). *Um operário maltratado pela polícia de S. Paulo*. Cataguazes, Cataguazes, 1912. p.2.

necessidade . Acordados ao rumor da vaga que se encapellou e veio bater nas paredes feudaes dos palácios governamentaes.[...].<sup>244</sup>

É publicada também no Cataguazes uma nota conclamando os operários a responder um questionário em que o governo se tornaria ciente da situação dos operários:

Operários!

Com as vossas respostas aos questionários dos boletins censitários, habitareis o governo a ter uma noção precisa das condições do Operariado do Brazil e, portanto, a resolver com acerto os problemas vitaes das habitações e da carestia da vida.<sup>245</sup>

Para Eliana Dutra, a conjuntura econômica de 1918 e 1920 esteve na esteira econômica dos movimentos sociais ocorridos nestes anos. A taxa de inflação alcançou altos índices, o que resultou no agravamento das condições de vida da classe operária. Portanto, é possível perceber que a situação do trabalhador é semelhante em todo o país.<sup>246</sup> O Cataguazes aponta através de dados estatísticos a comparação dos preços de 1914 a 1917, indicando a elevação dos mesmos e o agravamento das condições de vida do povo mineiro.

Para termos acesso às dimensões dessa carestia, que envolvia o município e o resto do país, levantamos dados realizados pelo Cataguazes<sup>247</sup>, de gêneros de primeira necessidade, entre os anos de 1914 a 1917, como se percebe no gráfico abaixo:

Comparando os preços de vários gêneros alimentícios percebemos um indicativo elevado desses alimentos que determinaram o agravamento das condições de vida dos trabalhadores. Entre os anos de 1914 a 1917 os preços atingiram o dobro. O jornal comenta que nossa importação aumentava consideravelmente enquanto esses gêneros se tornavam escassos no comércio mineiro. Embora a guerra estivesse geograficamente distante, seus reflexos se fizeram sentir no cotidiano da cidade. Os efeitos da guerra provocaram a alta de preços dos produtos de exportação bem como dos produtos aqui produzidos que não constavam na pauta de exportação, como também os salários não aumentavam na mesma proporção. Os dados levantados no Cataguazes, mesmo que não estejam completos, como o

---

<sup>244</sup> Redactores diversos. A carestia da vida. Cataguazes, Cataguazes, 19 ago. 1917. p.1.

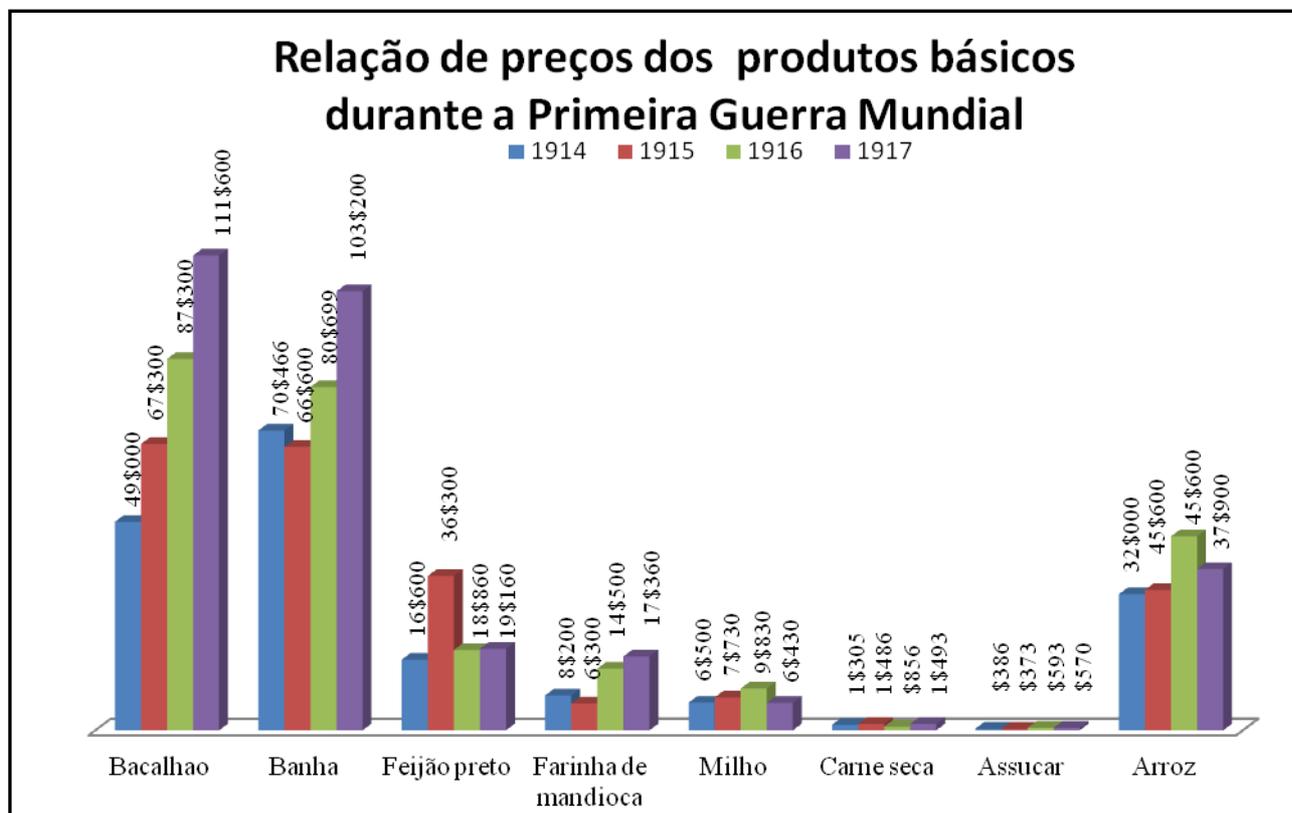
<sup>245</sup> AZEVEDO, Sandoval Soares (redactor). Operários. Cataguazes, Cataguazes, 15 ago. 1920. p.1.

<sup>246</sup> DUTRA, Eliana de Freitas. *Caminhos Operários nas Minas Gerais*. São Paulo: Hucitec, 1988. p. 91.

<sup>247</sup> Gráfico elaborado com dados da notícia do jornal Cataguazes de 27/05/1917. Carestia da vida: conselho à lavoura mineira. Os dados escolhidos para compor o gráfico foram os escolhidos pelo jornal para fazer a comparação entre os gêneros alimentícios entre 1914 a 1917.

estabelecimento de correlação preços-salários, nos permitem uma avaliação sobre o aumento dos preços dos produtos na época.

GRÁFICO 1



Nesse cenário de insatisfação há o engendramento de uma situação de emergência que, no plano das ações coletivas e da organização, se reflete em vários níveis: um número maior de greves, modificação das expectativas na vida cotidiana, onde se almeja uma alteração do sistema social ou pelo menos a tangível possibilidade de uma vida melhor.<sup>248</sup>

Em 1920, o operariado de Cataguases inicia um movimento contra a situação que vivenciam. Lendo-se o semanário de fevereiro a abril desse ano acompanhamos os acontecimentos.<sup>249</sup> Há uma grande participação de operários e suas reivindicações são anunciadas pela Liga Operária Cataguazense e a Filial da Liga de São José de Além Parahyba, pleiteando em favor de suas causas através do Cataguazes:

<sup>248</sup> FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e conflito social*. São Paulo: Difel, 1977. p.159.

<sup>249</sup> AZEVEDO, Sandoval Soares (redactor). *Columna Operária*. Cataguazes, Cataguazes, 8 fev. 1920. p. 2.

### Columna Operária

O operariado cataguazense realizou domingo passado um grande comício de protesto contra a situação afflictiva em que elle se debate presentemente.

As duas horas da tarde desse dia, reunidas em sessão extraordinária, nas suas respectivas sede, as sociedades locais “Liga Operaria Cataguazense” e “Filial da Liga de S. José de Além Parahiba” deliberaram, por approvação unanime de seus sócios, pedir a quem de direito a decretação das seguintes medidas:

1ª – Augmento de 50% nos actuaes salários dos operários

2ª A criação de uma tabella fixa para a venda dos gêneros de primeira necessidade.

Deliberaram mais aquellas duas sociedades comparecer incorporadas à casa dos exmos. snrs. dr. Astolpho Dutra Nicácio e cel. João Duarte Ferreira, afim de pedir a sua valiosa interferência para a boa solução da causa que defendiam.

As quatro horas da tarde, reunidas na Villa Domingos Lopes, as duas referidas sociedades, tendo a frente as suas respectivas directorias, bem como o sr. Alzir do Nascimento Arruda, orador official escolhido para esse fim, partiram em demanda a residência do cel. João Duarte Ferreira, onde estiveram paradas poucos momentos, por estar elle ausente, em viagem no districto de Mirahy, seguindo depois o cortejo para o palacete do dr. Astolpho Dutra, com um acompanhamento de cerca de 800 pessoas.

Ahi usaram da palavra os srs. José Tato, orador da “Liga Operária”, Antonio Firmo da Luz, presidente da “Filial da Liga Operária de S. José” e Alzir Arruda, que expuseram com clareza os fins que ali os levavam, salientando a situação angustiosa que o operariado atravessa actualmente, terminando todos por pedir àquelle eminente político que empregasse todo o seu prestigio em favor da causa que pleiteavam.

Respondeu-lhes o dr. Astolpho Dutra, dizendo achar muito justas as aspirações do operariado cataguasense, essa nobre e laboriosa classe a que elle sempre votara uma grande admiração e em beneficio da qual promettia empregar todos os esforços no sentido de minorar as agruras que a flagiciam.

Disse mais S. Excia. que, como representante desse município no Congresso Federal, iria pleitear perante o Governo da União a criação, o mais breve possível, de uma tabella para os gêneros de primeira necessidade.

As ultimas palavras do discurso de S. Excia., discurso esse de que damos aqui um ligeiro resumo, foram abafadas por uma prolongada salva de palmas, tendo o seu nome sido muito ovacionado por todos os presentes.

Deixando a residência do exmo. sr. dr. Astolpho Dutra, a avalanche operaria dirigio-se a casa do sr. Gilberto Teixeira Cortês, sócio da Empreza de Lactinios desta cidade, que foi alvo de uma tocante e carinhosa manifestação.

Usou ahi da palavra o sr. José Tato, que saudou naquelle industrial o modelo dos patrões, o homem bondoso e magnânimo que acudio presuroso ao apello de seus empregados, augmentando-lhes os salários e creando duas turmas, uma diurna e outra nocturna, para o serviço de seu estabelecimento.

Profundamente sensibilizado, o sr. Gilberto Cortês agradeceu aquella prova de carinho e amizade do proletariado cataguazense, depois do que seguiu o cortejo para a sede da Liga Operária, onde, por aclamação unanime dos presentes, o nosso amigo sr. Alzir do N. Arruda proferio um notável discurso, salientando que a causa pela qual se batiam, não era só a causa do operariado, mas a causa de todo povo cataguazense, que de ha muito vem sendo victima de explorações de toda natureza.

Concitando o proletariado a permanecer unido e coheso, dentro da ordem e da lei, o orador terminou fazendo um ligeiro histórico do movimento operário nestes últimos tempos e dando como terminado o comício com um viva a classe que o escolhera para seu orador official.

Antes de se dirigirem a casa do cel. João Duarte Ferreira, os operários estiveram primeiramente na residência do sr. José Peixoto, sócio Fabrica de Tecidos desta cidade, que foi saudado pelo sr. Alzir Arruda, que lhe dirigiu um apello pedindo o augmento de salário dos seus empregados.

A banda musical da “Liga Operaria” executou durante o comício varias peças do seu escolhido repertorio, tendo cooperado grandemente para o maior brilhantismo do mesmo.

A greve de 1920 que se instaura em Cataguases tem como mediadores a Liga Operária Cataguazense e a Filial da Liga de São José de Além Parahyba. As duas associações acompanhadas de seus associados se organizam para pleitearem ajuda de políticos da cidade, que prometeram empregar todos os esforços no sentido de minimizar as agruras do proletariado de Cataguases. O trabalhador da fábrica constitui a espinha dorsal do movimento, mesclado por trabalhadores de outras áreas. De acordo com o noticiado, cerca de 800 pessoas participaram desse comício em apoio aos grevistas, um número significativo para o tamanho da cidade naquela época.

O Cataguazes, ao relatar os acontecimentos sobre o início da greve, leva os leitores a acreditar em uma manifestação pacífica e que a princípio buscavam negociar suas reivindicações dentro da ordem e da lei. Afirma com veemência que não há indícios de qualquer disputa entre os trabalhadores e patrões que levassem à violência e ao desrespeito. Ao contrário, é salientado “a amizade e o carinho” dos operários aos seus empregadores. Ao mesmo tempo a imprensa chama a atenção para “dous ou três indivíduos desocupados e alheios à classe” que pretenderam impedir a volta de alguns operários ao trabalho.

Os operários da fabrica de Tecidos desta cidade desde segunda-feira manifestaram-se em greve pacífica, solidarizando-se com as operarias que haviam solicitado augmento de seus salários sem êxito.

Pela propaganda que fizeram obtiveram a adhesão das empregadas da catação de café do cel. João Duarte Ferreira, que pleitearam a mesma medida.

Como, porém, alguns operários resolvessem, dous ou três dias após, regressar ao trabalho, reuniram-se diversos indivíduos nas proximidades da Fabrica para impedir a entrada desses operários.

Sabedora do facto, a policia compareceu ao local e impediu que a ordem fosse alterada, garantindo a volta dos operários que haviam resolvido trabalhar.

É preciso salientar que a esse movimento foi extranho o operariado de Cataguazes que se manteve sempre em atitude pacífica. A desordem foi provocada por dous ou três indivíduos desocupados e alheios a classe, para os quaes chamamos a atenção da policia.<sup>250</sup>

A figura do trabalhador no discurso da imprensa sempre é definida como positiva ao trabalho, condescendente com sua situação e atuando socialmente de maneira pacífica.

Há sempre uma preocupação do jornal em mostrar a passividade do movimento, adotando um posicionamento que visa a defender a ordem e a justiça, elogiando a participação pacífica dos grevistas. A diretoria da Liga Operária também reforça o posicionamento defendido pela imprensa recomendando-lhes moderação no modo de falar e agir.

---

<sup>250</sup> AZEVEDO, Sandoval Soares (redactor). Greve. Cataguazes, Cataguazes, 29 fev. 1920. p.2.

Durante a greve, o jornal registra o caráter ordeiro e cordial dos operários, declarando esse movimento não só como uma causa do operariado, mas de todo o povo de Cataguases. Como se pode observar, o comportamento da imprensa junto ao movimento operário da cidade em nenhum momento atacou os operários. Essa atitude mais branda nos leva a articular as redes de interesse, as relações de força e poder que estavam em jogo e o grau de envolvimento do movimento operário, mediando forças e lutando para que suas reivindicações fossem atendidas.

Os discursos veiculados pelo Cataguazes não levam ao indicativo de que os interesses de uma elite industrial estavam sendo defendidos em detrimento da organização dos operários para buscarem melhores condições de trabalho. Não se espera também que a imprensa abrace a causa operária, as greves e manifestações assistidas no período em análise. Contudo, não há como negar que o operariado estava ajustado com as questões da causa operária e lutava por melhores condições de trabalho e bem-estar social.

O Cataguazes reforça essa postura pacífica dos operários ao publicar uma notícia do jornal Estado de Minas em 8 de fevereiro de 1920:

Nesta época de greves e em que só pelo uso de meios extremos os trabalhadores pretendem obter a melhoria se sua situação, merece especial destaque o procedimento dos operários da cidade de Cataguazes, para conseguir o aumento de seus salários.  
No dia 2 cerca de mil operários fizeram uma passeata pelas ruas da cidade, indo às fábricas, onde expuseram o que desejavam.  
Dissolveram depois, na maior ordem, não se registrando nenhum incidente.  
Essa conducta merece ampla divulgação, pois revela a boa compreensão de ordem que tem o operariado mineiro e envolve uma reprovação tácita aos modos por vezes violentos porque alguns operários tentam obter melhorias de seus salários.  
Do “Estado de Minas”

Em 29 de fevereiro de 1920, o Cataguazes, através da Columna Operária, noticia a adesão das operárias à greve:

As operarias da fabrica de tecidos desta cidade acham-se em greve desde segunda-feira passada, afim de obterem o augmento de 10% sobre a tabella dos preços que lhes eram pagos por metro de algodão.  
Solidários com as suas companheiras de trabalho, os demais operários daquelle estabelecimento fabril adheriram a greve, reinando entre todos a mais perfeita harmonia de vistas.  
Presentes um numero elevado de trabalhadores de ambos os sexos, a Filial da Liga Operaria de Além Parahyba em Cataguazes, realizou em sua sede social, à Villa Domingos Lopes, às 8 horas da noite de 23 do corrente, uma sessão extraordinária, afim de resolver diversos assumptos referentes ao movimento grevista.  
Aberta a sessão, usou da palavra o Presidente da Filial, sr. Antonio Firmo da Luz que percorreu longamente acerca do assumpto, orientando as grevistas e recommendando-lhes a maior ordem e circumspecção no modo de falar e sobretudo no modo de agir.  
Consultando as operarias se desejavam continuar em greve e como estas, unanimes, respondessem affirmativamente, o sr. Firmino da Luz apresentou então uma proposta a assembléa, que a aprovou immediatamente, proposta essa pela qual ficou estabelecido que fossem distribuídas listas entre o proletariado cataguazense em geral, afim de angariar dinheiro para a manutenção das operarias enquanto estiverem em greve.

Uzaram depois da palavra os snrs. Alzir Arruda e José Tato oradores da “Filial” e da “Liga Operaria Cataguazense” que recommendaram aos grevistas a maior calma e serenidade, concitando-os a se manterem unidos e coesos dentro da ordem e da lei, afim de evitarem qualquer accusação ao seu modo de proceder.

Produziu também um bonito discurso o sr. Domingos Alcantara, secretario da “Liga Operaria Cataguazense”.

Todos os oradores foram muito applaudidos tendo sido erguidos diversos vivas a classe operaria de Cataguazes.

Ainda para tratar do mesmo assumpto, a “Filial da Liga Operaria de Além Parahyba” realizou as 8 horas da noite de terça e quarta-feira ultimas, mais duas sessões extraordinárias, nas quaes se fizeram ouvir diversos oradores, que propuzeram algumas medidas para a solução do problema que agita neste momento os operários desta cidade.

Em 7 de março de 1920 a greve ainda era mantida pelos operários. É organizada uma comissão composta pelos srs. José Nunes Badaró, José Queiróz Pereira e Gilberto Teixeira Côrtes para negociar com os proprietários da fábrica. O Cataguazes publicava:

Em sessão extraordinaria levada a effeito as oito horas da noite de 28 do mez passado, na sede da “Filial da Liga Operaria de Além Parahyba em Cataguazes” os grevistas nomearam uma comissão composta dos snrs. José Nunes Badaró, José de Queiroz Pereira e Gilberto Teixeira Côrtes, para se entender com os proprietários daquelle estabelecimento fabril, no sentido de se obter um accordo que viesse solucionar a questão.

Essa comissão tudo fez para o cabal desempenho da missão que lhe foi outorgada e muito embora não tivessem recebido autorisação formal dos proprietários da fabrica para garantir aos operários o augmento de salário pedido, deixou claramente demonstrado que estes seriam attendidos, uma vez que se promptificassem a voltar ao trabalho.

Foi isto, em resumo, o que declarou na sessão realisada domingo passado, as 14 horas, na “Filial de Além Parahyba”, o sr. José Nunes Badaró, um dos membros da referida comissão. Collocada a questão nesse terreno, o sr. Alzir do Nascimento Arruda, orador official daquelle sociedade, usando da palavra, aconselhou aos grevistas que deviam terminar a parede decretada, pois havia cessado o motivo que a determinara.

Argumentando nesse sentido, mostrou o orador, que assim procedendo, os operários solucionavam o problema com honra e dignidade para ambas as partes litigantes.

As palavras do sr. Alzir Arruda foram secundadas pelo sr. Antonio Firmino da Luz, Presidente da “Filial” que depois de estudar largamente o assumpto, terminou appellando para os operários presentes para que estes resolvessem a questão como melhor lhes approuvesse.

Fallou também o sr. Jose Tato, orador da “Liga Operaria Cataguazense” que pediu ao operariado que se pronunciasse com calma e com ponderação, obedecendo tão somente os dictames de sua consciência.

Outros oradores, cujos nomes não nos foi possível obter, se fizeram ouvir ainda, ficando finalmente resolvido que a greve seria mantida.

Ainda que o orador official da Liga, Sr. Alzir Arruda, e outros oradores aconselhassem os grevistas a voltar ao trabalho, ficou resolvido que a greve seria mantida.

Em 4 de abril de 1920, o jornal publicou uma notícia sobre a decisão dos proprietários da fábrica de tecidos:

A fábrica de tecidos augmenta o salário de seus operários

A Fabrica de Tecidos, desta cidade, de propriedade da firma M. Ignacio Peixoto & Filhos que já havia anteriormente augmentado o salário de seus operários, acaba de estender igual favor às operarias que alli trabalham, augmentando de 15% o jornal de cada uma.

Em abril de 1920, o jornal publica o fim da greve. Entretanto, é possível perceber a interferência do jornal, que usa de política conciliatória e de apoio aos proprietários das fábricas para convencer os operários a voltar ao trabalho.

Os motivos da greve, entretanto, deixaram de existir, com a declaração feita pela comissão que procurou se entender com os proprietários da fabrica de tecidos, comissão essa que percebeu perfeitamente da parte delles o intuito de satisfazer as aspirações de seus operários, uma vez que esses recommçassem a trabalhar.

É verdade que aquelles industriaes não autorisaram a comissão referida a garantir ou prometter o augmento de salário pleiteado, mas, uma vez que esta notou a melhor vontade nesse sentido, necessário se torna que os operários meditem profundamente no acto que estão commsteado, mantendo-se numa atitude que pode acarretar-lhes os maiores prejuízos. Estimamol-os muito e por isso seríamos incapazes de inculir-lhes no animo a pratica dum acto dessa natureza, que os collocaria numa situação vexatória. Mas, olhada a questão pelo seu verdadeiro prisma, justo é que se reconheça que não há mais razão para a continuação da greve.<sup>251</sup>

Ao final da greve o Cataguazes faz um pequeno comentário, relatando a gratidão dos operários pelos industriais, por serem beneficiados “espontaneamente” pelo aumento dos salários. O fim da greve seria festejado com um convescote organizado pelos operários, tendo como objetivo homenagear aos sócios da Fábrica de Tecidos Manoel Ignácio Peixoto & Filhos.

Convescote, promovido pelos operários  
Os operários da Fabrica de Tecidos M. Ignacio Peixoto & Filhos promovem para o dia 1º de maio futuro um convescote nos arredores desta cidade, na fazenda Louro.  
Para essa – em homenagem aos sócios do importante estabelecimento industrial – tivemos a gentileza de um convite. Querem os operários traduzir a sua gratidão aos dignos industriaes que expontaneamente lhes augmentaram o salário, do mesmo passo que os vem captivando pela gentileza de continuas atenções e deferimentos aos seus pedidos.<sup>252</sup>

É notório que a imprensa na intenção de afirmar a harmonização das forças em conflito, promove um discurso de conciliação entre capitalistas e trabalhadores e a volta dos operários ao trabalho. Os discursos transmitidos pelo Cataguazes nos levam ao indicativo de que os interesses da elite industrial estariam defendidos pela imprensa ao buscar articular os interesses, as relações de força e poder que estavam em jogo, mediando de forma conciliatória as forças em luta.

---

<sup>251</sup> AZEVEDO, Sandoval Soares (redactor). A greve. Cataguazes, Cataguazes, p.2, 7 mar. 1920.

<sup>252</sup> AZEVEDO, Sandoval Soares (redactor). Convescote promovido pelos operários. Cataguazes, Cataguazes, p.2, 25 abri. 1920.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa dissertação tivemos como principal objetivo analisar o processo de formação da classe operária cataguasense, no interior da Zona da Mata Mineira, entre 1906 e 1923.

Investigar a formação do operariado em Cataguases nos possibilitou conhecer um pouco da História que até então tinha sido relegada por outros historiadores, que tentaram também escrever sobre outros aspectos da cidade. Ao percorrer um caminho que experimentou algumas vias e que por várias razões outras tantas que foram deixadas de lado tentamos apresentar algumas considerações que abrissem possibilidades de dar continuidade a esta temática. Esse é um ângulo ainda pouco explorado, que pode oferecer muitas contribuições para que se entenda melhor a classe operária em Cataguases.

Procuramos nessa pesquisa analisar a experiência de uma associação operária no interior da Zona da Mata Mineira, que, através da construção de seu próprio espaço, evidenciou a necessidade de organizar-se enquanto grupo de trabalhadores que passavam pela experiência laboral nas indústrias que se formavam, no início do século XX. Naquele contexto, em que a cidade passava por grandes transformações urbanas e demográficas, buscou-se uma mudança no processo de organização dos trabalhadores.

Para realizar esse estudo foi necessário examinar a interação das vivências sociais e pessoais em seus múltiplos papéis nas quais se inserem os operários cataguasenses. Tornaram-se necessárias as identidades articuladas pelos trabalhadores cataguasenses durante as primeiras décadas do século XX: como se definiam, em quais eventos eram mobilizados e como a Liga Operária Cataguazense se fez presente nesse momento.

Nesse processo está a classe trabalhadora, entendida, em nosso texto, como o resultado de experiências comuns – herdadas, partilhadas ou sentidas entre os homens, que articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem)<sup>253</sup> dos seus.

Nos primeiros anos de formação do movimento operário, estavam presentes na cidade alguns imigrantes e pessoas influentes da cidade, que de alguma forma contribuíram para o engendramento de uma associação que se fez presente de forma significativa na vida

---

<sup>253</sup> THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. 2. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 18.

dos trabalhadores, entre anos de 1904 a 1923. Influenciada por ideologias diferenciadas, a Liga teve como característica uma forte influência das ideias mutualistas. Essa experiência associativa permitiu que os trabalhadores vivenciassem na dinâmica de sua formação, repleta de ambiguidades, avanços e recuos, união e dissensão, o sentido de unidade, de solidariedade, sem a qual não seria possível imaginar a coesão e a identidade para que a classe se constituísse como tal.

Utilizamos como referencial três aspectos constitutivos da classe operária: classe, consciência de classe e cultura. Esses conceitos utilizados por Thompson e Hobsbawm foram fundamentais para articular a posição que as pessoas ocuparam no processo produtivo e nas relações que estabeleciam entre si. Também foi possível entender em que sentido e através de que mediações as relações de produção propiciam os antagonismos entre classe como também as relações intraclasse.

Ao longo da pesquisa procuramos delimitar o “lugar social” onde o operário era dado a manter-se, em um comportamento baseado na conduta ético-moral, não apenas em seu local de trabalho, mas também em sua rede de sociabilidade. Levamos em consideração que esta conduta honrada estava impregnada nos padrões da sociedade do período.

Iniciamos uma discussão a partir da observação das relações de organização do operariado, buscando analisar a circulação de ideias que circulavam na cidade e outras como o Rio de Janeiro, veiculadas através do jornal Cataguazes.

Observamos que mesmo que a identidade operária tenha se confundido e reafirmado com o perfil masculino, o aparecimento e a expansão de novas fábricas, especialmente as têxteis e alimentícias passaram a utilizar a mão de obra feminina, quando as mulheres se fizeram notar nos locais públicos e locais de trabalho, ocupando espaços antes predominantemente masculinos.

Procuramos analisar também as comemorações do Primeiro de Maio em Cataguazes, momentos significativos na trajetória da Liga Operária Cataguazense. Buscamos entender a data como um ritual público de reconhecimento da memória histórica e universal a ser compartilhada pelo operariado.

Vários questionamentos ficaram sem respostas, tais como o número de trabalhadores existentes em Cataguazes, o estatuto da Liga em sua íntegra, o livro dos associados, entre outros documentos que nos levaram a omitir sobre certos dados no período analisado. Mas considero, ainda, que aspectos importantes foram tratados e as fontes disponíveis utilizadas de forma exaustiva, para que pudéssemos dar conta do estudo proposto. Portanto, nos foi possível apontar a maneira como a Liga Operária, junto aos trabalhadores de Cataguazes,

construiu diversas respostas para seus problemas cotidianos, utilizando-se de várias formas de acordo com as tensões vividas naquele momento.

De acordo com Michaliszým e Tomazini, o processo torna-se infinito, porque cada um consegue ler aquilo que compreende e sua interpretação será a partir do mundo que habita.”<sup>254</sup>

Enfim...

Procuramos, com esse trabalho, destacar as atividades realizadas pela Liga durante o período estudado, envolvendo situações que evidenciam o caráter vanguardista e híbrido de uma associação que faz parte da história de alguns operários daquela época. Formada por pessoas que lutaram pela causa operária, tinha um comportamento diversificado em função de circunstâncias sociais e pessoais. Era uma totalidade, ou, tautologicamente, era a própria classe operária, com letras maiúsculas, destinada a salvar-se a si mesma como ente coletivo e, em seguida, a desaparecer ao longo do processo histórico, quando sua ação já não conseguia mais sobreviver às intempéries da história.

---

<sup>254</sup> MICHALISZYN, Mário Sérgio & TOMASIM, Ricardo. *Pesquisa: o artesanato intelectual e seus artifícios*. Curitiba, Protexoto, 2004. p.30.

#### 4 - REFERÊNCIAS

ABENDROTH, Wolfgang. **A história social do movimento trabalhista europeu**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

BATALHA, Cláudio H. de Moraes. **O Movimento Operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

BATALHA, Cláudio H. M. “Uma outra consciência de classe? O sindicalismo reformista na Primeira República”. In: **Ciências Sociais Hoje**, 1990. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

BATALHA, Cláudio H. M. **Sociedades de Trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX**: algumas reflexões em torno da formação da classe operária. Cad. AEL, v.6, n.10/11. 1999.

BATALHA, Cláudio H. M. “**Nós, filhos da Revolução Francesa**”, a imagem da Revolução no Movimento Operário Brasileiro no início do século XX. Rev. Bras. de História. São Paulo. v. 10 , n. 20 . Mar 91/ago.91.

BATALHA, Cláudio H. M. et al (org.) **Culturas de classe**. Campinas: Unicamp, 2004.

BATALHA, H. M. Cláudio. **Os desafios atuais da História do Trabalho**. Anos 90, Porto Alegre, v.13, n.23/24, jan.dez. 2006.

BILHÃO, Isabel. **Identidade e Trabalho**: análise da construção identitária dos operários Porto-Alegrenses (1896-1920). Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal do Rio grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BILHÃO, Isabel. **Mulheres trabalhadoras**: relações entre as identidades de gênero e operária no final do século XIX e início do século XX. ANPUH/SP. USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

BLASENHEIM, P. L. **As ferrovias de Minas Gerais no século XIX**. In: Locus: Revista de História. Juiz de Fora: ED UFJF. v. 2, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989.

CAPRI, Roberto. **Minas Gerais e seus municípios**: Zona da Mata. São Paulo: Poca Weiss & Comp. 1916.

CARONE, Edgar. **Classes sociais e Movimento Operário**. São Paulo: Ática, 1989.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. **O jornal como fonte privilegiada de pesquisa histórica no campo educacional**. Fortaleza: FAGED/UFC, s/n, 2000.

CHAUÍ, M.& FRANCO, M. S. C. **Ideologia e Mobilização Popular**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

COSTA, Levy Simões. **Cataguases Centenária**.1977.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**: estudo sobre seu pensamento político. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CRUZ, Heloisa de Faria, PEIXOTO. **Projeto História**. São Paulo, n.35, dez. 2007.

DEL PRIORE, Mary. (org). **História das mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

DUARTE, Renata Garcia Campos. **“Uma outra consciência de classe”**: a alternativa política ideológica da sociedade operária italiana de beneficência e mútuo socorro em Belo Horizonte.

DUTRA, Eliana de Freitas. **Caminhos Operários nas Minas Gerais**. São Paulo: Hucitec, 1988.

FAUSTO, Boris. **Trabalho Urbano e conflito social**. (1890-1920). Rio de Janeiro: Difel, 1986.

FENELON, Déa et al. **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d’água, 2004.

FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília de Almeida N.(org.) **O Brasil Republicano**. O tempo do liberalismo excludente. v.1, RJ, civilização Brasileira, 2003.

FUNDAÇÃO CULTURAL ORMEO JUNQUEIRA BOTELHO. **100 anos de luz**: Companhia Força e Luz Cataguazes-Leopoldina. Cataguases: Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho, 2006.

FUNDAÇÃO CULTURAL ORMEO JUNQUEIRA BOTELHO. **Os 100 do século em Cataguases**. Cataguases: Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho, 2000.

GIANOTTI, Vito. **História das lutas dos trabalhadores no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

GIROLETTI, Domingos. **Fábrica, convento e disciplina**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991.

GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do Trabalhismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

GOMES, P. E. Salles. **Humberto Mauro**: Cataguases, cinearte. São Paulo. Perspectiva; Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

GORENDER, J. **A burguesia brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 3. ed., 2. reimpr., junho de 1998.

GRAMSCI, A. **Introdução ao estudo da Filosofia**. A Filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

HALL, Michel M. & PINHEIRO, Paulo S.. **Alargando a História da Classe Operária**. Remate de Males . nº 5. 1985.

HARDMAN, Francisco Foot & LEONARDI, Victor. **História da Indústria e do Trabalho no Brasil**. São Paulo: Ática: 1982.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem Pátria, nem patrão**: Vida operária e cultura anarquista no Brasil. São Paulo: Brasiliense: 1983.

HAUPT, Georges. **“Por que a História do Movimento Operário?”**. Revista Brasileira de História. n. 10, 1986.

HOBBSAWM, E. J. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1979.

HOBBSAWM, E. J. **Mundos do Trabalho**: novos estudos sobre a história da classe operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Tradução Marcos Santarrita. Revisão técnica, Maria Célia Paoli. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

HOGGART, Richard. **As Utilizações da Cultura**: Aspectos da vida da classe trabalhadora. Lisboa: Presença. 1973.

JONES, Gareth Stedman . **Lenguajes de classe**. Estudios sobre La historia de La classe obrera inglesa.(1832-1932) . Madri; Siglo Veintiuno Editores, 1989.

LONER, Beatriz Ana. **Construção de Classe**. Operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930). Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. Editora Universitária: Unitrabalho. 2001

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARAM, S. L. **Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.

MATOS, Vanessa Cristina Santos. **Gênero e trabalho**: um olhar sobre as greves operárias de junho e setembro de 1919 (Bahia-Salvador). 2008. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e feminismo.

MICHALISZYN, Mário Sérgio & TOMASIM, Ricardo. **Pesquisa**: o artesanato intelectual e seus artifícios. Curitiba: Protexito, 2004.

MOURA, Esmeralda Blanco B. de. **Mulheres e menores no trabalho industrial**: os fatores sexo e idade na dinâmica do capital. Petrópolis: Vozes, s/d .

OLIVEIRA, Luis Eduardo de. **Os trabalhadores e a cidade**: a formação do proletariado de Juiz de fora e suas lutas por direitos (1877-1920). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

PAOLI, Maria Célia. **Os Trabalhadores Urbanos na Fala dos Outros: tempo, espaço e classe na história operária brasileira.** In: *Cultura e Identidade Operária* (coord. José Sérgio Leite Lopes). Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1987.

PASSOS, Daniela Oliveira R. **A Influência das diversas correntes ideológicas no movimento operário belorizontino no início do século XX.** *Revista Anagrama*. Ano. 2. Ed. 1. set/Nov. 2008.

PAULA, Dilma Andrade de. **Passado, trilho e esquecimento: a trajetória da Estrada de Ferro Leopoldina.** *R IHGB*, Rio de Janeiro, jan/mar, 2002.

PERROT, Michele. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

PINHEIRO, Paulo Sérgio Pinheiro e HALL, Michel M. **A Classe Operária no Brasil.** Documentos (1889-1930). V.1: O Movimento Operário. São Paulo: Editora Alfa Omega, 1979.

PIRES, Anderson. **Tendências da Produção agroexportadora da Zona da Mata de Minas Gerais.** 1870/1930. In: *Locus, Revista de História*, Juiz de Fora, 1997, v.3, n. 2.

PRADO JUNIOR, C. **História Econômica do Brasil.** São Paulo: Editora Brasiliense, 34. ed., 1986.

PRADO. A. A. (Org.). **Libertários no Brasil: memória, lutas e cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

RALLE, Michel. A festa militante. In: BATALHA, Claudio H. M; SILVA, Fernando Teixeira da e FORTES, Fernando (org.). **Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado.** Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.

RIBEIRO FILHO, Joaquim Branco. **Passagem para a modernidade.** Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002.

SFERRA, Giuseppina. **Anarquismo e Anarcosindicalismo.** São Paulo: Ática, 1987.

SILVA, Arthur Vieira de Resende e. O Município de Cataguases: Esboço histórico. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, n. 13, 1909.

SILVEIRA, José Mauro Pires. O café e a estrada de ferro Leopoldina: uma confluência de interesses (1874-1898). *Revista de Humanas*, v.9, n. 1, jan./jun. 2009. I, p. 110-117.

SILVEIRA, José Mauro Pires. Os ramais da Estrada de ferro Leopoldina no sul da Zona da Mata de Minas Gerais -1872 a 1898. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, 163(414): jan/mar. 2002.

THOMPSON, E. P. **A formação da Classe Operária Inglesa: V.1, A árvore da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Tradução: Rosaura Eichemberg. São Paulo: Cia das Letras: 1998.

VENDRAMINE, Célia Regina. **A contribuição de E. P. Thompson para apreensão dos saberes produzidos no trabalho**. Texto apresentado na I jornada de estudos sobre Produção e Legitimação de saberes no/do Trabalho, realizada na UNISINOS, nos dias 27 e 29 de março de 2006.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **As relações públicas e privadas: mutualismo e filantropia no Brasil**. Anais do XXIX Encontro da Associação Portuguesa de História Económica e Social. Porto: 2009. Disponível em:

[http://web.letras.up.pt/aphes29/data/5th/ClaudiaViscardi\\_Texto.pdf](http://web.letras.up.pt/aphes29/data/5th/ClaudiaViscardi_Texto.pdf)

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

## **FONTES**

Jornais:

**Cataguazes** – Acervo: Centro Cultural Eva Nil

1906 – NUM. 1 – 52

1907 – NUM. 53 – 103

1908 – NUM. 104 – 156

1909 – NUM. 157 – 207

1910 – NUM. 208 – 262

1911 – NUM. 263 – 310

1912 – NUM. 311 – 359

1913 – NUM. 360 – 408

1914 – NUM. 409 – 422

1915 – NUM. 1 – 64

1916 – NUM. 65 – 114

1917 – NUM. 115 – 165

1918 – NUM. 166 – 215

1919 – NUM. 216 – 268

1920 – NUM. 269 – 301

1923 – NUM. 452 – 473

**Diário de Cataguazes** – Acervo: Centro Cultural Eva Nil

1914 – n. 1 - 124

**Tribuna Popular** – Acervo: Centro Cultural Eva Nil

1914 – n. 1 a 6

1915 – n. 7 a 40

**A voz do trabalhador** – Ano VI, n. 39-40, outubro de 1913. Rio de Janeiro.

Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/72382565/36902572-O-Segundo-Congresso-Operario-Brazileiro-Rio-de-Janeiro-1913>

**Diário Oficial** – Seção 1, página 20, 20 de março de 1905

Disponível em: [www.jusbrasil.com.br](http://www.jusbrasil.com.br)

**Revista da Mata** – Acervo: Departamento Histórico de Cataguases (DEMPHAC)

Anno 1, nº 2, fevereiro de 1917

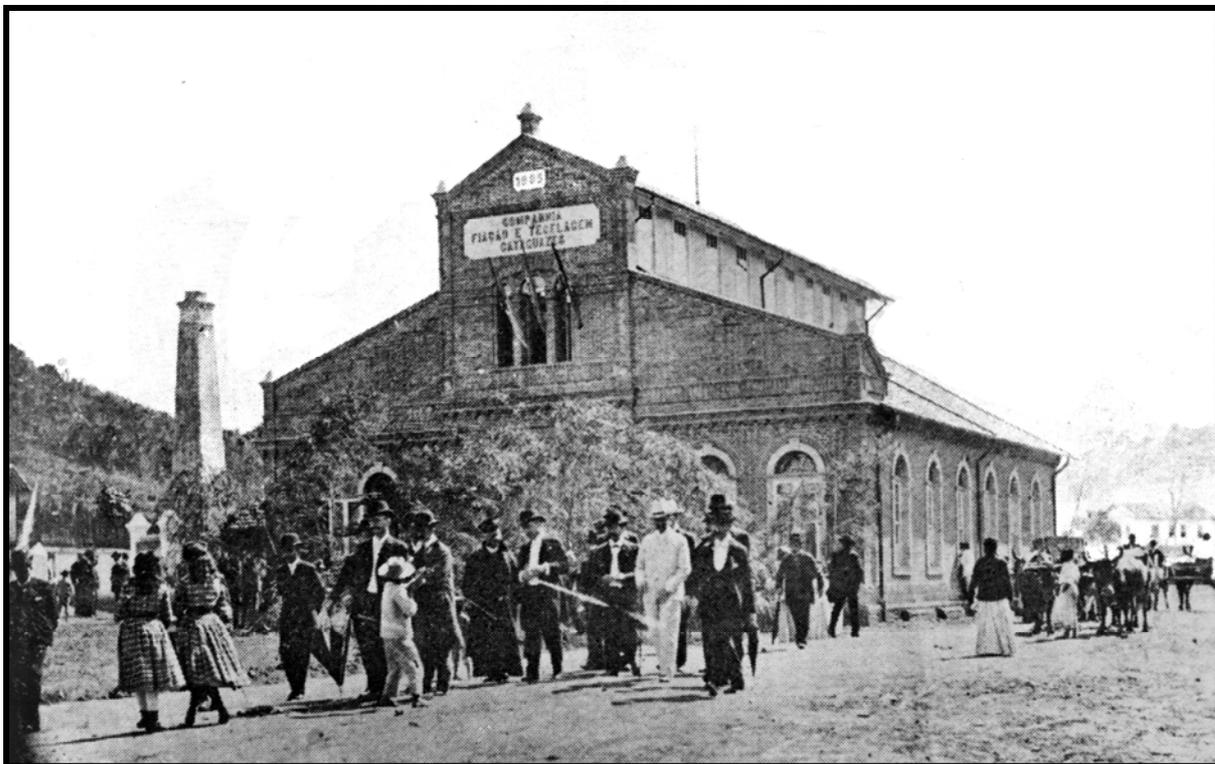
## ANEXO A - Estação inicial da Estrada de Ferro Cataguazes – s/d



Estação inicial da antiga Estrada de Ferro Cataguazes

Acervo: Departamento Histórico de Cataguases (DEMPHAC)

## ANEXO B - Fábrica de Fiação e Tecelagem Cataguazes – 1906



Inauguração da Companhia Fiação e Tecelagem de Cataguazes em 01 de Agosto de 1906.

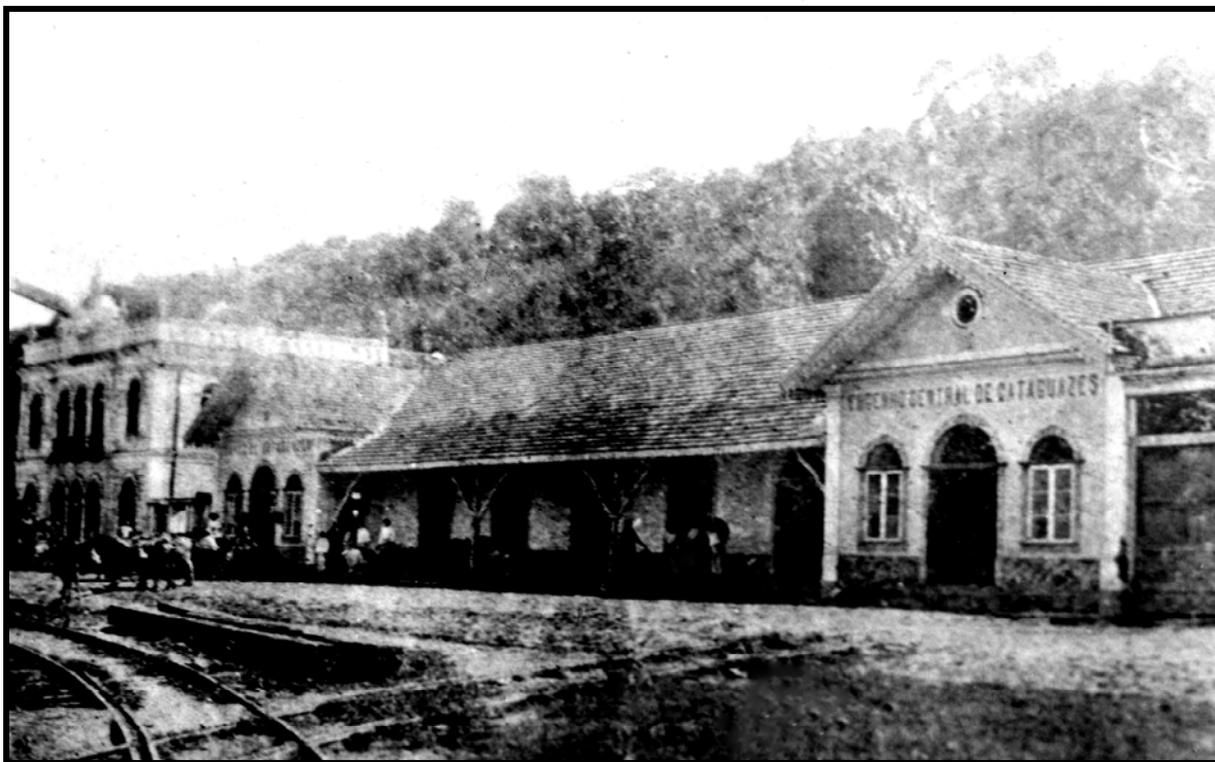
Acervo: Departamento Histórico de Cataguazes (DEMPHAC)

## ANEXO C - Respectivamente interior e fachada da Fábrica de Tecidos União Industrial -1913



Acervo: Departamento Histórico de Cataguases (DEMPHAC)

## ANEXO D - Engenho Central de Cataguases - 1907



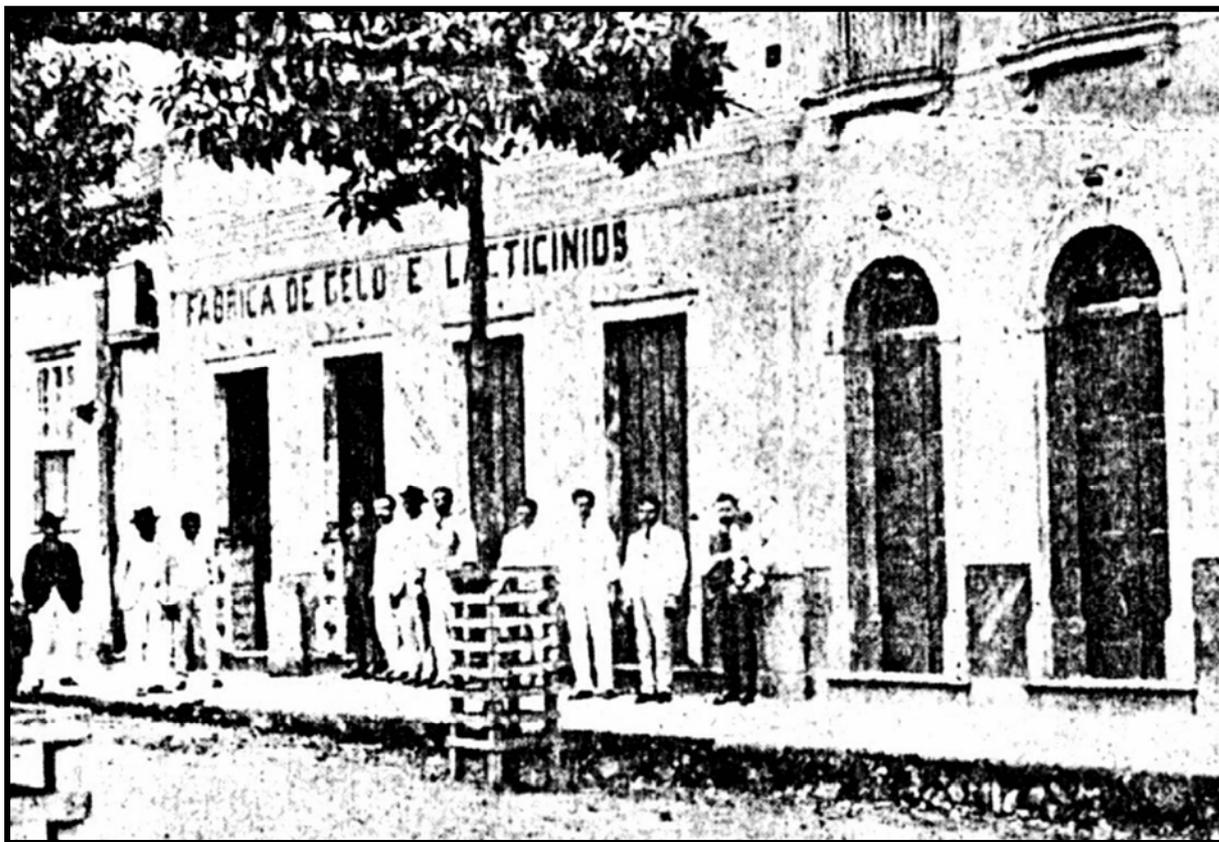
Acervo: Energisa

## ANEXO E - Estabelecimento Industrial Nogueira &amp; Companhia - 1914



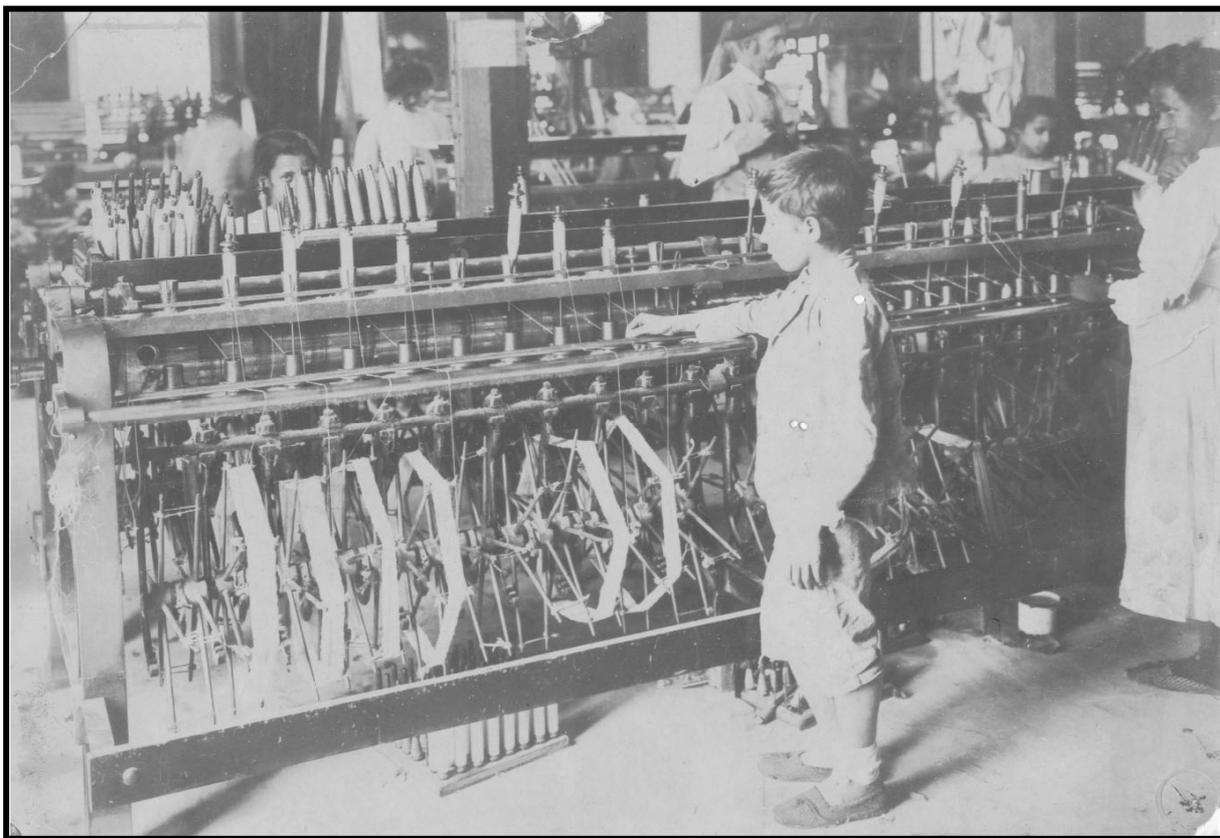
Acervo: Energisa

## ANEXO F - Fábrica de Gelo e Laticínios - 1914



Acervo: Energisa

## ANEXO G - Interior da Fábrica de Fiação e Tecelagem Cataguazes – Déc. de 10, Século XX

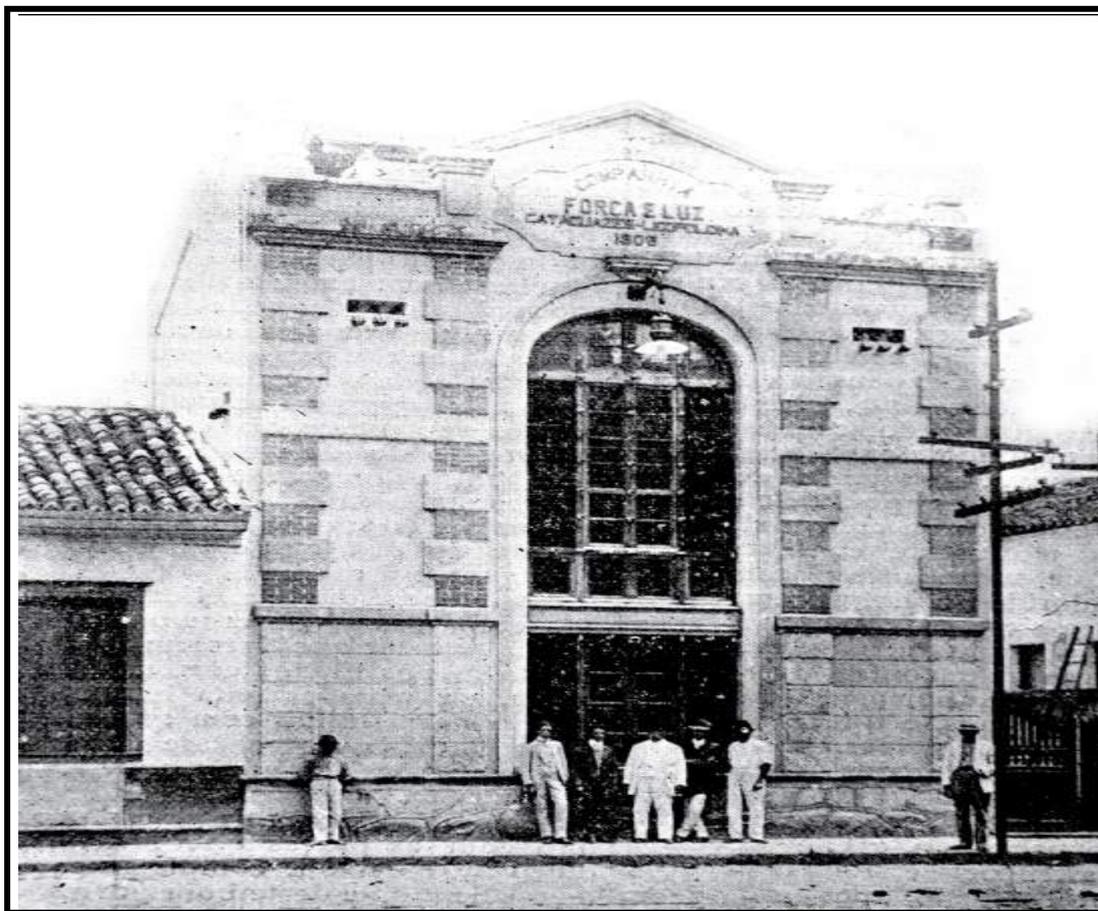


Acervo: Instituto Nossa Senhora do Carmo



Acervo: Departamento Histórico de Cataguases (DEMPHAC)

## ANEXO H - Companhia Força e Luz: Cataguazes-Leopoldina – 1908



Acervo: Energisa

## ANEXO I - Fábrica de calçados José Schettini - 1913



Acervo: Departamento Histórico de Cataguases (DEMPHAC)

## ANEXO J - Casa Fenelon – Déc. de 10, Século XX



Acervo: Departamento Histórico de Cataguases (DEMPHAC)

ANEXO L - Respectivamente fachada e interior do Cine Theatro Recreio – Década de 10, Século XX



Acervo: Departamento Histórico de Cataguases (DEMPHAC)

## ANEXO M - Programação da festa realizada pela Liga Operária Cataguazense

**FESTIVAL.**

em honra a visita dos dignissimos  
Operarios das Officinas de Porto Novo  
A  
**CATAGUAZES**

Devendo aqui chegar no dia 7 do corrente, ás 9 horas da manhã, mais ou menos, um trem especial conduzindo os Operarios das Officinas de Porto Novo, em visita a nossa cidade, a Liga Operaria Cataguazense, coadjuvada pelo povo, tomou a si a incumbencia de promover o festival de recepção de tão dignos visitantes, cujos festejos obedecerão o seguinte

**PROGRAMMA**

A's 8 1/2 horas da manhã partirão da sede social da Liga Operaria todas as associações e comissões acompanhadas da philarmonica LYRA CATAGUAZENSE para a estação da Leopoldina Railway, onde aguardarão a chegada do comboio especial.

Após o desembarque dos illustres visitantes, serão os mesmos, na praça da estação em frente ao Hotel villas, saudados pelo talentoso moço Exmo. Sr. Dr. Sandoval Soares de Azevedo, dignissimo Promotor Publico da Comarca, que falará em nome do Operariado e do povo de Cataguazes.

Em seguida o presito dos Operarios visitantes, será acompanhado pelo povo, na sua passeata de saudação a Camara Municipal, auctoridades e redacções.

A 1 hora da tarde a esplendida banda LYCEU OPERARIO que acompanha os visitantes, se dirigirá ao jardim do Largo do Commercio, onde será recebida pela LYRA CATAGUAZENSE.

Haverá em seguida agradabilissima retreta pelo LYCEU OPERARIO, que occupará um coreto especialmente preparado para esse fim.

Nessa occasião terá inicio a acostumada kermesse annual em favor dos cofres sociais da Liga Operaria Cataguazense.

Em alguns nos intervallos da retreta da Lyceu Operario, a Lyra Cataguazense tambem se fará ouvir.

A's 4 horas será jogado no Gymnasio um *match* de football entre o 1º e 2º team do "Antonio Amaro Club," dedicado aos illustres visitantes,

A's 4 1/2 horas da tarde, a LYGA OPERARIA CATAGUAZENSE com o seu primitivo prestito, partirá do Largo do Commercio em direcção a gare da Leopoldina, afim de levar as suas despedidas aos dignissimos visitantes.

A sede social da Liga Operaria Cataguazense, á Rua Dr. Murgel, e bem assim o Theatro Recreio Cataguazense no Largo do Commercio, estarão abertos durante o dia, para receber os visitantes que por ventura necessitarem de descanso.

Sendo esperada tambem uma comissão do commercio de Porto Novo, a comissão organisadora da recepção, solicita do commercio local o fechamento de suas portas pela manhã e nomeação de uma comissão especial para receber os seus dignissimos collegas.

Cataguazes, 1 de Setembro de 1915.

A COMMISSÃO